

Agosto 2013

IV SÉRIE - Nº 33

BIMESTRAL

Macau

Economia
PRODUTOS
MADE IN MACAU

Diáspora
200 ANOS DA
IMIGRAÇÃO CHINESA
NO BRASIL

Pessoas
QUATRO IRMÃS,
QUATRO MISSES

NEGÓCIOS QUE RESISTEM

Pequenas empresas lutam
para manter tradições de gerações



澳門

Macao

理想的會議展覽舉辦地
THE IDEAL MICE DESTINATION

- 世界旅遊休閒中心、國際級會展設施
A World Tourism and Leisure Centre Equipped with World-class Convention and Exhibition facilities
- 位處大珠三角地區、地理位置優越
Advantageous location in the Greater Pearl River Delta region
- 政府提供鼓勵會展優惠政策
The Government provides preferential policies to encourage the development of the convention and exhibition industry
- 貿易投資促進局提供會展競投及支援“一站式”服務
IPIM provides “One-Stop Service” for MICE Bidding and Support in Macao

會展競投及支援“一站式”服務

“One-Stop Service” for

MICE Bidding and Support in Macao

服務內容 • SERVICE FIELDS

招攬、引進會展活動在澳門舉辦	◆ Attract and introduce convention and exhibition projects to Macao
協助競投會展項目	◆ Assist in bidding for convention and exhibition projects
“一站式”會展資訊	◆ “One-stop” Convention and exhibition updates
委派專人協助跟進落實在澳門舉辦會展項目	◆ Designated staff to provide follow-up service and assist in organising events in Macao
協助申請會展活動激勵計劃	◆ Assist in the application for the Convention and Exhibition Stimulation Programme
協助於本局參與之活動 (澳門境內外) 進行宣傳推廣	◆ Provide publicity and promotion opportunities in local and overseas events participated by IPIM
協調與本澳相關政府部門聯繫	◆ Co-ordinate and liaise with Macao government departments
協助在澳成立公司開展會展項目	◆ Assist Macao Companies to develop MICE projects
提供會展合作配對服務，協助尋找合作伙伴	◆ Provide MICE cooperation matching service in search for potential partners

IPIM 澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

聯絡資料 / Contact Information :

地址：澳門友誼大馬路918號世貿中心一至四樓

Address : Av. Amizade, No. 918, Edif. World Trade Centre, 4 andar, Macau

網址 Website : www.ipim.gov.mo / 電郵 E-mail : mice-onestop@ipim.gov.mo

電話 Tel: (853) 2871 0300 / 傳真 Fax: (853) 2859 0309 / 2872 6777

網址 Website : www.ipim.gov.mo

辦公時間 / Office Hours :

上午 Morning :

09:00 – 13:00 (星期一至五 / Monday to Friday)

下午 Afternoon :

14:30 – 17:45 (星期一至四 / Monday to Thursday)

14:30 – 17:30 (星期五 / Friday)



DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADEGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**Delta Edições, Lda.
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601**EDITOR**

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Rita Ferreira

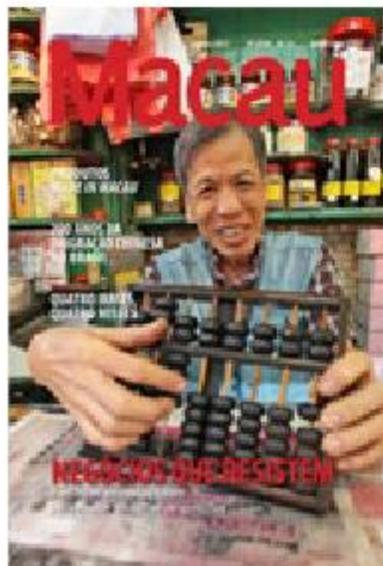
KauTím - Productive Creations, Ltd

COORDENAÇÃO DE MARKETING

Marta Vaz Silva

COLABORAM NESTA EDIÇÃO:**Texto:** Alexandra Lages, António Graça de Abreu,
Carlos Picassinós, Cláudia Aranda, Diana do Mar,
Fernanda Ramone (Brasil), Filipa Queiroz,
Luís Sá Cunha e Nuno G. Pereira**Fotografia:** Fabiano Zig (Brasil),
Gonçalo Lobo Pinheiro e Paulo Cordeiro (Portugal)**TRADUÇÃO:** Cecília Lin**FOTOGRAFIA DA CAPA:** Gonçalo Lobo Pinheiro**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial “First International”
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com**IMPRESSÃO:** Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL****ANGOLA:** AOA 2,620.00 | **BRASIL:** BRL 56.00
CABO VERDE: CVE 2,459.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,634.00
MACAU: MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 771.00
PORTUGAL: EUR 22.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 546,445.00
TIMOR-LESTE: USD 28.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 35.00

Macau



No dia 20 de Dezembro de 1999 foi criada a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) como parte inalienável da República Popular da China. Esse acto constituiu a aplicação à prática do acordado em 1987 entre a China e Portugal na Declaração Conjunta sobre a Questão de Macau.

Nos termos do chamado princípio Um País Dois Sistemas, que foi defendido por Deng Xiaoping, a RAEM está autorizada a exercer “um alto grau de autonomia” e a gozar de poderes executivo, legislativo e judicial independentes, não se aplicando em Macau o sistema e as políticas socialistas.

A Assembleia Legislativa da RAEM, que vai a votos no dia 15 de Setembro deste ano pela quinta vez desde o estabelecimento da RAEM (como se pode ler nesta edição da MACAU), é o órgão legislativo da RAEM. É maioritariamente composta por membros eleitos, embora essa eleição seja feita segundo dois sistemas diferentes. A partir das presentes eleições 14 dos deputados são eleitos pelo sufrágio directo, 12 pelo sufrágio indirecto (eleitos por associações representativas da sociedade) e sete são nomeados pelo Chefe do Executivo, que é o dirigente máximo do Governo da RAEM.

Cabe à Assembleia Legislativa aprovar a proposta de orçamento e debater as linhas de acção governativa apresentadas anualmente pelo Chefe do Executivo, aprovar leis, debater questões de interesse público e receber e tratar das queixas apresentadas pelos residentes de Macau, entre outras competências, nos termos da Lei Básica (“mini-constituição”) da RAEM.

LUÍS ORTET

ÍNDICE

REGATAS INTERNACIONAIS DE BARCOS-DRAGÃO

As fotos da competição que enche o lago Nam Van, 10
Gonçalo Lobo Pinheiro

ELEIÇÕES 2013

O que muda no sistema eleitoral da RAEM, 18
Diana do Mar

NANSHA, O NOVO DISTRITO DO DELTA DO RIO DAS PÉROLAS

Um motor da modernidade abre portas a Macau, 24
Mark O'Neill

A ALMA DOS NEGÓCIOS TRADICIONAIS

De geração em geração a preservar tradições, 30
Diana do Mar

PRODUTOS MADE IN MACAU

Uma pequena indústria cheia de vitalidade, 42
Alexandra Lages

MEMÓRIAS DE MISSES

Quatro irmãs, quatro histórias de beleza, 54
Nuno G. Pereira

200 ANOS DE IMIGRAÇÃO CHINESA NO BRASIL

O crescimento de uma comunidade multicultural, 70
Fernanda Ramone e Vanessa Amaro

COMO A CHINA ABRAÇOU O MUNDO

A pujança do Instituto Confúcio, 80
Nuno G. Pereira

UMA PONTE PARA A LUSOFONIA

Instituto Confúcio em Lisboa, 86
Carlos Picassin

TÃO DIFERENTES, TÃO IGUAIS

Instituto Confúcio no Brasil, 92
Nuno G. Pereira

80 ANOS DE VIDA EM LIVRO

Jardim de Infância D. José Costa Nunes, 96
Cláudia Aranda

O GOVERNADOR BRASILEIRO DE MACAU

A breve passagem de Lucas José de Alvarenga, 104
Luís Sá Cunha

ÍCONES CHINESES: FAI CHI

O hábito milenar de se comer com pauzinhos, 110

UMA DÉCADA A DIVULGAR TALENTOS

Creative Macau em exposição comemorativa, 114
Cláudia Aranda

MEMÓRIAS: A ILHA VERDE DE 1950

Refúgio de jesuítas e pescadores, 128

Aconteceu, 4

Espectáculos e Exposições, 120

Discos, 124

Livros, 126

VENDEDORES DE PASSADOS

O pequeno comércio de Macau tem vindo a ressentir-se de um acelerado desenvolvimento avesso ao tradicional. Enquanto têm as portas abertas vendem passados, muitas vezes mais como um modo de vida do que de subsistência.

p. 30

'MADE IN MACAU': UM RETRATO DAS FÁBRICAS LOCAIS

A economia de Macau não é feita apenas de grandes empresas. Há um pouco por todo o território pequenas fábricas com dezenas de anos de história. No total, são 37 empresas locais e 306 produtos produzidos na RAEM.

p. 42

QUATRO IRMÃS, QUATRO MISSES

Mina, Dina, Bela e Guiomar Pedruco são património vivo da RAEM – as únicas quatro irmãs a vencerem um concurso de Misses exibem uma beleza à prova do tempo. Quase 25 anos após a primeira tiara, contam a sua história à MACAU.

p. 54

200 ANOS DA IMIGRAÇÃO CHINESA NO BRASIL

Os primeiros chineses a entrar no Brasil eram mão-de-obra barata para o sector agrícola e tinham a missão de introduzir o chá no país. Hoje, 200 anos depois, a comunidade chinesa está bem estabelecida e integrada.

p. 70

A BREVE GOVERNAÇÃO DE UM BRASILEIRO EM MACAU

Nasceu em Minas Gerais, formou-se em Direito em Coimbra e foi para Goa como ajudante do Conde de Sarzedas. Nomeado governador geral de Macau, José Lucas de Alvarenga exerceu o cargo em 1809 e 1810, vivendo um período conturbado da história do território.

p. 104

* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.

25^o Concurso Internacional de Fogo de Artifício de **MACAU** 2013



14, 19, 21, 28/9, 01/10

21h00 e 21h40

Baía frente à Torre de Macau



Concurso Internacional de Fogo de Artifício



Associação dos Serviços de Fuzilarias

Jovens empresários com mais incentivos

O Conselho Executivo anunciou no início de Junho as regras de um novo projecto que pretende apoiar jovens a lançarem um negócio de raiz e que não tenham capital para o fazer, num montante máximo de 600 mil patacas. A ideia é apoiar a diversificação da economia, mas também estimular a competitividade dos mais novos, com idades compreendidas entre os 21 e 44 anos. O empréstimo sem juros deve ser reembolsado num prazo de oito anos em prestações mensais.



10.8%

FOI O CRESCIMENTO DO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) DE MACAU ENTRE JANEIRO E MARÇO

GOVERNO AUMENTA SUBSÍDIOS PARA EDUCAÇÃO

O Governo de Macau vai aumentar no próximo ano lectivo 2013/2014 os subsídios de escolaridade gratuita e de propinas atribuídos às escolas, bem como o apoio à aquisição de manuais escolares. O subsídio da escolaridade gratuita por turma no ensino infantil sobe de 605.000 para 755.000 patacas, no primário de 640.000 para 807.000 patacas, e no secundário geral aumenta de 820.000 para 1.008.000 patacas. Os montantes dos subsídios de propinas vão ser actualizados para 15.800, 17.600 e 19.600 patacas por aluno, respectivamente, nos ensinos infantil, primário e secundário.

Morreu Lancelote Rodrigues, o padre dos refugiados

O padre Lancelote Rodrigues, natural de Malaca e a residir em Macau desde 1935, onde chegou com 12 anos, morreu a 17 de Junho. Filho de pai português, Lancelote Rodrigues nasceu a 21 de Dezembro de 1923, morreu aos 89 anos e deixa um trabalho em prol dos refugiados - chegou a ser representante em Macau do Alto Comissariado dos Refugiados - que lhe valeu ser nomeado por Hong Kong para o prémio Nansen 2012 e uma condecoração da rainha de Inglaterra. O seu óbito foi assinalado com destaque pela revista internacional *The Economist*, que assinalou que “para os milhares de refugiados que passaram por Macau, o padre Lancelote foi um sinónimo de felicidade e, mais importante, um portal para uma vida nova”.





Moody's dá boa nota a Macau

A agência de notação financeira Moody's mantém a Macau a classificação de Aa3, o que significa que as obrigações são de elevada qualidade e sujeitas a um risco de crédito muito baixo. Na análise anual anunciada em finais de Junho, a agência justifica a classificação com a resiliência da economia, uma forte saúde financeira do Governo e a pouca probabilidade de Macau estar sujeita a um evento que ponha em risco a economia.

Chui Sai On destaca contributo dos portugueses

O chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, realçou que os portugueses, "enquanto parte inseparável e importante da sociedade local, contribuíram desde sempre para a prosperidade e progresso desta terra", fazendo votos de que assim continue. Durante o discurso que proferiu na habitual recepção do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades, a 10 de Junho, o líder do Governo destacou serem de "longa data e baseadas em laços de estreita amizade" as relações entre Portugal e a RAEM, às quais esta "tem desde sempre dado grande importância".

Prémio Identidade atribuído aos Dóci Papiaçam

Os Dóci Papiaçam de Macau são os vencedores do Prémio Identidade deste ano, atribuído pelo Instituto Internacional. O anúncio foi feito em Junho durante a Conferência Internacional de Académicos da Ásia. Trata-se de um reconhecimento entregue ao grupo de teatro pelo trabalho continuado na defesa da identidade de Macau. Em edições anteriores, o Prémio Identidade já distinguiu o Clube Lusitano de Hong Kong, a arquidiocese ou Henrique de Senna Fernandes, entre outras figuras. A cerimónia de atribuição do prémio Identidade 2013 vai acontecer durante o Encontro de Macaenses deste ano que decorre entre 30 de Novembro e 7 de Dezembro.



Macau volta a acolher GP de voleibol

Macau volta a acolher este ano mais uma jornada do Grande Prémio Mundial de voleibol feminino, uma competição jogada em 2013 a 20 equipas e que termina na cidade japonesa de Sapporo. Na jornada de Macau, integrada na primeira ronda do torneio, entre 2 e 4 de agosto, vão estar as formações da China, Bulgária, Cuba e Holanda, enquanto Hong Kong, na segunda ronda, recebe a formação chinesa, Argentina, República Checa e Turquia.



IIM liga Macau ao Recife

A cidade brasileira de Recife recebeu, em Maio, o evento cultural “Movimento FestLatino e o diálogo Pernambuco – Macau”, com o objectivo de estreitar o intercâmbio cultural, literário e linguístico entre a capital pernambucana e a Macau. Para além do Colóquio Internacional, o Instituto Internacional de Macau organizou ainda a exposição “Macau é um Espectáculo – As artes nas ruas de Macau”, composta por 51 imagens a mostrar a diversidade cultural da cidade. Houve ainda lugar para uma série de palestras proferidas por académicos a dar a conhecer a Macau colonial e a actual RAEM.

5000

ALUNOS CHINESES DE MACAU ESTÃO ACTUALMENTE A APRENDER PORTUGUÊS



69.619

É O NÚMERO DE TRABALHADORES DE HOTÉIS E RESTAURANTES DE MACAU, QUE TÊM UM SALÁRIO MÉDIO DE 12.500 PATACAS

Jornal Tribuna de Macau lança suplemento sobre lusofonia

O *Jornal Tribuna de Macau* lançou em Junho a primeira edição de um suplemento semanal dedicado exclusivamente ao universo lusófono. Com o título *Lusofonias*, o suplemento pretende tornar-se uma plataforma em Macau para debate, troca de ideias e reflexões sobre o tópico lusofonia. A coordenação do suplemento está a cargo de Ivo Carneiro, antigo vice-reitor da Universidade de São José, e traz uma área temática e mais três secções fixas para economia, ideias e sociedade.

Este é o primeiro dos artigos que se encontram no suplemento *Lusofonias*. Este suplemento semanal dedicado ao universo lusófono é lançado em Junho de 2012. O suplemento *Lusofonias* é um projeto que visa promover o conhecimento e a reflexão sobre a cultura e a sociedade lusófonas. O suplemento é dirigido por Ivo Carneiro de Sousa e conta com a colaboração de vários autores e especialistas. O suplemento é publicado semanalmente e aborda temas relacionados com a lusofonia, como a cultura, a economia, a sociedade e a política. O suplemento é uma plataforma para o debate e a troca de ideias sobre o mundo lusófono.

lusofonias

1ª Edição - 17 de Junho de 2012

Este suplemento é parte integrante do *Jornal Tribuna de Macau* e não pode ser vendido separadamente.

COORDENAÇÃO:
Ivo Carneiro de Sousa

TEXTOS:
• Área: uma singular plataforma global lusófona e além-fronteiras
• Os Dois Mundos de Macau
• O Ordenamento Económico da RAE: Cultura e Relações
• As Escolas
• Lusofonia em Macau
• A China e os Países de Língua Portuguesa
• A Plataforma de Macau para as Relações Económicas e Comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa

Dia 24 de Junho:
Vésperas de Macau no centenário do Restituir



Macau - 2012 (17 de Junho) - 1ª Edição
Lusofonias - 1ª Edição - 17 de Junho de 2012
Lusofonias é um suplemento semanal dedicado ao universo lusófono. O suplemento é dirigido por Ivo Carneiro de Sousa e conta com a colaboração de vários autores e especialistas. O suplemento é publicado semanalmente e aborda temas relacionados com a lusofonia, como a cultura, a economia, a sociedade e a política. O suplemento é uma plataforma para o debate e a troca de ideias sobre o mundo lusófono.

Carlos André assume funções em novo centro de português

Já está em Macau e em funções desde Maio o presidente do Centro Pedagógico e Científico de Língua Portuguesa do Instituto Politécnico de Macau, Carlos André, antigo director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em declarações aos jornalistas, Carlos André diz que considera o novo centro de uma importância enorme para a promoção do português na China e no Oriente e que o organismo pretende fazer uma ponte com o ensino superior chinês.



A Lusofonia singular e inimitável de Macau



UM SUPLEMENTO DE CULTURA E REFLEXÃO
Ivo Carneiro de Sousa*

DESAFIO
José Rocha Dinis*

LUSOFONIAS refere-se semanalmente ao JORNAL TRIBUNA DE MACAU e ao seu suplemento de cultura e reflexão sobre a plataforma de Macau com os países lusófonos. Pretende este suplemento contribuir qualificados para: (1) analisar o papel de Macau como plataforma de serviços para as relações económicas e comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa; (2) estudar actualizadamente as relações históricas, culturais, económicas e comerciais entre a China e os diferentes Países de Língua Portuguesa; (3) ser melhor conhecimento em Macau e na China das diferentes sociedades e culturas dos Países de Língua Portuguesa; (4) divulgar a diversidade política, social, económica e cultural dos vários países, espaços e agentes que circulam no campo das lusofonias; (5) difundir a qualidade e diversidade das grandes produções culturais, científicas e artísticas que, da literatura às mais variadas artes, se expressam em língua portuguesa e enriquecem o mosaico plural das lusofonias. Caso o suplemento LUSOFONIAS consiga reunir os apoios necessários e, sobretudo, os leitores criticamente interessados, este novel parto que, apoiado na ajuda por uma lusofonia singular e inimitável, agora se volta ao trabalho certamente será dar, depois de escrever uma nova vida que se espera tão auspiciosa quanto inicialmente inteligente.

O relacionamento entre a China, Macau e os países lusófonos é antiquíssimo, e sobre isso muito temos falado nos próximos números. Recente é a criação do Fórum Macau que este ano comemora o seu 10º aniversário, com os bons resultados que são de conhecimento generalizado. Temos também ganho com isso, da China a Angola e Timor, de Portugal ao Brasil e Moçambique, passando por Cabo Verde, Guiné-Bissau e Malau. Mas há ainda muito a fazer. Na continuidade e aprofundamento das relações orientadoras já em vigor, mas também na criação de novas plataformas mediáticas de reflexão e debate que, a partir de Macau, onde se encontra a sede do Fórum, envolvam todos os espaços da Lusofonia. É esta a intenção do aparecimento desta "Lusofonia" suplemento de Cultura e Reflexão da Plataforma de Macau com os Países Lusófonos. Iniciamos, nunca foi se fez, nunca tal se pensou, não vai ser fácil, sabemos. Estamos confiantes, porém, que com o apoio dos agentes culturais e os operadores económicos de Macau, China e países lusófonos poderemos ajudar a uma maior compreensão mútua entre todos. A partir de agora é este o nosso desafio semanal.

*Coordenador do suplemento Lusofonias do JTB
*Diretor e Administrador do Jornal Tribuna de Macau



Morreu o antigo jornalista da TDM José Alberto de Sousa

Foi o apresentador do primeiro telejornal da história do canal português de televisão da Teledifusão de Macau, a 13 de Maio de 1984. José Alberto de Sousa morreu a 24 de Maio em Lisboa, aos 58 anos, vítima de doença prolongada. Alberto de Sousa chegou a Macau no início dos anos 1980, trabalhou na Rádio Macau e foi um dos elementos fundadores da televisão, chegando, mais tarde, a exercer o cargo de director geral dos canais portugueses e chineses da rádio e televisão. O jornalista esteve no território até 1989, voltando depois para Lisboa e para a RTP, tendo sido chefe de redacção e responsável pela apresentação do telejornal do canal 1.

Dança do leão volta às Marchas de Lisboa

Macau voltou este ano às Marchas de Lisboa, na noite de 12 de Junho, na Avenida da Liberdade, abrindo o desfile com a dança do Leão. A Associação Desportiva do Leão Acordado Lo Leong voltou a apresentar a dança chinesa, depois de já tê-lo feito em 2012. As marchas de Lisboa invocaram este ano os 125 anos do nascimento de Fernando Pessoa, os 500 anos do Bairro Alto e os 500 anos das relações entre Portugal e China.



Escola Portuguesa completa 15 anos

A Escola Portuguesa de Macau (EPM) completou a 31 de Maio 15 anos, e para assinalar a data, a instituição organizou um sarau cultural em português e mandarim, seguido de uma recepção para os alunos e encarregados de educação, e o lançamento de um livro de contos. Capoeira brasileira, folclore português ou dança chinesa foram alguns dos elementos presentes no espectáculo. Rap e fado também se encontraram pela voz de quatro alunos da escola, acompanhados por um corpo de bailado. A declamação de poesia em mandarim, português e inglês foi outro dos momentos a fazer ecoar aplausos no ginásio da escola.



Livro de romance policial inspirado em Macau

Macau vai servir de cenário ao próximo romance de Francisco José Viegas, que decidiu pôr o "seu" inspector Jaime Ramos a investigar no "último lugar do Império". Para o escritor, que passou pela região em Maio, Macau tem os condimentos para ser palco de uma aventura de Jaime Ramos, o inspector da Polícia Judiciária do Porto que entrou no imaginário do policial português. O protagonista de *O Colecionador de Erva*, o mais recente livro de Viegas lançado em Março, é precisamente o inspector, o qual já figura em oito livros, primeiro em dupla, mas desde 1996 a solo.

Portugal promove-se na RAEM

O Secretário de Estado das Comunidades, José Cesário, destacou que Portugal vai este ano promover várias acções culturais na RAEM, para assinalar os 500 anos da chegada dos portugueses à China. Numa visita de quatro dias à Região em Junho, Cesário encontrou-se com o secretário para a Segurança, Cheong Kuok Va, e com representantes de diversas associações de matriz portuguesa.





REGATAS INTERNACIONAIS

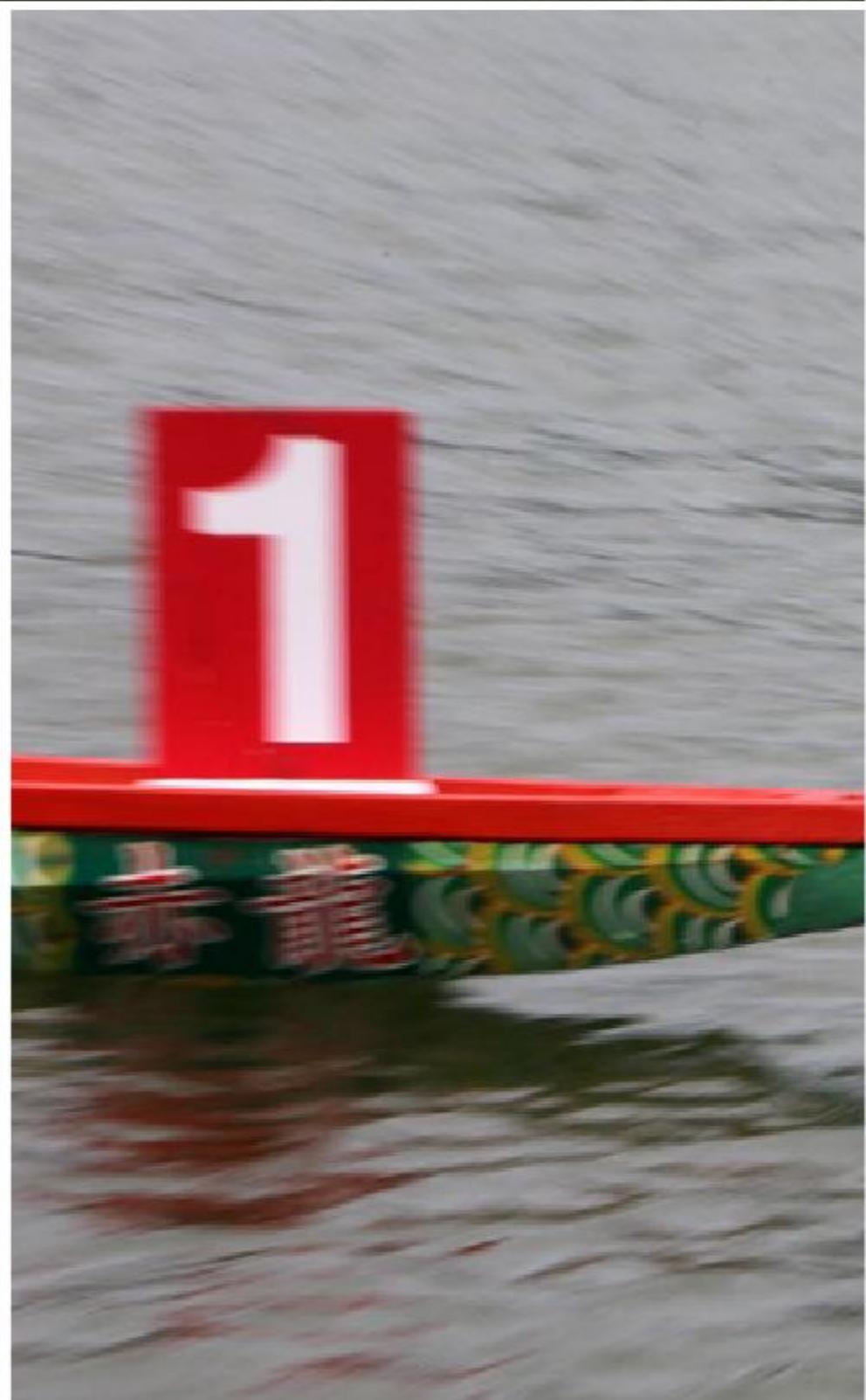
QUANDO O DRAGÃO REMA O BARCO

Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

As corridas dos barcos-dragão fazem parte da tradição chinesa há mais de 2000 anos e são comemoradas anualmente no quinto dia do quinto mês lunar. Este ano cerca de 140 equipas e quase 3000 remadores voltaram a encontrar-se em Macau para disputar as Regatas Internacionais de Barcos-dragão nos dias 8, 9 e 12 de Junho, que teve como grande vencedora a Indonésia na mais importante categoria

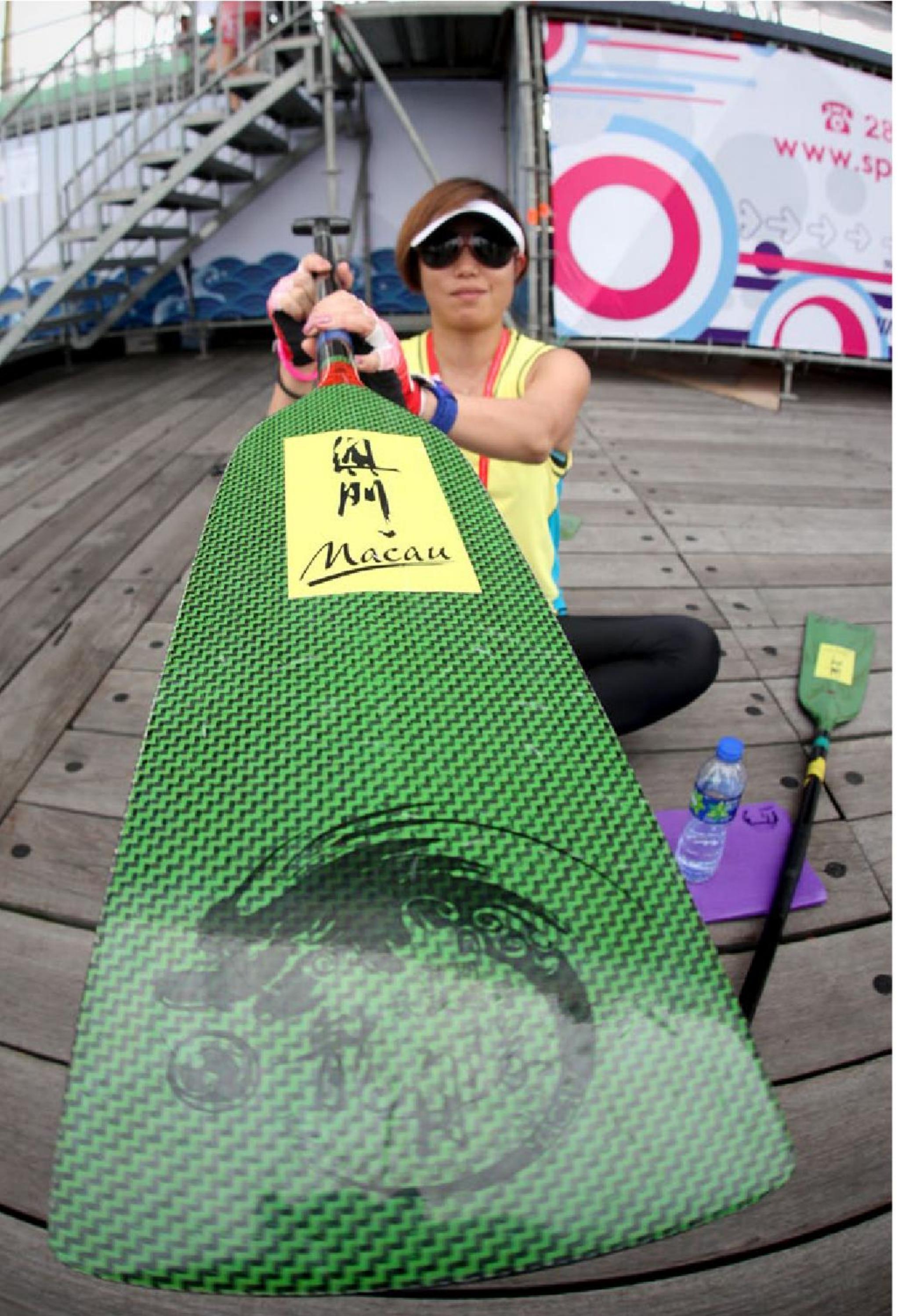


A Indonésia sagrou-se bicampeã das Regatas Internacionais, ao gastar 1.53,399 minuto para percorrer os 500 metros da prova destinada a grandes embarcações com 22 elementos, repetindo assim o triunfo de 2012. Na segunda posição da grande final ficou a China Nanhai Jiujiang, que entre 2005 e 2011 venceu a prova seis vezes e este ano fez um tempo de 1.53,567 minuto





Lendas não faltam para contar a origem do festival do barco-dragão, mas a mais reconhecida e assumida como oficial é a de homenagear o poeta Qu Yuan (340-278 a.C.) pelos seus actos de patriotismo. Como ministro do Estado Chu – um dos Sete Reinos Combatentes antes do estabelecimento da dinastia Chin (221 a.C. – 206 d.C.), Qu Yuan deu largo apoio para se declarar guerra ao poderoso Estado Chin. Durante a sua campanha, Qu foi aprisionado pelo aristocrata Zi Lan e expulso do reino. Durante o seu afastamento, escreveu dezenas de poemas para demonstrar o seu amor pelo povo e pela sua causa, transformando-se num figura de referência do mundo das letras chinesas. Em 278 a.C., depois de concluir a sua obra principal - *Huai Sha*, ou *Abraçar a areia*, em português – Qu Yuan atirou-se ao rio Mekong para não ver a sua pátria ocupada pelo Estado Chin. Ao saber da morte do poeta, toda a povoação da aldeia próxima lançou-se à procura do seu corpo. Quando os barcos que o iam resgatar se aproximavam do corpo, os remadores atiravam bolinhos de arroz para saciar os monstros marinhos, ao mesmo tempo que batiam com os remos para os afugentar. E assim nasceu o barco-dragão: a embarcação simboliza o dragão que, por sua vez, representa a virilidade, o vigor, a fertilidade; é um ser benéfico, apanágio dos deuses. Diz a lenda que o poeta morreu no quinto dia do quinto mês lunar e desde o seu desaparecimento, milhares de crentes passaram a rumar a rios e lagos para atirar comida à água como forma de honrar o gesto patriótico de Qu. As corridas de barcos-dragão depressa ficaram associadas à data, que é assinalada em toda a China em Junho há mais de 2000 anos. Para limpar a alma de más influências, os chineses também comem *tchông* – uma pasta de arroz glutinoso, cozida com vários recheios, moldado em forma de triângulo e envolto em folhas de bambu. A tradição também prega que se deve usar nesta data um saqueta de perfume e um enfeite tradicional com cinco cores para evitar que o mal atinja as crianças e que estas tenham sempre saúde. Em Macau, as Regatas Internacionais de Barcos-Dragão fazem parte do calendário oficial de celebrações e decorrem, desde 2005, no Lago Nam Van, em pleno centro da cidade, a reunir remadores profissionais, amadores, locais e estrangeiros. Este ano, cerca de 140 equipas e quase 3000 remadores juntaram-se ao evento, que teve como grande vencedora a Indonésia na categoria Open Internacional.





Na competição feminina, a formação China Nanhai Jiujiang, que desde 2008 conquistou cinco vitórias, repetiu o triunfo com o tempo de 2.03,602 minutos, relegando para a segunda posição a formação nacional da Indonésia, com 2.05,912 minutos, seguida da equipa de Singapura com 2.10,358 minutos







Ao longo de três dias de competições com pequenas e grandes embarcações - com 12 e 22 remadores - as regatas foram disputadas nos lagos Nam Van em provas de 250 metros, 500 metros e 2000 metros

立

法

會

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

“2+2” PARA UMA ASSEMBLEIA DE 33

A 15 de Setembro, Macau realiza eleições para a Assembleia Legislativa, a quinta da sua breve história como Região Administrativa Especial. Ao abrigo da fórmula “2+2”, haverá mais quatro assentos a distribuir pelas bancadas do sufrágio directo e indirecto elevando o número de deputados para 33

Texto **Diana do Mar** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

A campanha eleitoral arranca oficialmente a 31 de Agosto. A partir daí e até a meia-noite de 13 de Setembro, a hora é de comícios, tempos de antena, da entrega massiva de folhetos, de canetas ou guarda-chuvas, de cartazes e de luta pelos espaços mais privilegiados para que a mensagem chegue ao destinatário

Candidatos à parte, uma certeza: Macau vai escolher, este ano, mais quatro deputados (pelos sufrágios directo e indirecto) para a Assembleia Legislativa (AL), sob a fórmula “2+2”, saída de um longo processo sobre o desenvolvimento do sistema político. Na bancada dos nomeados mantém-se o figurino dos actuais sete.

Pelo menos na forma, poderão não ser umas eleições muito diferentes do passado, mas a existência de mais lugares no hemiciclo “atiça” uma nova engenharia que vai ganhando forma à medida que se cumpre a cronologia das operações eleitorais. A campanha, essa, arranca oficialmente a 31 de Agosto.

A partir daí e até a meia-noite de 13 de Setembro, a hora é de comícios, tempos de antena, da entrega massiva de folhetos, de canetas ou guarda-chuvas, de cartazes e de luta pelos espaços mais privilegiados para que a mensagem chegue ao destinatário. Já no caso do sufrágio de base corporativa há um trabalho prévio, pelo que não se vê grande agitação nas ruas.

Depois da campanha, o período de reflexão e o dia D. Às urnas são chamados 277.153 eleitores, mais de metade (55,80 por cento) do Interior da China, contra 102.362 naturais de Macau (36,93 por cento). Já nos cadernos de recenseamento das pessoas colectivas há 719 inscrições.

O alargamento das bancadas dos eleitos directamente pela população, de 12 para 14, e do número de assentos reservados aos escolhidos pelas associações representativas da sociedade, de dez para 12, surge como fruto de um longo

processo. Iniciado no final de 2011, incluiu uma consulta pública, base de um relatório submetido a Pequim. A 30 de Junho de 2012, o Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional promulga, para efeitos de registo, a proposta de revisão da Metodologia da Constituição da AL e abre-se caminho à alteração da Lei Eleitoral, validada no fim de Agosto pelo hemiciclo local. E se no caso do sufrágio directo as mexidas se focam no alargamento, no indirecto há outros aspectos a ter em linha de conta, como a distribuição dos assentos. Assim, vão ser atribuídos quatro mandatos aos deputados do colégio eleitoral dos sectores industrial, comercial e financeiro; dois ao do colégio eleitoral do sector do trabalho; três ao sector profissional; um aos dos serviços sociais e educacional; e dois ao colégio eleitoral dos sectores cultural e desportivo.

Os colégios eleitorais são constituídos pelas pessoas colectivas inscritas no caderno de recenseamento dos respectivos sectores. Cada uma com capacidade eleitoral activa tem direito a um número máximo de 22 votos, contra os 11 anteriores, a fim de “assegurar a representatividade e aceitabilidade dos candidatos dos sectores”.

Já para “reflectir a integridade do acto” e “aumentar a aceitabilidade” é eliminado o mecanismo de “candidato automaticamente eleito” e, em paralelo, é reduzido o limite percentual da constituição de comissões de candidatura, as quais passam a formar-se com 20 por cento do número total das pessoas colectivas inscritas.

ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

UM LEGADO DOS ANOS 1970

A existência de um sufrágio misto em Macau surge na sequência da Revolução de 1974 em Portugal e da “aventura” que culminou na aprovação do Estatuto Orgânico de Macau. “Tornava-se necessário dispor de um novo Estatuto Orgânico que integrasse uma Assembleia Legislativa (eleita ou semi-eleita) que, pela primeira vez, deixasse de ser presidida pelo Governador”, explica Garcia Leandro no seu livro de memórias *Macau nos Anos da Revolução Portuguesa 1974-1979*. “De início admiti, ingenuamente, a hipótese de a Assembleia ser toda eleita por sufrágio directo. Era, evidentemente, um grave erro”, escreve.

No seu livro, o então Governador assinala que a “solução possível” passava por determinado número de lugares eleitos por sufrágio directo (sobretudo destinados a portugueses), enquanto, pelo sufrágio indirecto ou orgânico, far-se-iam representar as associações de interesses (maioritariamente por deputados chineses).

Mesmo assim, “o problema não estava totalmente

resolvido”. As entidades consultadas antecipavam que os resultados eleitorais não iriam ser completamente representativos, prevendo o surgimento de “lacunas”, daí se ter afigurado “necessário um terceiro bloco de deputados”, nomeados pelo Governador, após conhecidos os resultados dos sufrágios directo e indirecto.

A comunidade macaense e portuguesa dava cartas no directo, os chineses no indirecto e o Governador preenchia as “lacunas” nomeando cinco dos 17 deputados, num elenco em que se sobressaíram membros da comunidade chinesa como Ho Yin (pai do ex-Chefe do Executivo Edmund Ho), observou Jorge Fão.

Mas o paradigma foi-se alterando. “Inicialmente eram chineses, mas mais tarde, estes começaram a ter acesso pelas vias directa e indirecta”, realçou o ex-deputado, recordando que portugueses ou luso-descendentes foram sendo mais chamados, a partir daí, “não por uma questão de nacionalidade ou etnia, mas antes porque estavam mais bem preparados” e serviam para “equilibrar forças”.

Jorge Fão, antigo deputado da AL, relembra que foram criados incentivos fiscais para que os chineses fossem às urnas na década de 1980



O alargamento das bancadas dos eleitos directamente pela população, de 12 para 14, e do número de assentos reservados aos escolhidos pelas associações representativas da sociedade, de dez para 12, surge como fruto de um longo processo

Anos mais tarde, seria aprovada uma primeira revisão do Estatuto Orgânico de Macau, com o número de deputados a aumentar para 23 mas a manter o equilíbrio de forças. Outras alterações seguir-se-iam. Já em 1984, dá-se a dissolução da AL, o desfecho de um conflito entre o Governador Vasco Almeida e Costa e o presidente da AL Carlos d'Assumpção.

“O Governador queria que houvesse mais chineses a participar e criou uma série de incentivos fiscais para se recensearem e poderem participar na vida parlamentar”, apontou Fão. Mas o resultado eleitoral acabaria “por mostrar que Carlos d'Assumpção mantinha a influência, tendo sido nesse período da história de Macau que os chineses participaram na política em força”.

A partir de 1988, em resultado das eleições desse ano, “parece haver uma inversão da tendência, cabendo a vitória a uma lista totalmente composta por cidadãos chineses, quedando-se a lista de portugueses ou luso-descendentes pelo segundo lugar”. “Pela primeira vez, os deputados por sufrágio directo passaram a ser



ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

maioritariamente chineses, o que revelava, a sua crescente participação”, a somar à hegemonia no indirecto. O “contrapeso” seria introduzido com a nomeação de deputados portugueses ou luso-descendentes, numa tendência que se foi vendo nos anos que se seguiram no período da administração portuguesa.

UM MÉTODO ÍMPAR

Depois de encerradas as urnas, na hora de fazer a contagem de votos, Macau também é diferente: utiliza um método de conversão de votos em mandatos “único no mundo”, introduzido nas legislativas de 1992.

Pelo método de Hondt, utilizam-se os divisores 1, 2, 3, 4 e restantes múltiplos de um, enquanto no de Macau “o primeiro e segundo divisores são iguais (1 e 2), mas depois emprega-se o divisor 4, seguindo-se o 8, 16, 32 e demais potências de dois. Ou seja: estando em causa a eleição de 14 deputados vai até 8192”, explica o sociólogo Paulo Godinho.

A mudança reflectiu-se no seio das candidaturas logo na eleição de 1992, apontou, ao recordar que os Operários e os Kaifong, que concorriam sempre juntos com a lista União Eleitoral e elegiam, regra geral, quatro deputados, (houve uma excepção), partem-se em duas listas, “pois perceberam que se continuassem a concorrer juntos começavam a ser penalizados pelo sistema”.

Em 2001, a legislação volta a ser alterada: passam a empregar-se os divisores 1,2,4,8 e demais potências de dois, em vez de múltiplos de dois, sendo o divisor seguinte o 16 e não o dez, numa lógica que vigora até hoje.

Este método “gera fenómenos artificiais de engenharia eleitoral de se partirem listas e de se tentar canalizar [votos], o que só é possível num território com a dimensão de Macau”, avaliou o sociólogo, falando de uma “desproporcionalidade”.

Por outro lado, ressaltou, “o aspecto positivo é termos, de facto, potencialmente listas que não conseguiam eleger no método de Hondt puro “, permitindo assim que algumas minorias possam chegar à AL.

Agora, resta esperar pela efectiva contagem dos votos das legislativas de 15 de Setembro para saber quem serão os novos (ou velhos) rostos do hemiciclo. ●



O sociólogo Paulo Godinho explica que o sistema de contagem de votos em vigor só é possível de ser aplicado num território da dimensão de Macau





DELTA DO RIO DAS PÉROLAS

FUTURO ACELERA EM NANSHA

No centro do Delta do Rio das Pérolas desponta uma nova área como motor da modernidade, beneficiando várias regiões. Macau é uma delas

Texto **Mark O'Neill**



Macau e Hong Kong ganharam mais uma plataforma de cooperação no Delta do Rio das Pérolas. Nansha, uma nova área que faz parte da cidade de Cantão, abriu portas com a missão de ser um motor de desenvolvimento na região. No dia 19 de Junho, as obras do maior empreendimento de construção da primeira fase de Nansha - a Nova Cidade da Baía, ou a Baía das Pérolas como também é conhecida esta área - foram iniciadas. A cerimónia de lançamento da primeira pedra foi marcada pelo grande número de pessoas que se juntou na ilha Lingxian. Além dos membros do Governo da Província de Guangdong, também esteve presente Francis Tam, secretário da Economia e das Finanças, que presidiu à cerimónia. “Faremos tudo para atrair investimento

externo”, afirmou na ocasião Ding Hongdu, secretário do Partido Comunista do distrito de Nansha. “Iremos melhorar as políticas vigentes, promover mudanças e dar espaço à inovação. Faremos aqui uma nova base estratégica nacional para Guangdong, Hong Kong e Macau cooperarem em todos os aspectos, criando uma cidade que olha para o futuro.” O mesmo responsável anunciou o arranque de 33 projectos, implicando um investimento total de 58,6 mil milhões de yuans, incluindo edifícios comerciais e infraestruturas. Nansha vê as pessoas e as empresas de Macau a desempenharem um papel importante no seu futuro. Um dos seus objectivos é atrair altos quadros de Macau e Hong Kong, em particular nas áreas legais, financeiras e de exposições e convenções.

DELTA DO RIO DAS PÉROLAS

A APROVAÇÃO

Foi a 9 de Setembro do ano passado que o Conselho de Estado aprovou a Nova Área de Nansha. Nansha é o distrito mais a sul da cidade de Cantão, ao longo do Rio das Pérolas. Tem uma área total de 803 quilómetros quadrados, 570 dos quais são terra e 233 água. De acordo com o os Censos de 2010, a sua população é de 260 mil habitantes, a mais baixa dos dez distritos da cidade, com uma densidade de 493 pessoas por quilómetro quadrado. Esta baixa densidade populacional reflecte uma região onde a natureza ocupa ainda uma fatia considerável, com uma zona pantanosa de 670 hectares, uma área montanhosa, um parque florestal com 1200 hectares e um campo de golfe criado na base da montanha.

Só em 2006 é que Nansha foi uma área assumida como novo distrito, ao ser separada da região vizinha de Panyu. O seu desenvolvimento como centro industrial começou com a abertura da Zona de Processamento de Exportações de Nansha-Cantão, com uma área total planeada de 1,36 quilómetro quadrado.

Segundo números de 2011, Nansha teve um PIB de 57,1 mil milhões de yuans, mais 13,05 por cento do que em 2010. As suas indústrias mais importantes são construção naval (tem um dos três maiores estaleiros da China, com uma capacidade anual de construção superior a três milhões de toneladas); maquinaria pesada; carros, partes e componentes; tecnologias da informação e chips, e exploração marítima.

A zona possui um porto de grande dimensão, com 20 ancoradouros de águas profundas para descarga de contentores, automóveis, petroquímicos e cereais. Este gigantesco ponto de exportação, com mais de 40 rotas para Europa, América do Norte e África, é utilizado nas operações das 20 maiores companhias mundiais de marinha mercante.

A localização e os acessos são outros pontos fortes de Nansha. Está no meio do Delta do Rio das Pérolas, a 41 milhas náuticas de Macau e a 38 de Hong Kong. Além disso, num raio de 70 quilómetros, estão cinco aeroportos: Macau, Hong Kong, Cantão, Shenzhen e Zhuhai.

LIGAÇÕES COM MACAU

Durante a cerimónia de inauguração, Dong Ke, membro do Comité Permanente do Distrito de Nansha, abordou as ligações da região a Macau. “Temos 460 empresas de Macau e Hong Kong em Nansha, incluindo 100 *joint ventures* com Macau. Damos muita atenção às pequenas e médias empresas (PME) da RAEM e queremos cooperar com elas em três áreas: logística, indústrias criativas e como plataforma com os países de língua portuguesa. Esperamos que Nansha se possa tornar um centro nacional de vendas para toda a China de produtos com origem nas regiões administrativas especiais.”

A experiência turística de Macau também mereceu admiração. “Queremos trazer para Nansha parte dos mais de 30 milhões de turistas que visitam Macau. As nossas infraestruturas,



porém, ainda são inadequadas para concretizar tal objectivo. Temos esperança que Macau nos dê formação profissional em turismo, e já estabelecemos uma *task force* para isso. Queremos ainda criar com Macau um Centro de Arbitragem Internacional.”

Outra ligação referida foi uma propriedade agrícola do Estado com 63 anos – a Companhia de Alimentação Guangzhou Ruiguang – que começou este ano a fornecer a Macau um camião diário de alimentos orgânicos.

PROMOÇÃO DA NOVA ÁREA

Depois da decisão do Conselho de Estado em Setembro, o Governo da cidade preparou legislação detalhada para o futuro da nova área. Entre 13 e 15 de Maio últimos, o presidente da câmara de Cantão, Chen Jianhua, esteve em Hong Kong e Macau para promover Nansha. “O distrito deve usufruir das mesmas políticas preferenciais que as regiões similares em Xangai e Tianjin.”

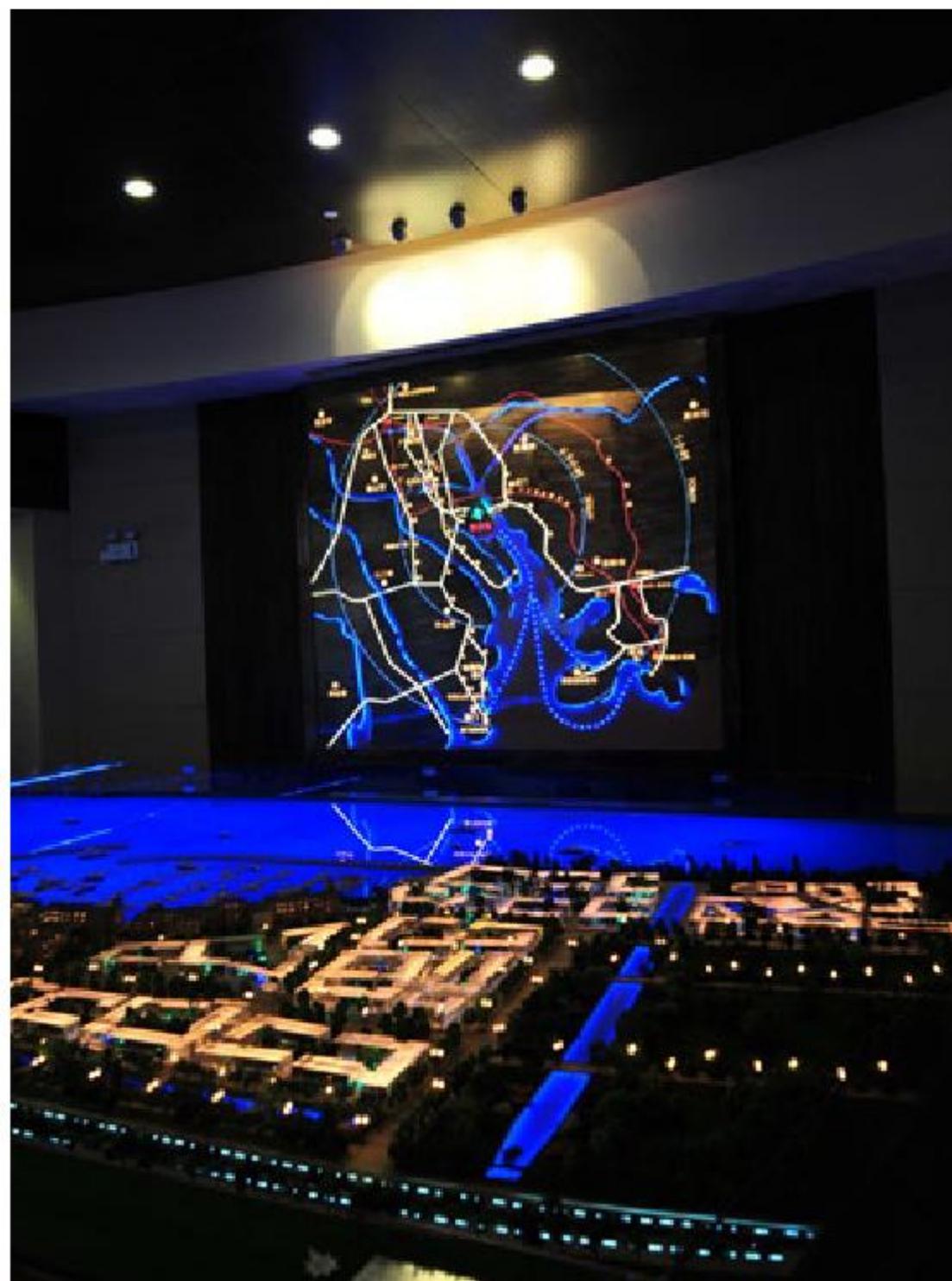
Em Macau, as autoridades de Cantão assinaram

sete contratos, no valor total de 17,05 mil milhões de yuans, com negócios de serviços, logística e indústrias criativas. Em Hong Kong, foram assinados 17 acordos com empresas estatais, privadas e estrangeiras, assim como com universidades e institutos de investigação. Os negócios, avaliados em 234,8 mil milhões de yuans, envolveram serviços especializados, finanças, energia, cultura, cinema e televisão.

O Plano de Desenvolvimento de Nansha atribui grande importância ao aprofundar da cooperação com Macau e Hong Kong em todos os sectores, assim como ao acelerar da inovação institucional, para criar um ambiente propício ao negócio com as duas regiões, obedecendo a práticas internacionais.

O plano diz que Nansha irá fortalecer sectores económicos fundamentais, como serviços, investigação científica e tecnológica, educação, logística e manufactura de ponta; liberalizar negócios de serviços com Macau e Hong Kong, e criar medidas para facilitar o investimento das PME das duas regiões.

Nansha é o distrito mais a sul da cidade de Cantão, ao longo do Rio das Pérolas. Tem uma área total de 803 quilómetros quadrados, 570 dos quais são terra e 233 água



DELTA DO RIO DAS PÉROLAS



A localização e os acessos são outros pontos fortes de Nansha. Está no meio do Delta do Rio das Pérolas, a 41 milhas náuticas de Macau e a 38 de Hong Kong. Além disso, num raio de 70 quilómetros, estão cinco aeroportos





Em Outubro último, a Comissão de Desenvolvimento e Reforma Nacional lançou uma circular sobre o futuro de Nansha, dizendo que as instituições financeiras de Macau e Hong Kong deviam deslocar-se à nova área, ajudando os negócios locais. O documento aponta também para a possibilidade de existirem vistos de um ano para quem vem de Nansha circular mais facilmente em Macau e Hong Kong. Outro ponto importante afirma que Nansha deve encontrar meios para estabelecer parcerias no âmbito educacional com outros estabelecimentos de ensino chineses, de Hong Kong, de Macau e internacionais “com reputação mundial”.

CLUBE DE IATES

O Delta do Rio das Pérolas tem inúmeros construtores de iates, chineses e estrangeiros. No dia 18 de Junho, antes da inauguração oficial da nova área, os convidados para o evento visitaram uma das grandes atracções turísticas da zona: o Iate Clube de Nansha. Trata-se do maior do género no Sul da China, tendo já 120 iates a ocupar parte dos 352 ancoradouros, num investimento de 250 milhões de yuans.

O clube promete promover a cultura do velejar e dos desportos aquáticos, um passatempo recente para os chineses. Todos os anos o clube organiza cursos para jovens interessados em velejar, procurando assim popularizar o desporto.

Para Outubro está já agendado o Nansha Bay International Boat Show, onde durante quatro dias haverá exposições de iates, *powerboats* e veleiros. Um evento similar realizou-se em 2012, atraindo mais de 15 mil visitantes que compraram 17 embarcações, num total de 100 milhões de yuans.

Está também previsto que na zona do Iate Clube possam aportar cruzeiros internacionais, estando actualmente a ser feito o estudo de impacto ambiental do projecto. O Iate Clube é um dos muitos investimentos em Nansha do Fok Ying Tung Group, assim chamado por causa do mais famoso “filho da terra”, cujo nome em inglês era Henry Fok. Viveu entre Maio de 1923 e Outubro de 2006 e foi vice-presidente da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês. Henry Fok visitou Nansha centenas de vezes, mas foi o filho, Ian Fok (actual presidente do grupo), a estar presente na cerimónia de inauguração. ●

VENDEDORES DE PASSADOS

UM PASSEIO PELO UNIVERSO DO PEQUENO COMÉRCIO TRADICIONAL DE MACAU

Foi a pequena loja centenária que fechou, o artesão que deixou de lá estar, o vendilhão que desapareceu daquela rua. O pequeno comércio de Macau tem vindo a ressentir-se de um acelerado desenvolvimento avesso ao tradicional. Enquanto têm as portas abertas vendem passados, muitas vezes, mais como um modo de vida do que de subsistência

Texto **Diana do Mar** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**





* O senhor Lok toca a loja de louças Fok lo Cheong, fundada pelo seu tio há mais de 100 anos, mas não prevê a continuidade do negócio quando se reformar

Anos e anos de história perdem-se no tempo e espaço, esbatendo-se como fumo de um incenso a arder quando as portas se fecham, deixando vagas memórias, quem sabe um dia gravadas a preto e branco. E nos bairros onde outrora imperou, o pequeno comércio tradicional de Macau vai cedendo à pressão de um desenvolvimento avesso a ofícios de outra época, à modernidade e a novas dinâmicas sociais. Entre os que mantêm negócios antigos de família abertos muitos não podem ou simplesmente não querem deixar essa herança às futuras gerações.

Natural da terra, o senhor Lau não deixa os créditos por mãos alheias: não se limita a vender, como os vizinhos, e produz ele próprio os característicos chouriços chineses, que aromatizam as ruas. Logo de manhã, um punhado de clientes acotovela-se numa

esquina junto à Rua dos Mercadores para se servir de carnes doces, de peixes salgados ou de biscoitos de amêndoa, espreitando ainda o variado interior de largos boiões sobre um pequeno balcão.

A maioria dos clientes é do Interior da China, mas alguns também vêm da vizinha Hong Kong. Em Macau, tem naturalmente a sua clientela habitual, como seria de esperar de um negócio que abriu portas há 140 anos. O senhor Lau, que recebe os fregueses com um sorriso, tem metade dos anos do espaço que cuida com a mulher, fiel companheira de rotinas. Regra geral, vende o que produz, um sinal do traquejo, apesar da concorrência. “Antigamente, existiam cerca de 40 espaços que vendiam aquilo que produziam. Agora só quatro ou cinco produzem”, diz Lau, com dificuldades em contratar pessoas para este tipo

de trabalho. No entanto, conta o septuagenário, “o negócio está melhor do que no passado, graças à política de abertura económica da China, e sobretudo depois de 1985, altura a partir da qual vão chegando mais chineses a Macau”, fazendo com que o volume de negócios desse um pulo de 50 por cento. Não obstante a melhoria, este não é um estilo de vida que deseje aos seus descendentes: “Não gostaria que os meus filhos continuassem o meu trabalho. É um trabalho em que se sujam as mãos e não se ganha muito dinheiro. Não é decente”. Ao olhar em redor, para os que também por ali têm pequenos espaços dedicados ao comércio – alguns dos quais cultivados como verdadeiras jóias de famílias –, Lau não antevê um bom futuro para o pequeno comércio tradicional: “Sabe quantos chouriços tenho de vender para pagar aos meus funcionários? As grandes superfícies e os casinos pagam mais e não é possível competir”. Ainda na mítica rua, cujo nome reflecte o que fora outrora, fita-nos, por cima dos seus óculos, o senhor Fok, já pouco acostumado a ver os estrangeiros entrarem por ali adentro. Não é o dono do louceiro Fok Io Cheong, aberto há um século, mas é como se fosse. Veio para Macau aos 16 anos trabalhar com o tio e aquele lugar faz parte da sua rotina desde então.

O estabelecimento parece ter parado no tempo. Em vez da calculadora, sobressai um ábaco, ainda que empoeirado, no lugar de computadores impõem-se blocos de notas sobre a mesa. O telefone, que toca interrompendo a conversa, não é portátil. Em volta, parece que tudo vai se desmoronar a qualquer momento: das estalactites de tachos, ao amontoado de deuses e dragões de porcelana, passando por demais utensílios que fariam talvez o enxoval perfeito para uma noiva dos anos 1960. Até o negócio, na verdadeira acepção da palavra, é “mais ou menos o mesmo”, conta Fok, com diversas tarefas entre mãos, falando em receitas diárias que oscilam entre as 2000 e as 3000 patacas. O desenvolvimento, como na balança, tem dois pesos: por um lado, há mais turistas mas, por outro, alguns preferem os supermercados, diz o louceiro que, em tempos, chegou a exportar para a China e para o Médio Oriente. Hoje são sobretudo residentes que compõem a sua carteira de clientes. Talvez porque ao longo da sua vida foi vendo encolher o mundo do pequeno comércio ao qual pertence, Fok também nunca quis que os dois filhos seguissem as suas pegadas, ciente de que “este negócio vai morrer dentro de anos” porque “o estilo tradicional ficou fora de moda e já não se encaixa mais” nos tempos que correm.

O pequeno comércio tradicional de Macau vai cedendo à pressão de um desenvolvimento avesso a ofícios de outra época, à modernidade e a novas dinâmicas sociais

QUANDO A TRADIÇÃO CONTA

Já os *noodles* que saem da fábrica de massas de farinha Va Heng parecem não sair de moda, porque é a tradição que lhe dá a fama, patente em guias ou revistas, transmitida também através do boca-a-boca desde os anos 1940, quando abre a primeira loja da marca em Cantão. A Macau abeirou-se na segunda metade da década que se seguiu, com o pesado fardo de preservar uma herança de gerações. Está longe da vista do turista, mas “quem experimenta, e sabe o que é bom, volta”. É o que diz a senhora Lei, enquanto enche cestas com entrelaçados nós de massa saídos dos seus dedos. “Os grandes hotéis não têm *noodles* desta qualidade”, atira a “patroa”, certa de que o n.º 51 da Rua da Tercena, com capacidade para produzir até 300 quilogramas por dia, não precisa de publicidade à vasta gama de massas chinesas que oferece. O negócio tem estado “bom”, diz Lei, com os locais como os seus maiores clientes de uma lista que integra restaurantes.

Enrolando minuciosamente as finas argolas de massa que monta, descalça e de avental, salpicado de farinha e de cabelos da cor da cal, Chan figura como o “rosto” da Va Heng. A antiguidade dá-lhe o posto e o ofício as mãos calejadas. “Quando aprendi as técnicas em miúdo, não sabia que ia ser assim toda a vida”, conta, recatado, enquanto entram duas turistas de olhos postos nos *yimin*. Até gostava (e já está na idade) de descansar, mas a labuta mantém-no “fresco”.

Lá ao fundo, onde o calor aperta mais, um jovem casal destoa. À sua responsabilidade, a fase inicial de um longo processo: de colocar a massa na máquina, de ajeitá-la e moldá-la sobre os equipamentos para ser cortada. Não apreciam propriamente o trabalho, mas “era o que havia”. “São pelo menos dez horas por dia, mas independentemente do que se faça vai ser sempre difícil”, ouve-se por entre o barulho de máquinas e essenciais ventoinhas. A tradição acaba por vingar como “marca” na Va Heng, onde uma dezena de tipos de massa se vendem a par de garrafas de molhos, como o de ostra, apontado por alguns em fóruns na Internet como o melhor e o mais puro da região.



* Da loja de massas da senhora Lei saem 300 quilos de noodles todos os dias

Não muito longe dali, na calma da Rua dos Ervanários, um casal faz a sua vida da “tradição”. Dos incensos, aos envelopes vermelhos de *laissi*, aos calendários e outros berloques, passando por peixes esvoaçantes ou objectos destinados a espantar espíritos, a senhora Chan vende um pouco de tudo, mas o vermelho e dourado da prosperidade imperam. Mas nem tudo na tradição continua a ser o que era: agora compram os pequenos depósitos, de tonalidade encarnada, que se colocam junto às portas com o incenso; antes, há 60 anos, a família do marido fazia-os com as suas próprias mãos. Inicialmente, o casal fabricava de um lado e vendia do outro, mas actualmente ambos os espaços (um quase em frente ao outro) estão ao serviço do retalho. As receitas, essas, são suficientes para viver, mas não dão para alimentar poupanças, sobretudo quando se tem dois filhos na universidade, os quais “não estão dispostos a trabalhar tantas horas a fio para ganharem tão pouco”. A época alta dá-se pelo fim do ano. Os costumes mandam distribuir envelopes vermelhos com dinheiro à chegada do Ano Novo Chinês, pelos casamentos, decretando



* No negócio da senhora Chan, impera o vermelho e o dourado dos artigos tradicionais chineses

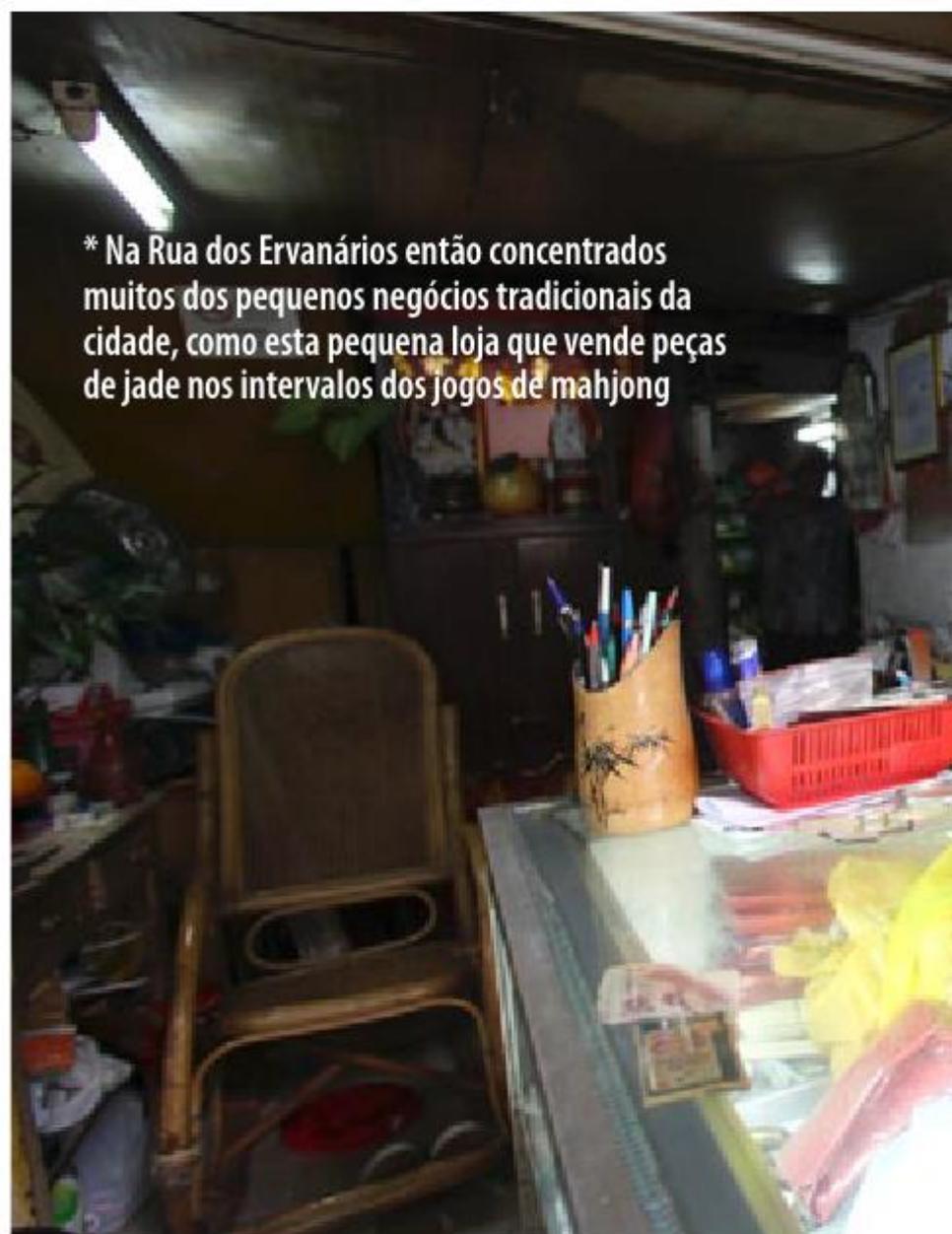


a compra de objectos quando se muda de casa e, claro está, que um novo signo exige um novo calendário, elenca. Em paralelo, também há ocidentais à espreita, cumprindo uma simples curiosidade ou a vontade de integrarem a cultura. Apesar de “as rendas serem relativamente baratas”, rondando as 2000 patacas, Chan teme, porém, que um dia seja forçada a dizer adeus àquela calçada portuguesa porque “há cada vez mais pessoas no negócio” de produtos “que não perdem propriamente validade”.

ECONOMIA

Vedada ao trânsito, a Rua dos Ervanários é sintomática do que é e do que era o pequeno comércio, merecendo especial atenção por nela se encontrar uma diversidade singular de lojas antigas e típicas, com uma essência como a capturada pela lente do fotógrafo Chan Hin Io nos bairros de Macau. Das lojas de pivetes – resquícios de uma indústria que entrou em declínio na década de 1980 –, às lojas de algibebe, de quinquilharia, às latoarias, passando por estabelecimentos onde se vende jade, mobílias usadas, selos e postais, variadas bugigangas, “artigos velhos” até às lojas do bricabraque são muitas as relíquias. Há também um massagista, para as “quedas e pancadas”, caso necessário.

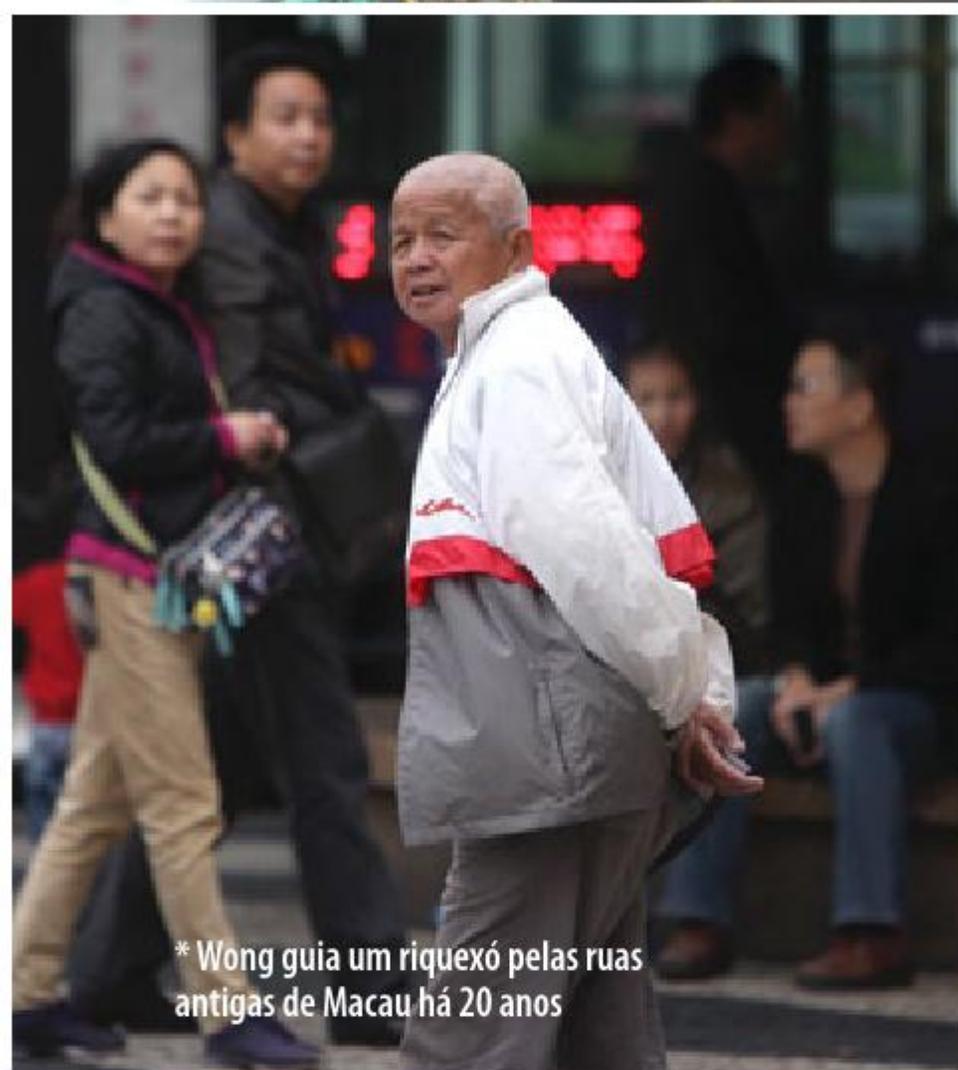
Na latoaria a meio do caminho, ouve-se apenas as pedras de *mahjong* a rolar, abafando o som da televisão. Contam que ali já só se avista o que ficou da época em que operava a sério. Há cerca de dez anos que não se produzem novas peças ou se adquirem novos produtos. O negócio parou no tempo. Vende-se o que restou se alguém quiser, diz um senhor encostado ao balcão. A porta continua aberta porque parte do negócio é parte de uma casa. No casal das frutas, mais à frente, é igual. Quem quer serve-se, chama e paga, é o *mahjong* que impera. A oferta completa-se mais adiante, aos fins-de-semana, com a mini-feira, cujos produtos espalhados pelo chão sobre uma manta são sempre uma incógnita – de violinos, a livros com ensinamentos de Mao Tzé-Tung, a braceletes de ouro, ferramentas, cachimbos até às chávenas de chá. Quem tiver com fome, pode deliciar-se com acepipes tradicionais junto às banquinhas logo ao virar da esquina. O tradicional é precisamente o “rótulo” da Cocos Chao Io Kei, no 18 da Rua Tercena, em tempos uma artéria movimentada, conhecida sobretudo dos noivos por vender os cocos da “felicidade”. Enquanto houver quem junte os trapinhos como mandam os costumes da terra, há cocos para vender. Aos pares, naturalmente, com caracteres da dupla felicidade pincelados a vermelho pelas mãos minuciosas de artífice do



* Na Rua dos Ervanários então concentrados muitos dos pequenos negócios tradicionais da cidade, como esta pequena loja que vende peças de jade nos intervalos dos jogos de mahjong



* Os Cocos Chao Io Kei são paragem obrigatória para noivos que procuram a felicidade



* Wong guia um riquexó pelas ruas antigas de Macau há 20 anos

senhor Chao, desde que a loja abriu em meados da década de 1950.

“Em chinês, a palavra coco é homófona da netos e avós, símbolo de auspício”, pois representa a ideia de uma família grande, bafejando de sorte os que sonham com filhos, explica a senhora Tong, companheira de vida e de ofício de Chao, que pode chegar a amanhar uma centena de cocos por dia. Noivos à parte, os frutos – importados da Tailândia – têm como principal destino as mesas de restaurante. A procura já obrigou mesmo à recusa de grandes encomendas por falta de mão-de-obra, diz Tong, que antes de abrir as portas do pequeno estabelecimento devota duas horas a rachar os cocos e a fazer sumo. O filho, já perto dos 50 anos, também ajuda, cuidando ainda de entregas. “Depois desta geração mais ninguém vai querer seguir ou dedicar-se a este negócio”, prevê Tong, descrente. “Até a lavar pratos em casinos se ganha mais”, lamenta, num regresso brusco ao presente.

A avalanche de turistas que anualmente desagua em Macau não teve repercussões no seu negócio. “A maioria é do Interior da China e não sabe apreciar a água de coco...”, atira, rindo-se porque também só se serve do líquido do fruto do coqueiro quando os cozinhados assim o exigem.

Tradicionais são também os riquexós que tornam bucólicas as imagens dos postais antigos da cidade. Com 70 anos, Wong já pedala há 20. “Não é que realmente goste, mas tenho de fazer a vida e sempre é melhor do que ficar em casa sem nada para fazer”, aponta. As pernas não lhe doem mesmo nesta idade. Se não fizer exercício é que fica pior. Porém, partilha o septuagenário natural de Zhongshan, nem sempre se pedala como se quer. “A competição é muito forte. Não há muitas pessoas que procurem os riquexós. Às vezes, passo um dia sem clientes.” No entanto, “mesmo não fazendo muito dinheiro”, Wong, habituado a levar ao destino turistas de vários pontos do mundo, não acredita que os típicos riquexós venham a conhecer a extinção.



* O senhor Wong mantém-se no mesmo posto de trabalho - uma pequena banca de tabaco, pastilhas elásticas e lenços de papel na Almeida Ribeiro - há mais de 60 anos

O BOM DIA QUE VEM DA ESQUINA

Na Almeida Ribeiro há outro senhor Wong, instalado há mais de 60 anos no turbulento coração da cidade – de onde avista gravatas esvoaçantes de gentes apressadas ou turistas em alvoroço de sacos em riste – e que dificilmente passa despercebido à turbamulta que cruza a Avenida, ainda que a maioria dos fregueses seja da terra.

Aos 78 anos, não lhe falta vigor na voz, nem coragem para enfrentar o intenso frio ou o insuportável calor aos comandos da pequena banca metalizada que vende maços de tabaco, pacotes de lenços ou pastilhas elásticas, à qual se foi acostumando quando era um adolescente imberbe. “É suficiente para viver [se contar também com a pensão] e gosto de aqui estar porque sempre é uma forma de me manter ocupado”, refere Wong, toda a vida vendedor ambulante. Não dispensa a corrida matinal

na Guia ainda antes do sol nascer e às sete da manhã, de pequeno-almoço aviado, roda a chave no cadeado e arregaça as mangas. Ali, onde ganhou óculos e perdeu o cabelo, fica até os ponteiros do relógio baterem as sete da tarde. Só sai para almoçar, altura em que o substitui a mulher.

“Hoje em dia tenho muito menos produtos à venda. Antigamente, havia aqui um cinema e as pessoas compravam gelados, doces ou bebidas antes de entrar, mas fechou”, o que veio a afectar, de forma significativa, o negócio, explica, recordando os tempos áureos do Teatro Apollo, que encerrou há precisamente 20 anos. Depois também apareceram lojas como as de conveniência que roubaram a clientela. De Macau, pai de três filhos, sabe de cor o que querem os seus clientes habituais, como eles sabem que estará ali todos os dias, à excepção dos domingos e feriados.

Já Chow Chi Veng estaciona sazonalmente a banca num estratégico canto no largo do Senado, mas o seu pai também inaugurou o negócio já lá vão seis décadas. Cheio de

* Chow Chi Veng perfuma com castanhas o Largo do Senado numa tradição criada pelo pai há 60 anos



Não há paragens para feriados ou domingos. Há que aproveitar o fluxo de potenciais clientes – metade local, metade turista –, bem como prolongar a labuta noite adentro até se esgotarem os fregueses

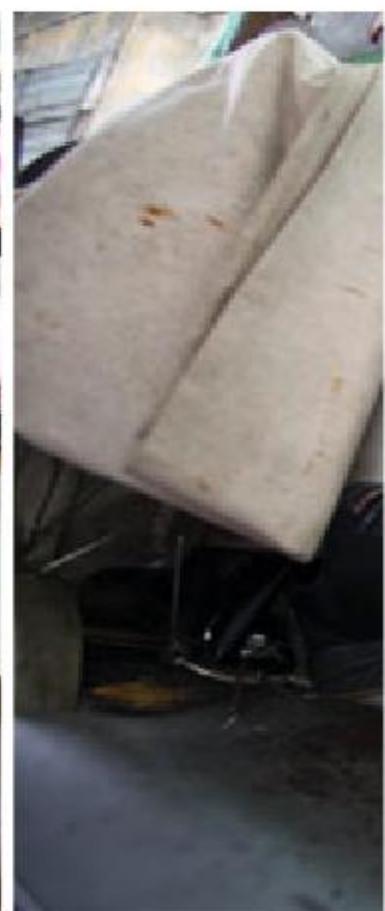
pedaços de castanha por todo o lado, Chow vai-se defendendo, como pode das que explodem da fornalha – inventada pelo seu pai há mais de 40 anos e parecida com uma betoneira –, enquanto conversa e avia a fila de clientes de guarda-chuvas abertos.

Prefere tardes soalheiras porque a chuva belisca-lhe o negócio, conta o vendedor de castanhas, capaz de soltar palavras em português, embora tenha aprendido a língua de Camões nos longínquos tempos da escola luso-chinesa. Não há paragens para feriados ou domingos. Há que aproveitar o fluxo de potenciais clientes – metade local, metade turista –, bem como prolongar a labuta noite adentro até se esgotarem os fregueses.

Ainda assim, o negócio está pior do que noutros tempos, diz, certo de que não é esse o futuro que deseja para nenhuma das três filhas principalmente porque é um trabalho “muito duro”. Enquanto as folhas não se desprendem das árvores assinalando o advento do Outono e do carinho das castanhas, Chow vai ganhando a sua vida numa fábrica de joalheria.



* A loja de costuras Vai Kei chegou a vender uma média de 200 máquinas por mês. Hoje não ultrapassa as 15



* Alfaiate desde os 16 anos, Kuoc chegou a fazer fatos por medida a Jorge Sampaio, ex-presidente da República Portuguesa

NO CORTE E COSTURA DE ANTIGAS MODAS

Não muito longe dali e também há mais de meio século resiste a Vai Kei, loja de máquinas de costura e demais acessórios. Lo, 59 anos, assegura há 30 anos, com a esposa, a liderança do espaço, legado do pai. O tempo em que tinha funcionários já lá vai. O negócio está em queda, reflexo de um presente que vai apagando o passado. Na montra passeiam máquinas com 40 anos de história, de marcas internacionais que até já cessaram a produção em massa. Somente a mais antiga, uma “Butterfly”, não está para venda.

“Antes o negócio era melhor: nos velhos tempos, vendia em média, por mês, entre 100 e 200 máquinas, actualmente apenas 15”, revela Lo, pai de dois filhos que não querem ter aquela vida. “Hoje em dia, as pessoas já não precisam de fazer peças de roupa, optando por comprar feita”, constata, lamentando o fim da actividade de comerciantes vizinhos. Enquanto fala entra um cliente jovem, mas o fenómeno tem explicação: “Há jovens que vêm aqui comprar



* A senhora Ng já teve uma loja de arranjos de sapatos. Hoje resta-lhe uma pequena banca na Travessa dos Alfaiates

À PROCURA DOS VENDEDORES PELAS RUAS

Na Travessa dos Alfaiates também se mexem em linhas e agulhas, mas Ng conserta sapatos. É a única vendedora ambulante no activo daquele arruamento. A banca de hoje foi um dia uma loja e Ng empregada numa fábrica de confecções e doméstica. A prova: um punhado de fotografias desgastadas que exhibe mostrando o antigo e amplo espaço, donde o falecido marido retirava os proventos até que no final dos anos 1990 foi forçado a encolher o negócio por causa de planos urbanísticos.

A partir daí, foi o declínio. “Às vezes, ganho menos de 100 patacas por dia. Só os locais que me conhecem vêm aqui”, explica, enquanto cola um par de sapatos com a ajuda de uma tira de madeira. “Mas mesmo pouco é melhor do que nada”, realça Ng, de 60 anos, que conta com o apoio dos filhos, ambos encaminhados em dois grandes sectores: o imobiliário e os casinos. Ng detém então uma das 1089 licenças de vendilhão que existiam no final de 2012, segundo dados do Instituto para Assuntos Cívicos e Municipais, os quais espelham o compassado desaparecimento dos vendedores ambulantes: desde 1999 perderam-se 560. O académico de Hong Kong Liu Kwok Man, num estudo comparativo sobre a gestão dos vendilhões, publicado na *Revista da Administração* em 2010 – que “a subsistência das zonas de vendilhões reflecte a situação económica de um território”: em época de prosperidade económica, o número diminui; e em tempos de crise, aumenta.

A maior zona de vendilhões não se concentra, no entanto, no centro da cidade, mas na Rua da Emenda, com a maioria a operar com uma licença de venda de quinquilharias, à semelhança de Ng. As delícias de muitos fazem em especial os vendedores de comidas, que levam e espalham sabores e cheiros. Nos tempos em que “abundavam”, deixaram entranhados nas ruas os aromas dos deleites que ofereciam e satisfaziam a gula por tuta-e-meia, mesmo “sem respeito pelos rigorosos preceitos de higiene, expostos ao ar, às moscas, à poeira e aos miasmas da rua”, como escreve Henrique de Senna Fernandes no seu livro *Mong-Há*. ●

porque estão a estudar ou a aprender *design*”. Mais à frente, na Rua dos Ervanários, a máquina de costura é instrumento de trabalho. A senhora Cheong, com quase 60 anos, é uma das costureiras ainda no activo, com experiência de anos conquistada numa fábrica nos tempos em que a indústria manufactureira imperava em força. O pequeno negócio aberto pela sogra vai dando, mas nunca o suficiente para se conseguir sustentar. É mais “ocupação” do que uma fonte de rendimentos, confessa, sem tirar os olhos de uma bainha, Cheong, que vive no andar de cima, e costura paredes meias com uma loja de roupa. Os clientes são principalmente os moradores ali da zona, como as senhoras que estão a seu lado: “Uns dias aparecem muitos, outras vezes, um ou dois, depende”.

Já o senhor Kuoc, que partilha o ofício, também nota que o negócio “está pior do que antes”. E talvez por isso seja categórico: “Tenho um filho e uma filha e não os quero aqui”. Alfaiate desde que aprendeu o corte e costura aos 16 anos, trabalha sozinho na loja, mas tem ao seu serviço funcionários. A tesoura é a fiel amiga de Kuoc, que deixa transparecer o brio de quem já fez fatos por medida para figuras de gabarito, como o ex-presidente da República Portuguesa Jorge Sampaio, ao lado do qual exhibe o orgulho de aparecer numa foto pendurada na parede.

PRODUTOS *MADE IN MACAU*

PEQUENOS VALENTES NEGÓCIOS

A economia de Macau não é feita apenas de grandes empresas, hotéis e operadoras de jogo. Há um pouco por todo o território pequenas fábricas com dezenas de anos de história que resistem aos novos tempos

Texto **Alexandra Lages** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

Há produtos para os gostos de todos os fregueses. Do vestuário ao calçado, passando pela alimentação e a medicina tradicional chinesa, a pequena indústria de Macau ainda sobrevive. O sector fabrica toda a gama de produtos que se possa imaginar. Do lado da alimentação, por exemplo, há gelados, pizzas congeladas, massas chinesas, os famosos biscoitos de amêndoa, pasta de caril, café e vinho chinês. Alguns são ainda produzidos de forma totalmente artesanal e a seguir processos de confecção que passaram de geração em geração.

Grande parte das empresas que fabrica produtos *made in Macau* dedica-se ao vestuário, mas há ainda tantas outras fábricas de artigos de plástico, de televisões, brinquedos, produtos de cosmética e até desinfetantes amigos do ambiente. No total, são 37 empresas locais e 306 produtos produzidos na RAEM. Apesar de serem pequenos negócios, com um impacto pouco visível na economia local, as fábricas estão a conquistar um espaço notável e já têm uma montra num ponto estratégico para exibirem o que de melhor sabem fazer.

“Os produtos *made in Macau* estão actualmente a ser divulgados através da sala de exposições *Made in Macau*. Criámos a Marca ‘M in M’ com o objectivo de reforçar a competitividade destas empresas, melhorar o seu valor acrescentado e explorar o vasto mercado da China para exportação. É esperado que o efeito da marca *Made in Macau* possa ajudar a promover estes produtos locais a desenvolver o sector manufactureiro local”, diz o presidente do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), Jackson Chang.

O IPIM tem levado todos estes produtos com o selo de Macau a várias feiras internacionais. Há ainda uma revista digital que é distribuída local e internacionalmente para ajudar à promoção destas empresas. Jackson Chang admite que ainda hoje muitas empresas estão a deslocalizar a produção para o Interior da China, como foi o caso da *Macau Beer*, que mudou a sua unidade fabril para a vizinha cidade de Zhuhai. “É uma situação normal. Macau não é competitivo suficientemente para manter essas fábricas aqui”, acrescenta.



ECONOMIA

Apesar disso, o presidente do IPIM acredita que as pequenas fábricas têm um grande potencial, principalmente em alguns sectores que podem beneficiar do rápido desenvolvimento do turismo. “Macau está a tornar-se num centro internacional de turismo e lazer que recebe cerca de 30 milhões de visitantes por ano. Há um enorme potencial para as marcas de Macau e os seus produtos, como os bolinhos tradicionais.” A medicina tradicional chinesa e as indústrias culturais e criativas também têm um forte potencial de desenvolvimento, pois estão a receber um forte apoio do Governo.

Mas é através da indústria alimentícia que a RAEM tem trilhado o seu sucesso. É a fábrica de cafés SIM-Sociedade Industrial de Macau ilustra o caso. A empresa foi fundada em 2005 e emprega tecnologia avançada, um laboratório moderno e completo, bem como uma sala para testes diários. O objectivo é tornar-se na fábrica mais moderna de café na Ásia. Por ano, 9000 toneladas de café saem da maquinaria da SIM directamente para chávenas espalhadas

pela região do Sudeste Asiático e por toda a China. No ano passado, a SIM fundiu-se com a chinesa IMO e está agora à conquista do mercado da China e de Hong Kong. No entanto, a fábrica já está a operar na sua capacidade máxima.

Os primeiros resultados dos esforços do IPIM já são visíveis, aponta Jackson Chang, com números em mãos. As exportações de Macau aumentaram 24 por cento para 1,58 mil milhões de patacas nos dois primeiros meses deste ano, face a igual período de 2012. Por mercados, destacam-se os valores exportados para Hong Kong (977 milhões de patacas) e para o Interior da China (200 milhões de patacas), com aumentos anuais de 48 por cento e 23 por cento, respectivamente. Do universo de mercadorias que seguiram para o exterior, 1,44 mil milhões de patacas eram produtos não têxteis - valor que traduz um acréscimo de 32 por cento em termos anuais -, num cabaz em que bens como jóias (207 milhões de patacas) e relógios (169 milhões de patacas) deram um salto anual de 85 por cento e de 143 por cento, respectivamente.

Grande parte das empresas que fabrica produtos *made in Macau* dedica-se ao vestuário, mas há ainda tantas outras fábricas de artigos de plástico, de televisões, brinquedos, produtos de cosmética e até desinfectantes amigos do ambiente



INVERNO DENTRO, VERÃO FORA

Na fábrica de sorvetes Kai Fong só há uma estação do ano. É sempre Inverno. Os gelados são confeccionados por senhoras vestidas de bata verde e touca na cabeça que manuseiam grandes máquinas prateadas. Depois é preciso guardar todos os gelados numa arca frigorífica gigante que assinala os 25 graus centígrados negativos. “Só podemos ficar lá dentro cerca de três minutos”, aponta o administrador da fábrica, Chamson Cheong, enquanto espera que uma das trabalhadoras traga uma caixa de cornetos para fora.

A Kai Fong fabrica vários tipos de gelados há mais de 40 anos. Além dos cornetos, há pequenos copos e embalagens familiares. Ali, até se fazem sandes de sorvete. Algumas embalagens mantêm a sua imagem antiga que nos fazem recuar no tempo e nos transportam à velha infância. São quase objectos de colecção. Ao contrário da economia de Macau, o negócio não está a crescer, mas fechar a fábrica está fora de questão. A unidade fabril começou por ser um pequeno negócio familiar. Um casal local abriu uma pequena loja no bairro de São Lázaro há mais de quatro décadas e o movimento desde sempre foi suficiente para manter a tradição em marcha. “Passados dez anos, os padrões de qualidade dos alimentos em Macau ficaram mais elevados, e eles foram obrigados a mudar para a actual localização, num edifício industrial da Avenida Venceslau de Moraes”, explica o responsável. Os filhos não tinham interesse em continuar o negócio e, em 2008, pensaram encerrar portas. Contudo, um homem de negócios local comprou a empresa e faz questão de mantê-la a funcionar a todo o gelo. “O negócio não está a crescer. Contudo, o senhor Ip [dono da empresa] faz questão de manter o negócio aberto. Ele quer preservar esta herança.”

Actualmente a Kai Fong está a tentar modernizar-se para ser mais competitiva. Adquiriu mais maquinaria e está a investir em marketing e publicidade. A empresa tem participado em feiras na China, mas todos os esforços são poucos para garantir que continue a ser para sempre Inverno na fábrica de sorvetes.



O PASTELEIRO QUE TRABALHA ÀS ESCONDIDAS

Todos os dias, por volta das 19h Lei Chi Iong espera que os seus empregados terminem o expediente e regressem a casa para pôr mãos à obra. Fecha as portas da loja situada na pacata Rua do Gamboa, coloca o avental de pasteleiro e começa a confeccionar centenas de bolinhos de amêndoa. “A minha receita é a minha arma secreta”, diz o proprietário da pastelaria Chui Heong. “Nunca trabalho em frente aos meus empregados. Espero que eles saiam primeiro antes de começar para manter a alma do negócio.”

Os bolinhos de amêndoa são hoje um produto muito apreciado pelos turistas. Contudo, os clientes do senhor Lei são apenas residentes locais. O negócio está “*Ok la*”, diz Lei. “Somos famosos por ter sempre os estoques esgotados. Os nossos bolinhos de ovo e amêndoa são muito vendidos nos feriados, muito mais do que na concorrência. A pastelaria Chui Heong, que ainda trabalha sob a supervisão da sua fundadora há mais de 50 anos, a avó Lei, como quer ser chamada, não ambiciona o dinheiro dos turistas. Prefere continuar onde está, numa zona residencial, apesar de ser tão próxima da azáfama da Avenida Almeida Ribeiro.

O negócio da avó Lei e do filho privilegia o método artesanal. Tudo é feito à moda antiga, com as madeiras que se batem na mesa para dar forma aos bolinhos. “Seguimos o método tradicional”, diz o filho. Para fazer uma única bolacha são precisos dois dias. A pastelaria consegue confeccionar cerca de 18 caixas em cada dois dias, num total de 500 unidades de bolinhos de amêndoa com carne e ovo no topo.



Estes são os bolinhos que Lei não revela a receita. Os três pasteleiros contratados estão apenas a cargo dos outros biscoitos mais comuns, os com pedaços de amêndoa. Lei é discreto em relação à situação do negócio, mas salta à vista que a pastelaria Chui Heong está numa situação financeira bastante confortável. O segredo é a alma do negócio.

E por que não expandir a empresa? A avó Lei diz logo que não. Não há dinheiro suficiente para mudar para uma zona mais turística, explica. “Por agora não”, continua o filho. “Tudo depende do dinheiro e da mão-de-obra. Todos os nossos produtos são de fabrico artesanal e arranjar funcionários é um problema.”

O negócio está aberto todos os dias das 10 às 19h00. Só fecha no feriado do dia 1 de Maio. Todos os pasteleiros aprenderam a arte de fazer bolinhos de amêndoa ali mesmo, com o senhor Lei.



A pastelaria Chui Heong, que ainda trabalha sob a supervisão da sua fundadora há mais de 50 anos, a avó Lei, como quer ser chamada, não ambiciona o dinheiro dos turistas. Prefere continuar onde está, numa zona residencial





NÉCTAR CHINÊS

A mesa está ocupada com garrafas de vidro em forma de dragão, já cheias com um néctar alcoólico cor de amêndoa. Um homem de calções e em tronco nu vai tapando cada garrafa com rolhas de vidro. Ao lado está uma panela eléctrica com água a ferver. Uma a uma, o homem mergulha as garrafas na água a esquentar para selar as tampas com o plástico à volta da rolha. Depois, cada garrafa é delicadamente colocada numa caixa toda feita em esferovite. “Estas vão ser todas exportadas para Londres”, explica Johnny Leong, dono da fábrica de vinho chinês Nova Macau.

A fábrica foi fundada em 2002 e é uma cooperativa vinícola nacional, especializada em vinhos chineses, incluindo vinho para consumo, medicinal e os mais comuns para cozinhar. Cerca de 90 por cento da produção é exportada para Taiwan, Singapura, Malásia, Canadá, Hong Kong e Europa. Todavia, é possível encontrar algumas poucas garrafas nas montras de lojas *duty free* e em alguns casinos.



A Fábrica de Vinhos Nova Macau produz entre 20 a 30 mil garrafas por mês. É uma empresa pequena, com apenas oito empregados. O senhor Leong decidiu montar o seu próprio negócio há dez anos quando a fábrica de vinhos onde trabalhava fechou

“Especialmente aquelas garrafas com formas e sabores especiais”, diz Leong.

Cerca de 50 por cento da produção é feita em Macau. Quase todas as matérias-primas são importadas da China, mas é localmente que o senhor Leong faz toda a alquimia que vai resultar no produto final. “Há algumas matérias-primas que às vezes não é possível importar, como arroz e cereais. Então temos que as produzir aqui. Tenho uma máquina para cozer o arroz, por exemplo, para esses casos”, explica.

A Fábrica de Vinhos Nova Macau produz entre 20 a 30 mil garrafas por mês. É uma empresa pequena, com apenas oito empregados. O senhor Leong decidiu montar o seu próprio negócio há dez anos quando a fábrica de vinhos onde trabalhava fechou. “Fiz vários cursos na China para aprender como misturar os vinhos e como aplicar a fórmula química”, conta.

Apesar da indústria turística estar a crescer de vento em popa em Macau, a fábrica do senhor Leong tem vindo a sofrer com o aumento da inflação. “O negócio está limitado e a andar muito lentamente”, lamenta-se. Além disso, é difícil competir com produtos mais baratos que estão a ser produzidos na China.

A AGARRAR NICHOS DE MERCADO

Foi em tempos uma das principais indústrias com mais peso nas exportações. Mas depois veio o sector do jogo, que começou a atrair a mão-de-obra, juntamente com a concorrência das fábricas de baixo custo da China. Mesmo assim, ainda existem várias fábricas de têxteis e vestuário na RAEM que continuam a resistir contra os factores económicos. A Fábrica de Artigos de Vestuário Man Ka Limitada figura na lista dos resistentes.

Man Chiang abriu a fábrica de vestuário em 1988. “Na altura, não havia muitas indústrias de têxteis em Macau nem casinos”, recorda o presidente da empresa. Man era empregado numa fábrica de têxteis com sede em Hong Kong e, apesar da economia estar em má forma, decidiu arriscar.

Os seus instintos estavam certos e a fábrica começou a crescer. “Comecei apenas com dois empregados, e um deles era eu”, recorda. Nos anos 1990, começou a ter os seus primeiros clientes no mercado de Hong Kong e noutros sítios do mundo. Hoje a maioria da sua produção é exportada para Europa, América e Sudeste da Ásia.

Chegou a ter 750 empregados a trabalhar na sua fábrica. “Mas isso foi há seis anos. Agora tenho 400”, diz. Em 2006, a empresa produzia cerca de 300 mil unidades de vestuário por mês. Agora não ultrapassa a cifra dos 100 mil. “A nossa produção caiu para um terço”, acrescenta Jacky Chiang, filho de Ma e gerente do negócio. No entanto, Ma está confiante que o negócio vai melhorar no futuro, mas nunca voltará ao





A Fábrica de Artigos de Vestuário Man Ka começou em 1988 com apenas dois empregados – e um deles era o dono. Nos anos 1990, começou a ter os seus primeiros clientes no mercado de Hong Kong e noutros sítios do mundo. Hoje a maioria da produção é exportada para Europa, América e Sudeste da Ásia



nível de antigamente. “Muitas empresas de vestuário estão a mudar para a China. Não estou a pensar fazer o mesmo, porque quero continuar com o negócio cá. Uma é manter duas unidades, uma em Macau e para lá da fronteira.” Apesar de todas as dificuldades, Ma garante que ainda é vantajoso produzir na RAEM. “O yuan está alto e os ordenados são mais elevados, enquanto aqui ainda é possível contratar trabalhadores não-residentes. Além disso, somos uma empresa com mais de 20 anos de experiência e uma equipa de produção excepcional, fornecendo um serviço de *one-stop* na produção e exportação. Isso é uma grande vantagem.” Apesar de o volume das exportações estar a baixar, a Fábrica de Artigos de Vestuário Ma Ka Limitada está a conseguir dar a volta por cima. “Há sempre outras maneiras de fazer negócio, como criando a nossa própria marca e a produzir uniformes para os empregados de casinos”, aponta Ma. E a luta continua. ●

Macau

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



δ deltaedições

ONDE PODE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

Lisboa

Centro de Promoção
e Informação Turística
de Macau em Portugal
Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Delegação Económica e Comercial de Macau
Av. 5 de Outubro, 115 – 4º
1069-204 Lisboa

BÉLGICA

Macao Economic and Trade Office to the E.U.
Avenue Louise, 480
1050 Bruxelles - Belgium

MACAU

Livraria Portuguesa
Rua São Domingos, 18-22
Tel: +(853) 28 556 442

Livraria S.Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 28 323 957

Plaza Cultural

Av. Conselheiro Ferreira de Almeida, 32

Café Caravela

Pátio do Comandante Mata e Oliveira, 29

Pizza & Companhia

Av. Ouvidor Arriaga, 79/79A

Jade Garden Magazines Stall

Av. da Praia Grande S/N

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 2,620.00 | BRASIL: BRL 56.00
CABO VERDE: CVE 2,459.00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 14,634.00
MACAU: MOP 100.00 | MOÇAMBIQUE: MZM 771.00
PORTUGAL: EUR 22.00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 546,445.00
TIMOR-LESTE: USD 28.00 | RESTO DO MUNDO: USD 35.00

www.revistamacau.com

Se deseja ser assinante da revista MACAU (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
Email: contacto@revistamacau.com Tel: +853 2832 3660 Fax: +853 2832 3601

NOME: _____

MORADA: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____

EMAIL: _____

Não inclui portes de correio.



MONUMENTOS ETERNOS

Mina, Dina, Bela e Guiomar Pedruco são património vivo da RAEM – as únicas quatro irmãs a vencerem um concurso de Misses exibem uma beleza à prova do tempo. Quase 25 anos após a primeira tiara, contam a sua história, actualizada com mais casamentos do que filhos. E muito trabalho, que estas Misses nunca quiseram ser “dondocas”



Já ouviu a história da candidata a Miss que chorou porque partiu uma unha? Da que suspirava entre desfiles pelo príncipe endinheirado que nunca mais aparecia? Ou ainda daquela tão obcecada em ganhar que nem as orelhas poupou à cirurgia plástica? A história do triunfo sem paralelo das irmãs Pedruco não tem nada disto, pulverizando clichés de concursos de beleza.

As manas assumem-se como marias-rapazes. Da infância à adolescência, nada de vestidos e batons, era mais desporto e até ocasionais cenas de pancadaria. Mas a mãe percebeu que a beleza delas seria o passaporte para deixarem de distribuir nódoas negras. Victoria Pedruco sabia que tinha um póquer de damas na mão. E que era altura de ir a jogo.

Guilhermina, a mais velha, foi a primeira cartada bem sucedida. Mina não só passou com distinção na nota técnica da feminilidade, como brilhou ainda mais na nota artística – em 1989, então com 19 anos, mostrou como se ganha tiara, ceptro e faixa.

MINA DE OURO

Mina já conhecera o primeiro lugar do pódio. No karaté, as suas performances encheram-na de medalhas, com o ponto alto a suceder numa competição internacional no Japão, onde arrebatou ouro a duplicar. Embora já não se lembre bem. “Comecei com 12 anos. Tenho muitos troféus, certificados, mas não sei onde está nada disso. Se calhar foram para o lixo (risos). Fui campeã no Japão com 14 ou 15 anos, ganhei em combate e *kata* [modalidade de execução de golpes sem adversário].”

O desprendimento com que fala dos êxitos no karaté é o mesmo com que refere ter sido Miss. Aliás, tanto ela como as irmãs. Uma genuína e desconcertante atitude. “Foi uma experiência engraçada, mas é passado” são palavras comuns às quatro irmãs, pouco impressionadas com o seu feito. Mina dá ainda menos importância. É que nem só os troféus do karaté andam desaparecidos. “A faixa já estava amarela e deitei-a fora. A tiara e o ceptro não sei onde estão (risos).”

O karaté acabou quando ela tinha 18 anos. “Deixei por causa do meu namorado, era muito ciumento. Mas como estava mergulhada nesse amor, também não foi difícil. Gostava mais dele do que do karaté (risos).” Sendo ciumento, não ficou aborrecido por vê-la concorrer a Miss Macau? “Não podia, a sugestão veio da minha mãe, com quem se dava bem. Aliás, era o único dos genros de quem ela gostava (risos).”

A mãe incentivou Mina a concorrer a Miss Macau para ser mais feminina. “Nunca tinha andado de saltos altos. Nós as quatro éramos muito maria-rapazes, nada de saias ou maquilhagem. Aprendemos e ficámos a gostar, embora ainda hoje tenha preguiça de me maquilhar (risos).”

Apesar de tudo, teve a tarefa mais fácil – foi a primeira, não havia comparações. “Estava calma, não tinha pressão para ganhar. Ainda assim, na noite do concurso, tive uma infecção num dos olhos e só pude usar uma lente de contacto. Estava como Camões, mas tinha de disfarçar. Umhas horas antes, combinei com o bailarino que ia levar-me pelas escadas para me agarrar bem. No palco, como não era a descer, o desfile tornava-se mais fácil. Quando fizeram as perguntas, evitei olhar para a câmara, porque tinha o olho muito vermelho.”



A mãe incentivou Mina a concorrer a Miss Macau para ser mais feminina. “Nunca tinha andado de saltos altos. Nós as quatro éramos muito maria-rapazes, nada de saias ou maquilhagem. Aprendemos e ficámos a gostar, embora ainda hoje tenha preguiça de me maquilhar (risos)”



Nada, porém, que a perturbasse. Quando anunciaram o nome da vencedora, garante que se manteve descontraída. “Não fiquei assim surpreendida, tipo “ah, eu, eu?!?”. Foi mais “ai é?, ok está bem”. Não chorei, estava calma. O que realmente me surpreendeu foi darem-me o prémio de Miss Fotogenia. Não gostava de tirar fotos na altura e continuo igual (risos).” A família vibrou com o triunfo. “Deviam estar mais confiantes do que eu, porque já tinham reservado restaurante para jantarmos a seguir.” A confiança tinha razão de ser, porque Mina era apontada como favorita. “Até os jornais diziam isso. Foi a partir daí que umas conhecidas, que também participaram, ficaram mesmo invejosas. Diziam às outras que eu ia ganhar Miss Fotogenia e Miss Macau, por isso não podiam votar em mim para Miss Simpatia.”





O Miss Chinesa Internacional – outra competição com acesso garantido pela vitória no Miss Macau – trouxe nova alegria. Mina ficou em terceiro lugar, ainda hoje a melhor classificação de Macau nesse concurso para Misses de ascendência chinesa



Fora de portas, no Miss Mundo, ficou um pouco desolada porque a competição foi em Taiwan e em Hong Kong, onde se realizaram os desfiles finais. Ou seja, perto de casa, sem aquelas viagens distantes tão apetecíveis. Apesar de estar no Miss Mundo ainda com menos pressão, pelo maior número de concorrentes, sentiu que o concurso podia ter decorrido de outra forma. “Pessoas da organização disseram-me que o meu nome estava no grupo de finalistas, mas que o retiraram para pôr lá a Miss Tailândia, cujo patrocinador contribuía com muito dinheiro para o concurso.”

O Miss Chinesa Internacional – outra competição com acesso garantido pela vitória no Miss Macau – trouxe nova alegria. Mina ficou em terceiro lugar, ainda hoje a melhor classificação de Macau nesse concurso para Misses de ascendência chinesa. “Fui Segunda Dama de Honor, porque não havia mesmo melhor (risos). Voltei a ser a favorita, os jornais falavam nisso em Hong Kong, onde também foi a final. Ganhou a Miss Austrália, cujos representantes faziam parte da organização, e a Primeira Dama de Honor foi a Miss Hong Kong, que jogava em casa.”

Entre os prémios estava a participação num filme produzido em Hong Kong. Foi o primeiro de uns quantos, mas a carreira terminou cedo. “Detestei todo o ambiente. Demasiados jantares, muita falsidade, horários trocados. A própria representação também me entusiasmou pouco. Ser atriz não era para mim.”

Quando foi Miss Macau, representar o território, em actividades coordenadas pelos Serviços de Turismo, era parte do prémio. Interrompeu os estudos, mas depois foi para Inglaterra fazer um curso de turismo. Regressou e foi secretária no Leal Senado. Já depois da transição, manteve-se como funcionária pública. Conciliando trabalho e família, tirou a licenciatura em Administração Pública. Abriram-se oportunidades, que aproveitou. Há já alguns anos, trabalha na Divisão de Higiene Ambiental do Instituto para os Serviços Cívicos e Municipais.

A família é o seu pilar. A começar pelo “namorado ciumento”. “Casei-me em 1995. Namorámos seis anos, mas já o conhecia desde os dez, fomos colegas de escola. E um pouco de ciúme nunca fez mal, é sinal que gosta muito de mim (risos).” Têm dois filhos, um rapaz com 17 e uma rapariga com dez. Será a próxima Miss Macau da família? “Se quiser participar nada tenho a opor. Acho que vai gostar. Saiu ao contrário da mãe e das tias, é muito vaidosa. Combina todas as peças quando lhe peço para se vestir para sairmos. É brilho por todo o lado (risos).”

BELA ATÉ NO NOME

Só quatro anos depois houve outra Pedruco como Miss Macau, porque Geraldina, a segunda mais velha, não estava para aí virada. Em 1993, a nova eleita foi a mana seguinte, Isabela, então com 20 anos. “A minha mãe incentivou-me, mas achei graça. Eu e a Guiomar já tínhamos feito trabalhos de moda, por isso foi mais fácil participar. Adoro a sensação de ter o coração a bater antes de subir ao palco. Ainda hoje, quando participo no teatro do patuá, gosto disso.”

E a sombra de Mina. O que faria Bela se perdesse? “Havia de facto um bocadinho de pressão por causa da vitória dela. Mas liguei pouco. Se não ganhasse, ia estudar para fora (gargalhada).”

Recorda o Miss Macau como um momento agradável, mesmo antes de saber que iria ganhar. Adorou a preparação, o convívio e a oportunidade de viajar até à Coreia do Sul, onde as concorrentes fizeram filmagens promocionais. “Em geral o ambiente era bom, mas com um grupo de mulheres juntas há sempre coisas. Fiquei muito desiludida com uma amiga que conhecia desde a escola primária. Também concorreu e distanciou-se de mim, começando depois a difamar-me. Uma tristeza.” Foi-se a amiga, ficou o tesouro – imune à má-língua, Bela ganhou o Miss Macau, juntando ao título, tal como fizera Mina, a distinção de Miss Fotogenia. Perante júri, público e família, desfilou confiante para a segunda vitória das Pedruco. E se não chorou na hora da consagração, rir teve um preço. “Recordo bem o sorriso que tinha. Era tão automático que já me doíam os músculos dos maxilares. As bochechas até tremiam (risos)!”





Perante júri, público e família, desfilou confiante para a segunda vitória das Pedruco. E se não chorou na hora da consagração, rir teve um preço. “Recordo bem o sorriso que tinha. Era tão automático que já me doíam os músculos dos maxilares. As bochechas até tremiam (risos)!”

PERGUNTAS DE MISS

Guilhermina

Qual a qualidade mais importante de um homem?

A inteligência.

É fácil dizer não?

Quando era mais jovem, não sabia dizer não. Demorei, mas agora sei dizer quando devo, sem peso na consciência.

Isabela

Descreva-se em duas palavras.

Alegre e descontraída.

Exemplo de um homem sexy.

O meu avô.

Geraldina

Uma pessoa que admira.

O meu pai.

O que a deixa furiosa?

Quando acordo com mau-humor até respirar me deixa furiosa!

Guiomar

O que faria se ganhasse um milhão de dólares?

Uau, comprava uma casa!

Qual a sua melhor qualidade?

Sou bastante sociável.



No seu ano, foi a Primeira Dama de Honor a ir ao Miss China Internacional, mas o passeio motivado pela participação no Miss Mundo mais do que compensou. “Uma maravilha! Foi em Sun City, na África do Sul, adorei. Umas belas férias, sem qualquer pressão.” Algumas candidatas, porém, não estavam lá para ver as vistas. “Há sempre umas com a mania que são melhores. Isso aconteceu com a Miss EUA e a Miss Venezuela, países que ganharam várias vezes no passado.”

Antes de irem para a África do Sul, as candidatas passaram por Londres. “Na madrugada em que estávamos no hotel, tocou o alarme de incêndio. Disseram para sairmos depressa, mas nem percebi, estava cheia de sono. A Miss Hong Kong, que dividia o quarto comigo, insistiu para eu acordar, o barulho continuava e fomos ver o que era.” O resultado foi uma imensidão de Misses de roupão? “Quase. Levaram-nos para outro hotel, onde esperámos num salão. Só trouxe um casaco

quente (estava frio em Londres) e uns chinelos. Mas algumas já lá estavam todas arranjadas, com chapéu, maquilhadas, sei lá! Eu, na iminência de um incêndio, quis foi despachar-me o mais depressa possível, mas outras puseram a aparência em primeiro. A Miss América era a que mais se dava ares. *‘I am a beauty queen!’*, gritava, dizendo que não podia passar por aquilo (risos).”

Com o *apartheid* perto do fim, o concurso acompanhou o ponto de viragem na África do Sul. A vencedora local tinha sido a primeira negra a ser coroada Miss África do Sul, ganhando depois o posto de Primeira Dama de Honor no Miss Mundo. E a grande vencedora foi a Miss Jamaica, também de ascendência africana. Bela foi a única das irmãs que não quis tirar um curso em Inglaterra, concluindo os estudos na sua terra. Depois do ano dedicado a representar Macau, foi trabalhar na Air Macau, onde a sua beleza também se destacou. “Voltei a participar num concurso de beleza, em 1996, para



* Na infância e adolescência,
as Pedruco viam-se como maria-rapazes

* Na década de 1990, as irmãs Pedruco foram entrevistadas para a revista espanhola *Hola!* em Macau, e relembrou a sua história de beleza

Bela foi a única das irmãs que não quis tirar um curso em Inglaterra, concluindo os estudos na sua terra. Depois do ano dedicado a representar Macau, foi trabalhar na Air Macau, onde a sua beleza também se destacou

assistentes de bordo – o Miss Interline – onde ganhei Primeira Dama de Honor.” Mais tarde, o amor influenciou o trabalho. “Há cerca de sete anos, fui viver com o meu ex-marido para Hong Kong, onde trabalhei no Consulado de Angola. No ano passado vim para Macau, onde abri um salão de estética masculina.”

Após dois casamentos, está agora solteira. Um homem precisa de muita autoconfiança para ser casado com uma Miss? “Nada disso, nunca foi um factor nas minhas relações. O que conta é a personalidade.”

Sobre o estigma de beleza e inteligência não conviverem, afirma que nunca enfrentou o preconceito. Nem as irmãs. “O que sentimos mais é as pessoas pensarem que, por termos sido Misses, não precisamos de trabalhar. Como se o dinheiro viesse do ar. Devem pensar que podíamos casar com um rico e ficar em casa sem fazer nada (gargalhada). Nunca quis tal coisa!”



DINAMITE

“Quando me perguntam se sou bonita, só digo que não sou feia. Tive sorte em ser Miss porque o júri gostou do nosso tipo de beleza. Mas há outras mulheres com outros tipos de beleza.” As palavras parecem modestas, mas Dina não se preocupa em avaliá-las. Quando fala – como ela admite e as irmãs confirmam – diz o que pensa. As consequências até podem ser explosivas, mas esta “Dina-mite” sempre foi assim.

Talvez por isso, foi difícil convencê-la a participar no Miss Macau. A mãe tentou cedo – afinal, era a filha mais velha a seguir a Mina – mas Dina esquivou-se sempre. Em 1995, quando veio de Inglaterra, onde estudava Turismo, a mãe voltou à carga. No último dia possível, inscreveu-a. “Quando me contou, pensei ‘pronto, olha, já está, agora não há

maneira de não ir’.”

A pressão era grande, pelos triunfos prévios das irmãs, trazendo um desequilíbrio extra ao maior desafio que a competição lhe impôs: dominar os saltos altos. Dina nunca calçara para lá do raso, com a agravante de que tinha 24 anos, mais cinco do que Mina quando foi Miss Macau. “Aprendi nas semanas que antecederam o concurso. Quando íamos tirar fotografias, em pose, parecia que eu ia cair a qualquer momento. Para a frente, para trás, caio, não caio. As pessoas a rirem, gritando “fica de pé!”, e eu ali a tentar equilibrar-me com saltos de oito centímetros... Usei saltos altos todos os dias. Só faltava dormir com eles (risos).”

A aprendizagem saiu perfeita. Dina foi eleita Miss Macau, numa vitória já então inédita de

A pressão era grande, pelos triunfos prévios das irmãs, trazendo um desequilíbrio extra ao maior desafio que a competição lhe impôs: dominar os saltos altos. Dina nunca calçara para lá do raso, com a agravante de que tinha 24 anos, mais cinco do que Mina quando foi Miss Macau



três irmãs. Quase 20 anos passados, a memória prega-lhe partidas. “Não me lembro de muita coisa (risos). Quando anunciaram que eu tinha ganho, isso sim.” Também não chorou, mas confessa que esteve quase. “Não de alegria, mas de alívio! Foi tanto stress!”

Sobre ciúmeiras, Macau foi melhor do que o passeio fora de portas. “Mulheres invejosas há em todo o canto (risos), mas no meu ano não houve problemas. No Miss Mundo é que me recorro de muitas coisas dessas. Por exemplo, tínhamos de entregar à organização as roupas com que íamos desfilar para serem guardadas. Explicaram-me que houve um ano em que as roupas ‘tinham-se estragado’. Ou seja, alguém fora cortá-las. Havia sempre dois guarda armados em frente ao quarto onde se guardavam as roupas!”

Dina participou no Miss Chinesa Internacional, em Hong Kong, mas diz que foi normal. Do Miss Mundo – também na África do Sul, de novo em Sun City – é que tem mais histórias para contar. Como ver uma candidata em intimidades com um jurado. “Antes do concurso havia jantaradas que nunca mais acabavam, com a presença dos jurados. Eram muitos, entre dez a 20, e nós tínhamos dois minutos cada uma para falar com eles. Estes jantares eram para que o júri pudesse ter um conhecimento prévio das candidatas, que eram quase 100. Numa dessas festas, eu estava num grupo com a Miss Taiwan. E ela começa “olha aquela, olha aquela!”. Eu, distraída como sempre, quando olho digo “o que está ela a fazer?”. Era uma candidata a atirar-se a um jurado! E depois saíram de mãos dadas!” Não recebeu a tiara, mas Dina revela que teve direito a distinção. “Não recebeu um prémio principal, mas foi Rainha de Continente (havia cinco).” E concorrentes emproadas? “Algumas. A Miss Filipinas... era estrábica e achava-se o máximo. Uns anos depois, vi uma foto dela na Internet e já tinha os olhos a ver para o mesmo lado (risos).”

Dina também estudou Turismo em Inglaterra, mas não concluiu. “Nunca me dei bem com os números. Fui parva, nem sei por que escolhi tal curso. Gosto mais de cabeleireiro, maquilhagem... Não em mim, gosto de fazer aos outros (risos).”

A mãe tentou cedo – afinal, era a filha mais velha a seguir a Mina – mas Dina esquivou-se sempre. Em 1995, quando veio de Inglaterra, onde estudava Turismo, a mãe voltou à carga. No último dia possível, inscreveu-a

Após um ano de reinado, foi trabalhar para a TAP, enquanto existiu a linha aérea entre Lisboa e Macau. Mais tarde entrou como assistente administrativa para o Consulado de Portugal em Macau, onde está até hoje. Fora do trabalho, confessa que se distrai com inúmeros interesses, mas que é muito volátil nestas paixões súbitas. Como a Aromaterapia, que quer ir aprender. Ou doçaria. “Há uns tempos fui aprender a fazer bolos. Estava numa fase de cupcakes. Agora já nem me lembro como se faz. Gosto de saber fazer as coisas para mandar as pessoas fazer. Detesto cozinhar, mas tenho muitos livros de culinária em casa, para mandar a empregada fazer. Sou assim, de repente gosto de uma coisa, vou aprender, a seguir gosto de outra, vou aprender outra.” Dina tem um filho de 15 anos, do primeiro casamento, e duas raparigas, do actual. “Uma tem quatro e a outra um e meio.” Casou-se com o segundo marido em 2008. “Conhecíamos-nos desde miúdos, tínhamos andado nos escuteiros. Ele tinha a vida dele e eu a minha, mas começámos a conviver no teatro do patuá, onde eu fazia maquilhagem, depois do meu divórcio. Namorámos poucos meses e casámos logo. Para não gastar tempo (risos). Sou uma mulher muito prática.”

GUIOMAR TENS QUE GANHAR

Com as irmãs coroadas, Guiomar, a mais nova, tinha o peso do mundo em cima – a família queria que concorresse, mas ela só pensava na vergonha de perder o que todas as manas tinham ganho. A mãe tentou convencê-la de várias maneiras, incluindo pura guerrilha de provocação, chamando-lhe feia, entre outras arrelias. “Porque eu era a mais gorda. Estava sempre a pedir para eu fazer dieta, que só faltava eu ganhar. Brincava, mandava umas bocas. Queria mesmo convencer-me.”

As irmãs juntaram-se à mãe. “Vá lá, é uma boa experiência, não te preocupes, vai correr bem.” Guiomar lutava como podia. “Vocês sabem que não gosto dessas coisas, sou muito maria-rapaz.” As desculpas acumulavam-se, até que ela se refugiou no último reduto: dizer que podia perder a bolsa da União Europeia, ganha para estudar Gestão Hoteleira em Inglaterra, se interrompesse o curso. A família não quis saber, mantendo-se irredutível: se era possível a quarta tiara, só esse caminho importava. Hesitante, a filha mais nova foi ter com o pai, à procura do conselho final. A resposta, que não esquece até hoje, acabou com as dúvidas. Guiomar respirou fundo e comunicou a decisão à família: ia tentar.

A partir daí, a tensão cresceu até ao momento final, carregado de boas notícias. Guiomar Pedruco completou em 1996, com 22 anos, o feito até agora irrepitível: quatro irmãs vencerem um concurso de Misses. E, apesar disso significar um ano longe do curso, acabou depois por completá-lo sem perder a bolsa. Os dias que antecederam a vitória são também uma memória saborosa. “Ganhei amigas e hoje ainda estamos em contacto.”

Nos desfiles, acredita ter conseguido disfarçar a tensão. “Quando estou nervosa começo a rir. Portanto acho que as pessoas não toparam, porque tive sempre um sorriso.” No fim, quando disseram o seu nome, soltou um enorme suspiro. “A única reacção que tive foi ‘uff, até que enfim, já está tudo resolvido’.” Nessa festa, pela primeira vez, seria uma irmã a passar a tiara à nova Miss. “A Dina estava mais nervosa do que eu”, conta Guiomar. “Depois de ouvir o meu nome também ficou aliviada.”



Dina recorda-se bem do que passou. “Tinha de sair de umas escadas, descer, dar uma volta no palco e entregar o prémio à vencedora. Havia um bailarino que me acompanhava, e eu, enquanto não se dizia quem era a nova Miss Macau, estava a apertar-lhe a gola sem me dar conta, quase aos gritos, “aaah!!!”, e ele, coitado, só dizia “calma, calma!”. Eu já lhe torcia os braços e tudo! Depois, quando anunciaram o nome da Guiomar ainda fiquei mais nervosa. O que sofreu o bailarino, coitado (risos). O que seria se tivesse de coroar outra? Felizmente correu tudo bem.”

O Miss Chinesa Internacional de Guiomar saiu-lhe bem – ficou em quarto lugar, empatada com Miss Taipei –, mas teve o senão de ser demasiado perto, ao realizar-se uma vez mais em Hong Kong. No entanto, o Miss Mundo deu-lhe uma grande viagem. Guiomar salienta apenas terem sido umas férias com bom ambiente, sem pontos negativos e, acima de tudo, sem a pressão que sentira a competir em casa. Decorreu em Nova Deli e Bombaim, mas perto do fim houve a surpresa que provocou felicidade às candidatas. “Vários grupos de associações femininas da Índia manifestaram-

se contra os desfiles em biquíni. Por isso, a organização decidiu que essa prova iria realizar-se noutro sítio. E fomos todas para as Ilhas Seychelles!”

Um ano depois, já sem as obrigações da vitória e com o curso concluído em Inglaterra, Guiomar regressou a Macau, onde trabalhou em diferentes hotéis. Trabalhou ainda como Relações Públicas, que deixou, por um motivo superior: apoiar o pai. “Tinha cancro e fomos para Pequim, onde fez um transplante.” Um ano mais tarde, em 2006, estava de novo em Macau, com a sua própria empresa de organização de eventos e relações públicas. Nessa fase, apaixonou-se pelo homem que é agora seu marido. Namoraram quatro anos e estão casados há dois. Guiomar gostava de ter filhos, mas para já partilha com o marido o gosto pelo negócio dos vinhos, que acumula com a sua empresa, entre muitas outras actividades. Como ser vice-presidente da Direcção da Associação dos Jovens Macaenses, presidente da Assembleia dos Deficientes Visuais de Macau e directora de Relações Públicas da Macau Film Production. “Gosto de estar envolvida em muitas coisas. Passa por

saber gerir o tempo. Gosto de tudo o que faço.” A antiga Miss fundou também o seu concurso de beleza. “Nada tenho contra o Miss Macau, que faz falta e deve continuar. Só que tem demasiada participação externa, nomeadamente de Hong Kong. Achei que Macau precisava de um concurso de beleza que fosse cem por cento feito por pessoas daqui, por isso criei o Macau Cover Girl.”

O QUE TEM DE SER...

Quando o trisavô português Pedruco veio para Oriente, casou-se com a trisavó macaense Guilhermina. O apelido dele e o nome dela estariam cinco gerações depois na primeira Miss da família, mostrando a combinação das cargas genéticas vindas de Portugal e China com um êxito inédito. Houve sempre má-língua a espalhar que os júris estavam comprados, mas, como dizem entre gargalhadas as manas, “alguém acredita que fosse possível corromper a riquíssima Winnie Ho, irmã de Stanley Ho, ou Costa Antunes, director do Turismo de Macau?”

A mãe, Victória, morreu em 2001, e o pai, Henrique, em 2010. Ambos de doença. Ao ouvir-se as filhas falar, porém, fica a ideia de que os pais ainda estão cá, pela presença viva com que surgem nos diálogos. Em particular porque elas referem constantemente como a mãe insistia para concorrerem.

Já o pai teve sempre uma postura discreta. As filhas confirmam que ele concordava, mas não se manifestava sobre o tema, deixando que fosse Victória a convencê-las a subir ao palco. Até ao dia em que Guiomar foi ter com o pai, meia apavorada pela pressão, para lhe perguntar se achava que ela devia participar. “Citou-me uma frase de Henry Ford [magnata norte-americano que popularizou a venda dos automóveis], sobre o Model T: “You can have any colour as long as it's black [pode ter em qualquer cor desde que seja preto]”. E eu percebi que tinha mesmo de concorrer.” ●

Com as irmãs coroadas, Guiomar, a mais nova, tinha o peso do mundo em cima – a família queria que concorresse, mas ela só pensava na vergonha de perder o que todas as manas tinham ganho



O QUE PENSAM DAS MANAS?

Mina é...

“A mais envergonhada. Sempre foi e ainda é. Mas só em público, entre nós é a que tem a personalidade mais forte. Como é a mais velha, quando éramos crianças tomava conta de nós.”

BELA

“A mais certinha. É um bocadinho tímida... mas também não é madre (risos). Por exemplo, se eu vestir um decote um pouco mais pronunciado, chama-me logo a atenção (risos).”

DINA

“Mãe-galinha. Está sempre está a tomar conta dos filhos, nunca imaginei que fosse assim. Mas depois de ter filhos ficou mesmo mãe-galinha, sempre atrás dos filhos, toda preocupada (risos).”

GUIOMAR

Bela é...

“Uma pessoa que adora sapatos, malas, ir às compras. Eu não!”

MINA

“A menos faladora. Mas quando fala manda bocas que acertam mesmo onde dói (risos).”

DINA

“Muito ‘misca’ (gargalhada), está sempre agarrada ao dinheiro. Agora já não é assim tanto, mas quando era mais nova sim. Por exemplo, quando era convidada para uma bebida dizia ‘não tenho dinheiro, não vai dar’ (risos)”

GUIOMAR

Dina é...

“Esquisita (risos)... Gostava de ir pescar sozinha, ir ao cinema sozinha. Faz o que lhe apetece, sem se preocupar com as consequências. E gosta de comprar porcarias... compra, compra, mas para que serve ela não sabe (risos)”

MINA

“A mais descontraída. É muito directa, às vezes ofende as pessoas sem saber (risos). E era a que praticava menos desporto, é a mais preguiçosa. O desporto dela é dormir (risos).”

BELA

“A mais distraída. Está sempre com a cabeça no ar, esquece isto e aquilo, anda sempre a perder coisas (risos)”

GUIOMAR

Guiomar é...

“Uma pessoa que gosta de ajudar amigos sem pensar em recompensas. É muito generosa.”

MINA

“A mais maria-razapaz. Se fôssemos desafiadas a fazer bungee jumping, por exemplo, seria logo a primeira a dizer vamos.”

BELA

“A mais bruta (risos). Contou-me que uma vez, quando era miúda, para aí com 15 anos, fez uma viagem de táxi e faltava uma pataca no troco, o que na altura ainda era alguma coisita. Ela teve de pedir, mas o taxista disse que era gorjeta. ‘Gorjeta só se eu der, isso é roubo!’ E o taxista atirou a pataca para ela apanhar. Quando a Guiomar saiu, pegou na moeda e começou a bater com ela na cabeça do taxista, que ainda por cima era careca. ‘Toma a gorjeta, toma a gorjeta!’ (risos).”

DINA

* As quatro irmãs com a mãe e o pai, os grandes incentivadores dos concursos de beleza







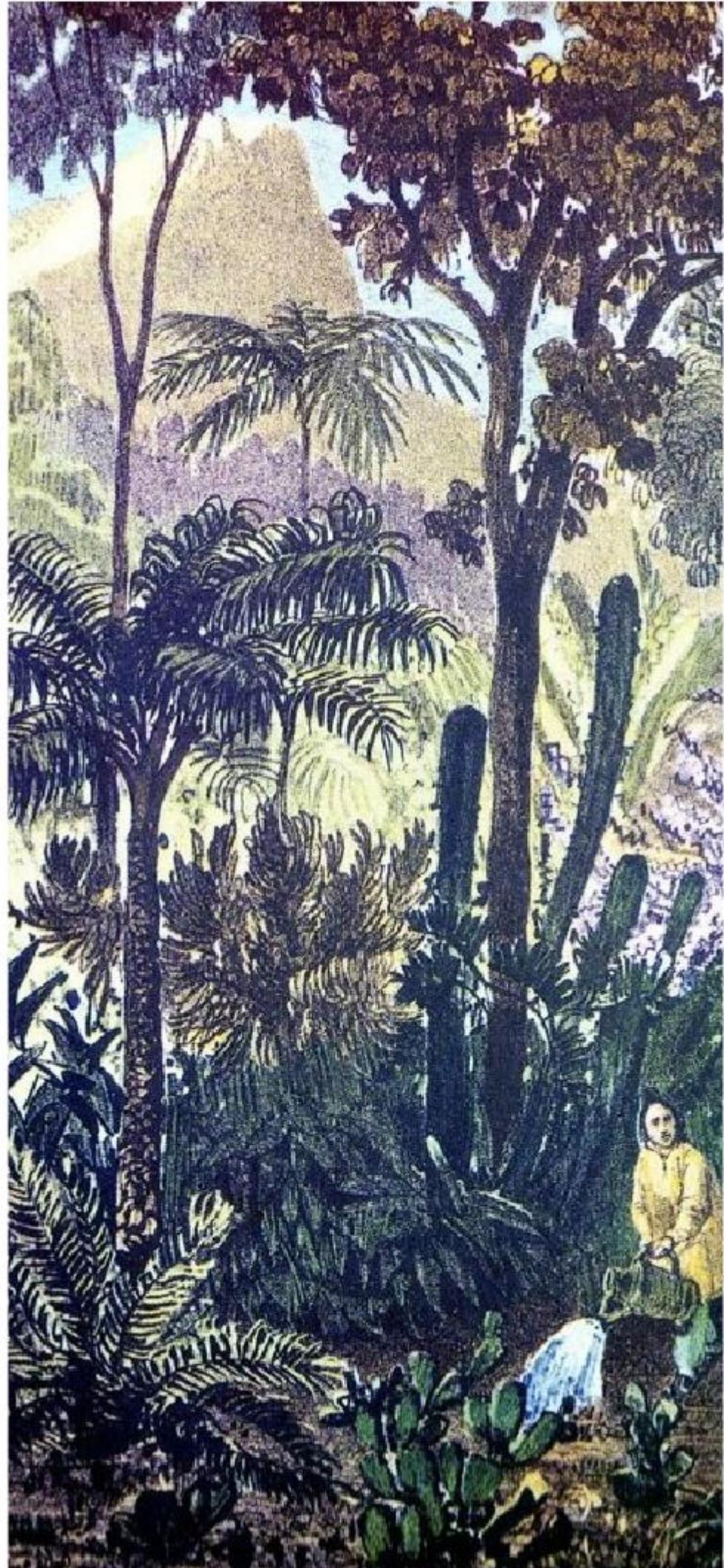
DO BULE DE CHÁ PARA MOTOR DA ECONOMIA

Começaram a chegar no século XIX vindos sobretudo de Macau para preencher a lacuna deixada pela abolição da escravatura no Brasil. Os primeiros chineses a chegar ao Brasil eram mão-de-obra barata para o sector agrícola e tinham a missão de introduzir o chá no país. Hoje, passados 200 anos, a comunidade chinesa não só está bem estabelecida e integrada, mas também funciona como um pequeno motor na economia brasileira

Texto **Fernanda Ramone** e **Vanessa Amaro**, no Brasil

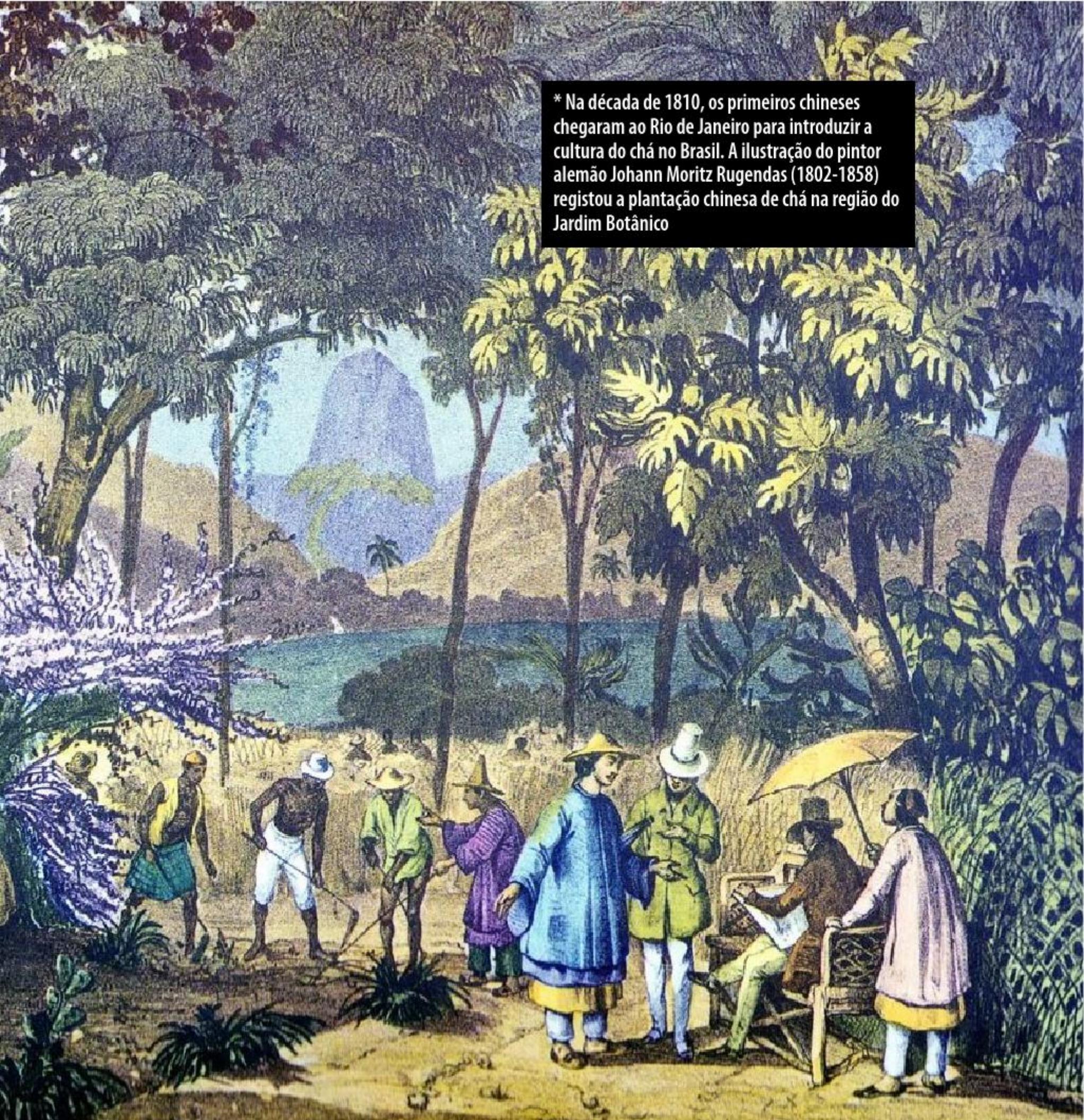
LUSOFONIA

O deslocamento migratório da andorinha, esta pequena ave que pode ser encontrada tanto no campo como em áreas urbanas em seus ninhos sob os beirais de edifícios ou locais semelhantes, normalmente em colônias, apresentam paralelismo notável com os movimentos migratórios e hábitos dos chineses no Brasil. A máxima de que uma andorinha só não faz verão, pode ser aplicada à dinâmica de agrupamento dos imigrantes chineses, que activam a sua rede de conhecidos antes de alçar voos. Uma vez instalados no destino, unem-se como família e tratam de reproduzir hábitos, costumes e manter a tradição chinesa arraigada dentro de casa. Em São Paulo, cidade com a maior comunidade chinesa no Brasil, uma pequena fortaleza de protecção à tradição da cultura chinesa ergueu-se num bairro de semântica livre, a Liberdade - região previamente eleita para ser o reduto dos japoneses. Japoneses, chineses e mais recentemente coreanos apoderaram-se de toda a semântica, criando da Liberdade a sua capital. O nome do bairro vem do ditado japonês *Sumeba miyako*, que quer dizer “independente do lugar em que se vive, você vai vir a amá-lo”. Num estudo sobre a imigração chinesa no Brasil, o historiador Silvio Cezar de Souza Lima, frisa que no início do século XIX os usos e os costumes dos brasileiros da altura aproximavam-se muito mais da Ásia do que da Europa. “Plantas e animais do Oriente tropical e subtropical foram transplantados para o Brasil, dada a semelhança de climas. Foi esta mentalidade que propiciou a contratação de centenas de chineses para o plantio de chá no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, no início do século XIX. Trazidos por ordem de D. João VI, os chineses teriam como tarefa aclimatar a valiosa planta em terras brasileiras. O chá era um dos principais produtos de comércio no Ocidente, plantá-lo no Brasil aumentaria os lucros da Coroa Portuguesa”, defende o académico.



Os planos para produzir chá entretanto fracassaram e os chineses pararam de rumar ao Brasil. Ainda assim, eram considerados excelentes agricultores e uma alternativa viável para a escravidão. “As elites amedrontadas pelo fantasma da revolução do Haiti começavam a preocupar-se com o crescente número de negros cativos e libertos que habitavam o país. Neste contexto o chinês era cogitado como uma boa alternativa de imigrante”, explica Souza de Lima.

* Na década de 1810, os primeiros chineses chegaram ao Rio de Janeiro para introduzir a cultura do chá no Brasil. A ilustração do pintor alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858) registou a plantação chinesa de chá na região do Jardim Botânico



O cenário mudou de figura e na última década do Império português, em 1870, entrou em acção um forte sentimento anti-chinês. Os abolicionistas da escravatura viam os chineses levados de Macau e do Sul da China como uma nova versão de escravos, e iniciaram uma campanha internacional agressiva para impedir a imigração asiática. Em 1883, a Sociedade Central de Imigração foi criada para impulsionar a imigração europeia, sempre a atacar a presença chinesa.

Só mais tarde, em Agosto de 1900 e já sob a protecção de um decreto-lei da imigração asiática no Brasil, registou-se oficialmente a imigração chinesa, longe dos moldes da escravatura. Eram 107 chineses de Macau, que viajaram por quase três meses desde o Sul da China, parando em Lisboa, e chegando ao Rio de Janeiro para depois estabelecerem raízes em São Paulo. Contudo, o grande fluxo da imigração chinesa deu-se a partir da década 1950, com milhares a fugir da Revolução Cultural.



APANHADOR DE SONHOS

A Liberdade ficou pequena para agrupar os cerca de 130 mil chineses e descendentes em São Paulo - o número total estimado da comunidade no Brasil é de 200 mil pessoas. Outras regiões da cidade, como a Rua 25 de Março, reduto das infindáveis lojinhas e do comércio chinês que atrai consumidores de todo o Brasil, foram adicionadas ao perímetro da cidade associado pela presença marcante da comunidade chinesa. A rua acabou virando nome de filme, o curta-metragem intitulado 25, da jovem cineasta Vera Egito, que teve dois curtas-metragens seleccionados para a 62.^a edição do Festival de Cannes.

O enredo de 25 ganhou proporções maiores do que as previstas. A ideia inicial era retratar os conflitos típicos no relacionamento entre



* Vera Egito, a cineasta autora do filme 25

adolescentes e os seus pais, definiu-se posteriormente que o núcleo seria uma família chinesa. A família em questão é a de Bob Wei, que juntamente com os seus pais e um irmão trocou o sul da China pelo Brasil, e, entre os itens da bagagem, trouxe a tradição do *kung fu*. Bob é um dos responsáveis pelo Centro de Cultura Chinesa, em São Paulo. No filme, interpretou um adolescente em combate. Um embate do choque cultural da obediência típica chinesa dedicada aos pais em detrimento a um ambiente que o rodeia, onde a manifestação individual é instigada e esperada a todo tempo. A luta maior foi para superar o desfecho do filme. O assassinato do pai que reagiu a um assalto retratado no filme parece ter sido um ensaio para o que viria a acontecer um ano após as gravações. A vida imitou a arte. O apanhador de sonhos, no caso o senhor Wei, contribuiu para que as distâncias entre as culturas sino-brasileiras diminuíssem um bocado, o centro onde ensinava *kung fu*, oferece ainda cursos de mandarim, caligrafia, arte e cultura chinesa. Apanhador de sonhos é também a banda sonora do filme, cantada em mandarim por Erika Gao, uma *huaqiao* (termo usado em chinês para definir os descendentes de chineses).

PERFIL AJUSTADO À REALIDADE

A imagem dos integrantes da comunidade chinesa outrora associada ao ofício de mascates

Boa parte do sucesso chinês no Brasil se deve à dedicação das famílias chinesas, que priorizam a educação e fazem questão que os filhos estudem nas melhores universidades brasileiras. Melhorar de vida é obsessão para os chineses, cujos telemóveis e matrículas dos carros possuem muitos números oito - o numeral tem o mesmo som da palavra prosperidade em mandarim

(tibao) e a actividades de pouca qualificação e poucos rendimentos também ficou retrógrado e reduzido. O perfil dos chineses no Brasil mudou, acompanhando as benesses do desenvolvimento das relações sino-brasileiras. Na esfera comercial, a China encerrou o ano de 2012 como maior parceiro comercial do Brasil, o país asiático também mantém o posto de maior destino das exportações nacionais. No âmbito da cooperação académica, com o advento do programa “Ciência sem Fronteira” a promoção destes laços será intensificada com o envio de até 5000 estudantes brasileiros para a China, bem com o fluxo inverso, o de receber alunos chineses. No que tange à cooperação tecnológica, o programa Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres (CBERS) para a construção de satélites de sensoriamento remoto segue de vento e popa. Com a mudança do perfil dos chineses, houve também a mudança de endereço. Camuflaram-se pela cidade, deixaram os ninhos-colónias, bateram asas e promoveram deslocamentos pelos mais variados distritos, vieram as novas gerações, os casos de casamentos com brasileiros. E mesmo mais integrados e desenvolvidos neste contexto de miscigenação característico, a tradição da cultura chinesa é fortemente preservada. Os costumes e referências culturais chinesas herdadas desde a época do Brasil colonial, graças à presença da família real portuguesa,

LUSOFONIA

trouxeram bens que vão além das porcelanas, sedas, pratarias e especiarias. Incluem pagodes que chamamos de coretos, o carinho em forma de cheiro em detrimento ao beijo, em especial no nordeste brasileiro, o hábito da sombrinha para proteger-se do sol, a cultura do cordel, do repente, e sobretudo os efeitos hierárquicos da sociedade patriarcal - entre tantos outros elementos que compõem e são reproduzidos em geral dentro da sociedade brasileira sem a consciência de sua origem chinesa. As influências, tanto as da época colonial assim como as contemporâneas se mesclam todas nesse universo brasileiro inclassificável. As contribuições da comunidade chinesa ao longo destes últimos 200 anos estão à vista no Brasil. Além de restaurantes típicos, os chineses trouxeram a técnica da acupuntura, as artes marciais, o horóscopo chinês, a contribuição no campo da medicina e incorporaram os fogos de artifício na cultura brasileira.

INTERACÇÃO DE MÚLTIPLOS MUNDOS

Em matéria de interagir com as diferenças socioculturais no eixo oriente-ocidente, Chiu Yi Chih pode ser considerado um dos exemplos mais notórios. Este chinês de origem taiwanesa, que já morou em Hong Kong e Macau, e desde os cinco anos está radicado no Brasil, é mestre em filosofia por uma das mais respeitadas universidades do Brasil, a Universidade de São Paulo. Chiu é polivalente. É autor de diversos ensaios, estudos e do reconhecido livro

Naufrágios. Ainda ministra cursos de filosofia e arte contemporânea no Instituto Mandarin Yuan De, é performer e em parceria com o escultor Irael Luziano está à frente do LOZ-2962 Studio.

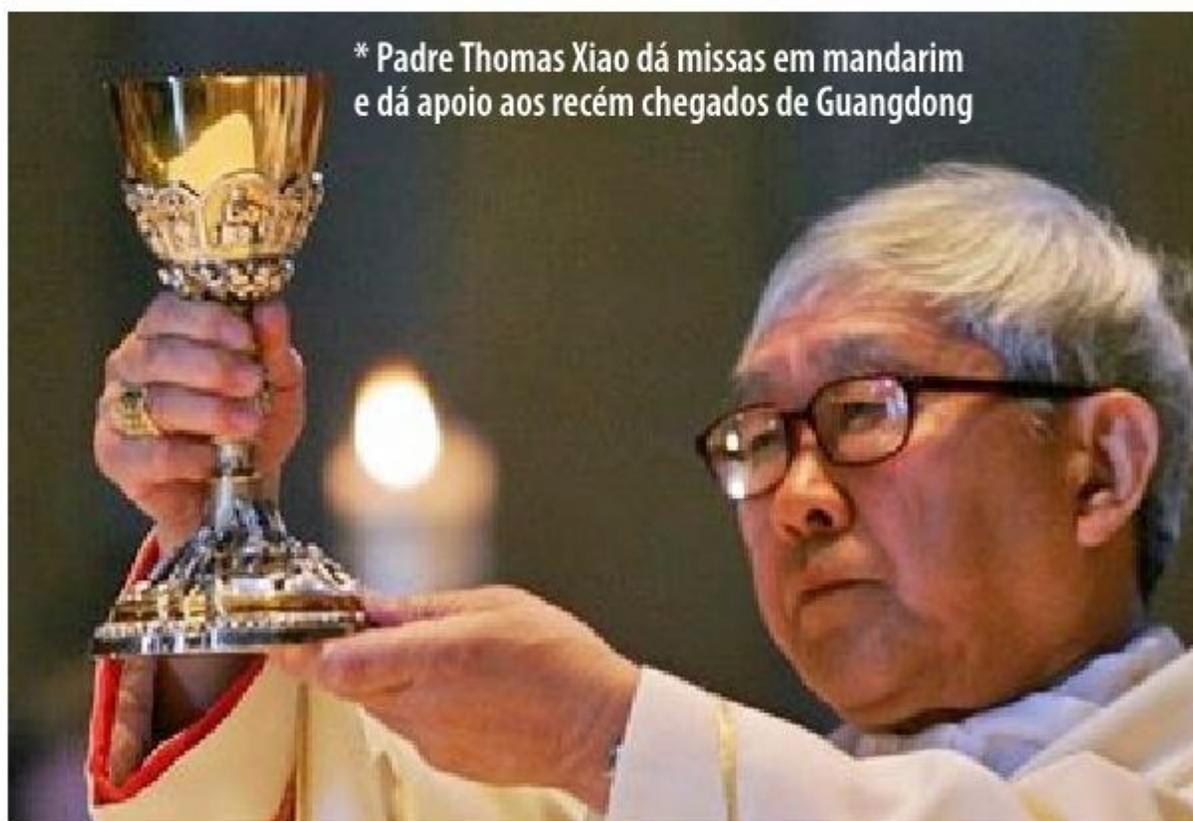
Dentro da sua sensibilidade era preciso mais do que a força das palavras para promover a interação dos universos orientais e ocidentais que lhe são familiares. Durante o processo de pesquisa e criação das suas performances, desenvolveu o conceito de metacorporiedade, uma tentativa de reverberar com maior intensidade a sua fala através dos estímulos de todos os sentidos, as suas poesias ganharam formas de esculturas e outras texturas.

Com o seu conceito de Philomundos, conseguiu genuinamente transpor em palavras os sentidos destes chineses que há pouco mais de 200 anos se deslocaram do sul para o sul, rumo a um destino e um futuro incerto. As histórias destes chineses desde então integram histórias contadas em dias que são noites dentro desta vastidão fuso-geográfica que separa um lado do outro. Unem-se no inusitado, como no facto do novo representante da nova poesia brasileira ser um chinês radicado.

“Philomúndico, amante do mundo, porque sua condição ontológica é imersão, naufrágio, estado de quem imerge nas profundezas das interconexões e se entrega afectuosamente ao mundo e à vastidão dos seres que nele habitam. É o estado de estar susceptível aos diversos mundos que nos atravessam”, escreve Chiu.



Alguns chineses se transformaram em empresários de renome como Shan Ban Shun, fundador da Eleva Alimentos e hoje um dos maiores accionistas individuais da BR Foods (fusão entre as marcas Sadia e Perdigão), ou o dono do Moinho Pacífico, Lawrence Pih



* Padre Thomas Xiao dá missas em mandarim e dá apoio aos recém chegados de Guangdong

ATRAÇÃO EM TEMPOS MODERNOS

O Brasil continua a ser visto pelos chineses como um eldorado cheio de oportunidades de crescimento. Aliás, melhorar de vida é obsessão para os chineses, que assim que chegam ao país fazem questão de ter o máximo possível de números 8 no telefone e matrículas de carro - o numeral tem o mesmo som da palavra prosperidade em chinês. A presidente da Associação Chinesa do Brasil, Heida Li, acredita que a imigração chinesa deverá ser mais expressiva num futuro não muito longínquo. “Há muitos chineses que vivem cá e vão à China regularmente para fazer negócios e contam como é a vida no Brasil. Falam com a família e com amigos e dizem que há muitas oportunidades. Isso cria expectativas e aumenta a atractividade do Brasil”, explica Heida. Os números já comprovam um aumento significativo desta comunidade. Em 2011, o Brasil tinha 34.653 chineses regularizados, um aumento de quase 22 por cento se comparado com os 28.500 de 2009. Há ainda por contabilizar um grande número de imigrantes ilegais, que chegam ao país com visto de turista e permanecem para além do prazo legal. Só para se ter uma ideia, dos 45 mil imigrantes ilegais abrangidos pela lei da amnistia de 2009, quase 50 por cento era de nacionalidade chinesa.

A maioria chega a São Paulo com um emprego

já garantido, geralmente em negócios de conhecidos da família, e têm como origem a Província de Guangdong. Para responder aos milhares de pedidos de vistos por parte dos chineses do sul da China, um consulado brasileiro abriu portas em Cantão, em 2011. Para os que chegam de Guangdong, a adaptação pode levar mais tempo. A comunicação com a comunidade mais antiga, que maioritariamente fala apenas mandarim e português, não ajuda na integração destes novos imigrantes, que acabam por estabelecer redes fechadas com conterrâneos. E apesar de serem sobretudo budistas, há já muitos chineses convertidos para outras religiões, como o catolicismo. Thomas Xiao, por exemplo, reza missas em mandarim todos os domingos na zona sul da cidade, e está aberto a dar apoio aos recém-chegados de Guangdong.

GERAÇÃO DE LUTA

Yim King Po chegou ao Brasil de navio, aos nove anos, depois de quase dois meses a viajar desde Hong Kong. Tinha 13 anos quando o pai morreu e precisou assumir as contas de casa a vender roupa de cama chinesa de porta-em-porta. Yim é um dos 200 mil chineses que deram a volta ao globo e fizeram a vida no Brasil. Hoje, aos 53 anos, o chinês joga golfe com a alta sociedade de São Paulo, onde está concentrada cerca de 80 por cento da



comunidade chinesa do Brasil. Depois de ter estudado engenharia na Universidade de São Paulo, Yim experimentou-se como empresário em várias áreas até criar a YKP, empresa que fornece sistemas de software para empresas como a farmacêutica Merck ou a Toyota, emprega mais de 300 pessoas e factura acima dos 24 milhões de dólares por ano.

O chinês de Hong Kong diz que a vida não foi fácil, mas para quem trabalha é possível chegar longe “num país cheio de oportunidades e que tem sempre a porta aberta para as diferenças culturais.” A nova geração de chineses no Brasil conseguiu ultrapassar o estereótipo de importadores de produtos de baixa qualidade e donos de estabelecimentos onde se vende de tudo um pouco para assumirem papéis relevantes na sociedade. São empresários, médicos, advogados, engenheiros, economistas, arquitectos. Há de tudo um pouco. “A China transformou-se no maior produtor de manufacturas do mundo e isso trouxe oportunidades para os imigrantes chineses no mundo todo”, justifica Fernando Ou, presidente da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Económico (CBCDE).

O sucesso neste eldorado latino não apareceu à toa. A forte preocupação das famílias chinesas com a educação dos filhos levou a segunda geração de chineses no Brasil a competirem com folga por vagas nas melhores universidades do país. Antes, o posto de “papa-tudo” era ocupado pelos japoneses, conhecidos

no Brasil pela memória apurada e sabedoria nos cálculos matemáticos. Pih, por exemplo, nasceu em Xangai e chegou ao Brasil com oito anos. De família abastada, o pai adquiriu uma frota de camiões e depois aventurou-se na área da produção de farinha de trigo. O filho estudou numa universidade brasileira de topo, doutorou-se nos Estados Unidos, mas regressou a São Paulo para continuar com o império da família. Alguns nomes famosos na área dos negócios já se dizem em mandarim. É o caso de Shan Ban Shun, que fundou uma empresa ligada às carnes de frango e porco e lacticínios, e mais tarde passou a dominar o sector nacional das carnes, ao tornar-se um dos maiores accionistas individuais da BR Foods.

INTERCÂMBIO CULTURAL

Ao calendário, os brasileiros adicionaram as comemorações do Ano Novo chinês, à gastronomia o sabor da massa de ovos frita. Do sincretismo religioso maioritariamente católico há também espaço para o budismo, para o templo chinês. Kung fu, tofu e tai chi. E Zizao na defesa do maior clube de futebol, o Corinthians de São Paulo.

A fonética dos sons chineses e a caligrafia dos caracteres acoplam-se sob o status de novos vocábulos do idioma português, ampliar o léxico consiste apenas em matricular-se num dos tantos cursos de mandarim mais próximo do freguês. Ou ampliar a vivência em um dos Institutos Confúcio. O localizado na UNESP entre o quadro de funcionários conta com a presença das recém-formadas Shiyuan Tian e Liao Si. Ambas vieram ao Brasil há quase dois anos para ensinar o mandarim e aperfeiçoar o nível de português, do país conheciam apenas o futebol. Apontam o jeito extrovertido, a proximidade em fazerem-se amigos, a exuberância natural do país e a liberdade como factores positivos que amenizam as eventuais diferenças de adaptação. A vertente gastronómica, cheia de fusões multiculturais, está no topo.

Os imigrantes chineses no Brasil vêm a desenvoltura no português como factor essencial para quem quer vencer. Os recém-chegados aprendem rápido sem frequentar nenhuma escola, geralmente passam o conhecimento de boca-em-boca com aquilo

A acupunctura também chegou ao país pelas mãos de especialistas chineses e conseguiu adeptos até se tornar uma especialidade médica reconhecida

que vão aprendendo no dia-a-dia. Ainda assim, mantêm tradições chinesas, lêem jornais locais em mandarim e gostam de se manter mais próximos de pessoas com as mesmas raízes. No entanto, há sempre espaço para intercâmbios culturais.

O pastel de feira – uma massa estaladiça frita com recheios que vão do simples queijo ao palmito e o doce-de-leite – é uma invenção chinesa com milhões de consumidores no país. Na década de 1960, por exemplo, a maioria das casas e bancas de pastéis pertenciam a chineses. A acupunctura também chegou ao país através deles, e hoje é um especialidade reconhecida na lei. Até já foi reinventada pela medicina veterinária e actualmente há dezenas de clínicas especializadas por espetar as agulhas em animais de estimação. Há centenas de escolas a ensinar a medicina tradicional chinesa em todo o país, sem contar as associações que se dedicam à prática de kung-fu e tai-chi, com milhares de adeptos de todas as cores e idades. A cozinha brasileira ganhou novos toques, com o uso de cogumelos típicos chineses ou o já popular queijo de soja, ou tofu. Até no tão aclamado futebol brasileiro pelo menos um chinês já caiu nas graças. Chen Zizao, de 25 anos, natural de Guangdong, foi contratado pela maior equipa brasileira, o Corinthians de São Paulo, em 2012, e recebeu a camisola de número 200, em comemoração do bicentenário da imigração chinesa no Brasil. Zizao já gravou anúncios para a televisão e é um expoente máximo de como no Brasil basta querer para vencer. ●



* Chen Zizao, jogador do Corinthians de São Paulo



COMO A CHINA ABRAÇOU O MUNDO

O Instituto Confúcio poderia ser apenas uma forma de ensinar mandarim, mas afirmou-se depressa como instrumento privilegiado para divulgar um país. A China quis apresentar-se e as centenas de institutos espalhados pelo globo são o cartão de visita que nenhum país recusa

Texto **Nuno G. Pereira**

O ex-presidente chinês Hu Jintao fez em 2007 um discurso histórico, perante o Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês, onde verbalizou a intenção do seu país em afirmar-se no mundo através do *soft power*. Ou seja, ganhar influência global recorrendo à cultura e à diplomacia. Uma parte fundamental dessa estratégia assenta no Instituto Confúcio (IC). Aparentemente criado à imagem, por exemplo, do *British Council* ou da *Alliance Française*, este projecto mostrou-se desde cedo um veículo de expansão cultural capaz de ir além do ensino da língua. A ascensão económica da China, sempre em ritmo acelerado, despertou o interesse internacional pelo mandarim – para triunfar nos negócios com o gigante asiático, saber falar a sua língua é a maior das vantagens. O IC surge como a percepção inteligente dessa oportunidade única: se o mundo quer aprender a falar mandarim, é altura de dar-lhe a porta de entrada para que não só o faça como passe a conhecer a cultura chinesa.



* Paulo Cordeiro

O IC tem sido um bem-sucedido instrumento na expansão cultural da China pelo mundo, tradicionalmente fechado à percepção real do que é o país. A descrição oficial do IC não esconde esta realidade ou o cenário que motivou a sua criação. “Com o desenvolvimento económico e a ampliação dos intercâmbios com a China, cresce em todo mundo o interesse e a necessidade de aprender chinês. A partir de 2004, a China deu os primeiros passos rumo à criação no estrangeiro de uma instituição educacional sem fins lucrativos, chamada Instituto Confúcio. O objectivo do projecto é ensinar o chinês e divulgar a cultura chinesa, com base nas experiências de divulgação do idioma que tiveram, por exemplo, Reino Unido, França, Alemanha e Espanha.”

As missões assumidas pelo IC são aumentar o conhecimento da população mundial sobre a língua e a cultura chinesas, promover os

intercâmbios culturais entre a China e outros países, e impulsionar as relações bilaterais. Em algumas universidades internacionais onde estão sediados os institutos, a cooperação atinge já, por exemplo, projectos conjuntos de investigação.

Há países que ainda não têm uma sede do Instituto Confúcio, mas que participam no programa através da chamada Sala de Aula Confúcio, uma versão simplificada do IC, onde se ensina mandarim. Outros, como os EUA, têm acima de tudo IC, mas também algumas Salas de Aula, nomeadamente em escolas e liceus.

O quartel-general do IC é o Hanban (abreviatura de Departamento Nacional Chinês para o Ensino do Chinês como Língua Estrangeira), que criou e gere o projecto. Este organismo assume-se como uma entidade independente, embora com apoios do Estado chinês.



* Paulo Cordeiro

As missões assumidas pelo IC são aumentar o conhecimento da população mundial sobre a língua e a cultura chinesas, promover os intercâmbios culturais entre a China e outros países, e impulsionar as relações bilaterais

CAPACIDADE FINANCEIRA

Os princípios orientadores do IC são um claro exemplo de como objectivos e métodos são bem definidos. “Desde o estabelecimento do primeiro Instituto Confúcio, persistimos no princípio da cooperação educacional com os países estrangeiros. A solicitação e a aprovação de implementação do projecto num país estrangeiro cumprem rigorosamente os regulamentos do ‘Estatuto do Instituto Confúcio’. A parte estrangeira, se interessada, apresenta o pedido de adesão à parceria. Feitos todos os trâmites, as duas partes assinam o acordo de cooperação com base na consulta completa.”

Competência e clareza de intenções são essenciais no êxito do IC, mas teriam pouca eficácia sem o seu orçamento bem nutrido. Em oito anos, o desenvolvimento do IC foi tão rápido como o crescimento económico chinês. Um dado mais significativo do que mera

CULTURA

coincidência. Com o seu músculo financeiro, o IC pôde oferecer condições únicas aos estabelecimentos de ensino internacionais, incluindo universidades de topo mundial. O Hanban disponibiliza aos estabelecimentos de ensino que assinam protocolos com o IC condições extremamente vantajosas: materiais necessários para os cursos, docentes especializados, salários para outro pessoal necessário, formação e apoio financeiro directo. Este último item, sempre apetecível, torna-se ainda mais sedutor quando o quadro económico actual das universidades mais prestigiadas, na Europa e nos EUA, as fragiliza. Um cenário, aliás, visto nas outras áreas para lá da educação. Além deste apoio financeiro, ganham algo óbvio, mas que importa repetir: novas valências que enriquecem o portfólio de estudos oferecidos por quem passa a contar com o IC. E uma universidade que ensina a compreender a China está, como é lógico, a exhibir uma mais-valia no mercado de atracção estudantil.

MAIS CONHECIMENTO

Os números mais recentes divulgados pelo Hanban carecem de actualização, pois reportam a 2009. Ainda assim, são bastante esclarecedores sobre a tendência de crescimento do projecto IC. Nesse ano entre Institutos e Salas de Aula Confúcio, em todo o mundo, contabilizaram-se 9000 cursos de chinês, abrangendo 260 mil formandos. Houve também 7500 actividades de intercâmbio cultural patrocinadas pelo IC, envolvendo a participação de três milhões de interessados. Números que duplicaram em relação a 2008, dando pistas evidentes sobre o que se passou de então até agora. Há pouco tempo, em Novembro de 2011, outro número impressionante foi apresentado. Segundo um artigo publicado no site noticioso *Bloomberg*, a China já tinha investido mais de 500 milhões de dólares norte-americanos no projecto. A disponibilidade financeira é sem dúvida um ponto essencial na expansão conseguida. Para lá de resistências normais, porém, os factos evidenciam uma realidade, na qual o IC tem tido papel preponderante: hoje, o mundo conhece melhor a China. E o abraço que este país lhe deu tem sido recebido com um sorriso.

A disponibilidade financeira é sem dúvida um ponto essencial na expansão conseguida. Para lá de resistências normais, porém, os factos evidenciam uma realidade, na qual o IC tem tido papel preponderante: hoje, o mundo conhece melhor a China



* Paulo Cordeiro

INSTITUTO CONFÚCIO EM QUATRO PASSOS

Qual a sua definição

Oficialmente, na sua definição mais simples, é uma instituição educacional sem fins lucrativos, que se dedica a ampliar o conhecimento da população mundial sobre a língua e a cultura chinesas.

Quando e onde foi criado

O projecto deu os seus primeiros passos em 2004, em Pequim.

Quem criou

Segundo informação do próprio Instituto Confúcio, foi criado pelo Hanban, forma abreviada de Departamento Nacional Chinês para o Ensino do Chinês como Língua Estrangeira. Este organismo assume-se como independente, embora receba apoios do Estado chinês.

Por que foi criado

As suas principais atribuições são: ensinar chinês (maioritariamente mandarim simplificado); formar professores; qualificar e certificar docentes de chinês; informar sobre educação, cultura, economia e sociedade chinesas; promover e orientar pesquisas sobre a China contemporânea.

INSTITUTO CONFÚCIO NO MUNDO

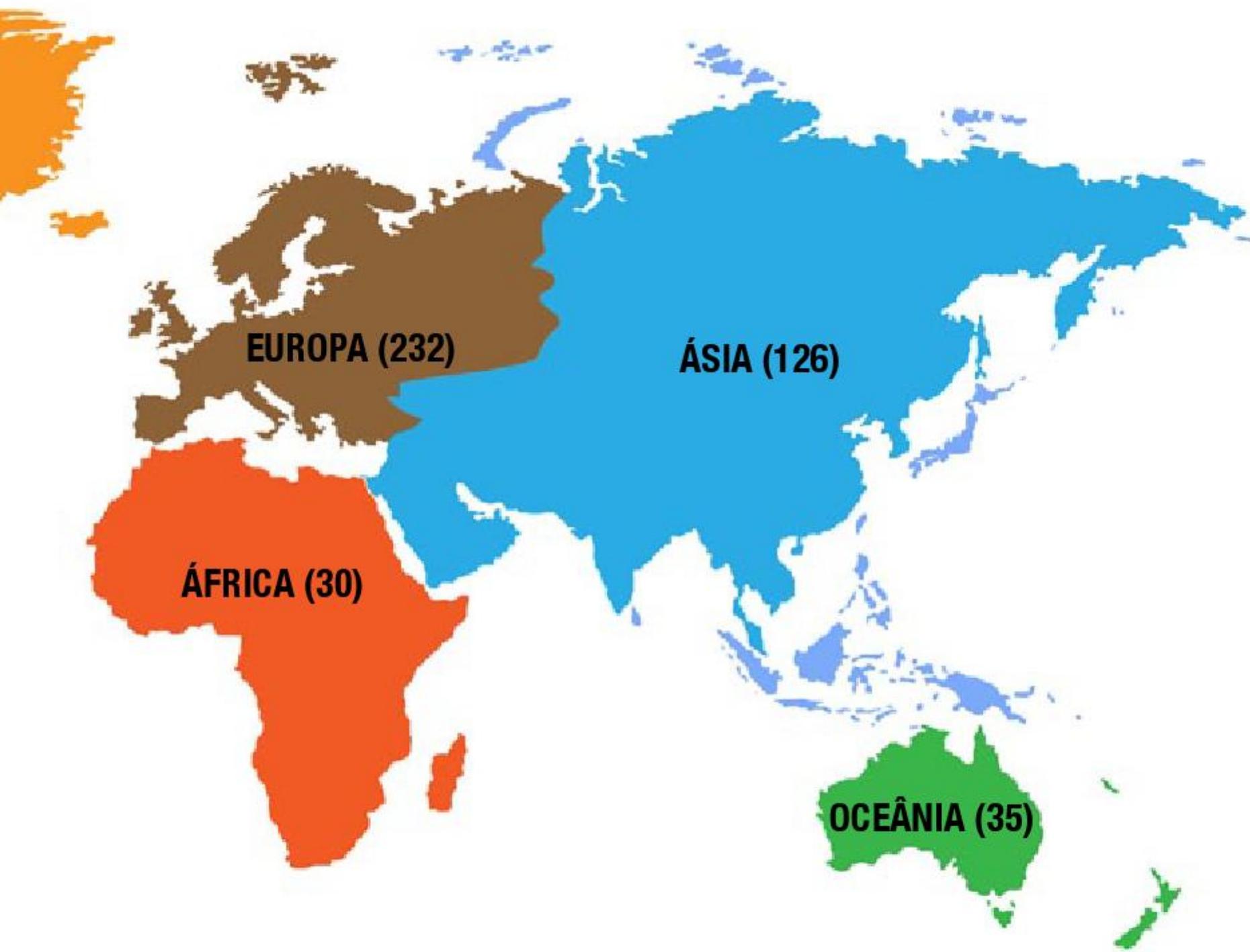
UMA EXPANSÃO DE CRESCIMENTO IMPARÁVEL

Com uma influência em contínuo alargamento, o Instituto Confúcio está presente em 103 países, num total de 834 cooperações estabelecidas. Números que incluem institutos e salas de aula Confúcio, sofrendo alterações constantemente, devido ao seu rápido crescimento em todo o Globo.

Fonte: Instituto Confúcio Online

AMÉRICAS (411)





QUEM FOI CONFÚCIO

A inspiração para nomear os Institutos Confúcio vem de um dos mais importantes filósofos chineses: K'ung Fu-Tzu. O pensador e a sua obra foram trazidos para a Europa pelo jesuíta italiano Matteo Ricci, o primeiro a latinizar o nome para Confúcio. A filosofia do mestre, em traços muito gerais, assentava em fortes princípios éticos, defendendo justiça, sinceridade e sabedoria. A real dimensão da sua vida e a prova de autoria de muitos textos que lhe são atribuídos permanecem ainda hoje em debate, mas as teses históricas mais comuns dizem que viveu entre 551 e 479 a.C., tendo nascido onde hoje fica a província de Xantung, no nordeste da China. Estudou História e Arqueologia, e

possivelmente conheceu Lao Tzu, quando este trabalhava nos arquivos da corte. Embora influenciado por Lao Tzu e pelo Taoísmo, Confúcio escolheu um caminho alternativo. A sua filosofia não está tão preocupada com a vida após a morte, como acontece com hindus e taoístas, mas sim centrada nas relações harmoniosas entre as pessoas. Ao valorizar a moral nos actos pessoais e dos governos e o respeito nas relações sociais, além dos valores já citados, o Confucionismo ganhou força em relação a outras doutrinas, como o Legalismo e o Taoísmo, durante a Dinastia Han, concretamente entre 206 a.C. e 220 d.C.. Os seus ensinamentos podem ser encontrados na obra *Analectos de Confúcio*, uma colecção de aforismos, compilada muitos anos após a sua morte.

UMA PONTE ENTRE A CHINA E A LUSOFONIA

INSTITUTO CONFÚCIO EM PORTUGAL

É uma instituição da Universidade de Lisboa mas que pela sua condição e geografia se assume cada vez mais como uma ponte entre a China e as lusofonias. Se há quatro anos o Instituto Confúcio era ainda um ensaio sobre o futuro da língua chinesa no meio académico português, hoje perfila-se como um instrumento da língua nas relações culturais, mas também económicas e comerciais

Texto **Carlos Picassinos**

Para fazer bons negócios, o entendimento cultural é essencial. Pode não ser exactamente uma máxima da sabedoria chinesa, mas esta é uma das razões que movem o governo de Pequim no esforço de divulgar a cultura e a língua chinesas. A plataforma para realizar este objectivo é o Instituto Confúcio (IC), que, através de uma parceria com a Universidade de Lisboa (UL) desde 2008, tem cativado um número crescente de alunos. Gente de todas as idades, não apenas os estudantes da licenciatura em Estudos Asiáticos da universidade. E muito para além do ensino da língua, o IC em Portugal funciona como escola para altos quadros das empresas portuguesas desbravarem terreno até a China.

É o co-director do Instituto Confúcio de Lisboa, Moisés Silva Fernandes, que revela os contactos feitos entre esta instituição e o gigante eléctrico nacional. “Fomos contactados pela EDP (Electricidade de Portugal) e pela REN (Rede Energética Nacional) para dar aulas de língua e cultura chinesa não aos quadros mas aos próprios administradores.”

Esta dimensão económica nunca esteve ausente da missão inicial desde a fundação do IC.

“A nossa missão é, com certeza, olharmos também em função do mercado de trabalho. Essa é uma das nossas tarefas”. Basta ver que “as pessoas que aqui vêm, chegam com grandes perspectivas de conseguir trabalho. Por exemplo, gente que chega com o curso de engenharia, tira aqui um ou dois anos e candidata-se a uma bolsa de estudo na China que normalmente é atribuída por um ano”. Com os dois anos que têm de aulas chinês básico em Lisboa, e mais tarde na China durante um ano, os alunos já conseguem manter conversas formais. “Há gente que já foi há mais de um ano e está a trabalhar em empresas privadas chinesas e ocidentais”, aponta Silva Fernandes.

PORTA PARA A ÁFRICA LUSÓFONA

No plano económico, as relações entre a China e Portugal fazem um desvio pelos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Apesar das parcerias ao nível académico e de projectos relacionados com a língua ser ainda uma lança em África, existem iniciativas pontuais como as que o IC preparou em Agosto do ano passado com a Universidade Agostinho Neto, de Luanda. “Tivemos um



* Moisés Silva Fernandes revela como o Instituto Confúcio de Lisboa está a ligar a China à lusofonia

acordo para enviarmos dois professores e dos assistentes para aulas de mandarim e cultura chinesa. De alguma forma, estamos a funcionar também como interface entre a China e os países africanos de língua portuguesa, porque até agora também tem sido difícil estabelecer parcerias mais sólidas.”

Trata-se de uma nova luz que a evolução económica das relações comerciais projecta neste tipo de instituições. A dinâmica, porém, não afecta outro dos pilares fundamentais deste centro – o ensino do chinês às pessoas da zona metropolitana de Lisboa. Também neste aspecto, o Confúcio vai de vento em popa. Os alunos aumentaram, os materiais escolares também e há a promessa da reitoria para transferir as actuais instalações do IC para todo um andar na Faculdade de Ciências. “Temos crescido muito”, reconhece Silva Fernandes. Em quatro anos, o IC já formou mais de 700 alunos e, neste momento, em frequência de cursos, encontram-se cerca de 300, uma média 17 ou 18 por turma. “É uma coisa poderosa. Agora já temos disponíveis três níveis de ensino”, exclama o investigador. “Já nem temos condições para dar todas as aulas aqui”.

EXPANSÃO CONSTANTE

A maior parte dos alunos são pessoas novas que entraram na universidade ou estão a concluir os estudos universitários. “Temos alguns alunos que estão a chegar este ano ao terceiro ano e que nos estão a pedir bolsas de estudo para o próximo ano. Vamos enviar alunos para várias instituições na China.”

O director do IC defende que Pequim deveria ser o destino prioritário dos alunos. “Penso isso porque é ali que se fala um mandarim mais correcto, ao passo que se se andar fora uns 150 quilómetros já se fala diferente e uns 2000 quilómetros então já é completamente diferente. Depois de Pequim podem ir para onde quiserem e aí já se apercebem, por exemplo, do sotaque, de como as pessoas falam de modo diferente de Pequim.”

O movimento de estudantes não tem só um sentido. Lisboa também recebe estudantes chineses embora o acolhimento caiba à Faculdade de Letras. “Fazem aqui como se fosse o terceiro ano dos seus cursos que lá não existe. Damos o apoio e a assistência toda que é necessária e devo dizer que os resultados que têm sido conseguidos são bastante positivos.

CULTURA

Por exemplo, foi graças ao Instituto Confúcio que temos aqui 16 alunos da Universidade de Harbin [Manchúria].” Isto para além dos acordos que a Universidade de Lisboa tem com a Universidade de Pequim, com a de Estudos e Ciência Política de Pequim ou com a Universidade de Zhangshang.

MINHO PIONEIRO

O Instituto Confúcio de Braga é mais antigo. Data de 2006 o protocolo assinado entre a Universidade do Minho e as autoridades chinesas que levou à constituição do IC. A directora Sun Lam, que viveu em Macau, não fez ainda as contas ao número de alunos que já por ali passaram ou a quem já foi dada formação. Fala em cerca de 300 pessoas por ano, sem contar os estudantes das escolas secundárias e dos colégios privados do ensino primário da zona de Braga e do Porto. “Parece-me evidente que desde que abrimos as portas o interesse pela língua e cultura da China aumentou”.



* Sun Lam, à esquerda, directora do Instituto Confúcio na Universidade do Minho, frisa a importância de protocolos firmados com universidades chinesas



“ Há muitos empresários do Norte que põem os filhos a estudar mandarim porque entendem que é uma língua de futuro e que, um dia mais tarde, quando a China for uma economia ainda mais desenvolvida, saber mandarim pode ser um instrumento importante para os seus filhos”

SUN LAM

No meio académico, com certeza. “Temos acordos e protocolos com quatro universidades com quem podemos intercambiar não só alunos mas também professores das várias faculdades para ensinarem na China e os professores de lá ensinarem aqui”, observa. E também há mais curiosos e mais gente que se inscreve nos cursos por interesse pessoal.

Mas para além do meio académico, o mandarim e a cultura chinesa também suscitam interesse junto de associações e de meios empresariais. “Há muitos empresários da região que põem os filhos a estudar mandarim porque entendem que é uma língua de futuro e que, um dia mais tarde, quando a China for uma economia ainda mais desenvolvida, saber mandarim pode ser um instrumento importante para os seus filhos”, realça Sun Lam.

Numa zona de grande concentração industrial como é a do Minho e do Porto, a acção do Instituto Confúcio é, sob o ponto de vista económico, uma mais-valia como reconhece a directora. Não é a única. Mas dentro da missão educativa que orienta o Instituto de Braga desde a fundação, e face à emergência da China como grande potência económica, a relação com as empresas e empresários regionais tem vindo a assumir uma importância, senão primária, cada vez mais relevante. No Minho como em Lisboa, a economia comanda a língua.

INSTITUTO CONFÚCIO NO BRASIL

CONFÚCIO JÁ SABE SAMBAR

A China foi o principal parceiro comercial do Brasil em 2012, mas as relações entre os dois países florescem para lá dos negócios. Luís Paulino, professor no IC da Universidade Estadual Paulista (UNESP), a maior universidade brasileira, explica como os dois países estão cada vez mais próximos

Texto **Nuno G. Pereira**

A CRIAÇÃO DOS IC NO BRASIL TEM TRAZIDO MAIS GANHOS COM A CHINA NA APROXIMAÇÃO CULTURAL OU NA ECONÓMICA?

Os IC têm sido uma importante plataforma para a aproximação cultural entre o Brasil e a China. Só no IC na Universidade Estadual Paulista (UNESP) temos 1421 alunos a estudar língua chinesa. Em três anos de funcionamento, já enviámos para a China mais de 150 alunos para realizar cursos na Universidade de Hubei. Também temos 20 professores chineses de lá que trabalham connosco no Brasil e cerca de 30 alunos chineses a estudar português na nossa universidade. Também colaboramos para a aproximação económica, na medida em que, ao formar profissionais brasileiros com conhecimento da língua e da cultura chinesas, ajudamos a realização de negócios entre os dois países.

QUAIS AS VANTAGENS DO IC PARA PROFESSORES E ALUNOS DOS DOIS PAÍSES?

O IC oferece a alunos e professores brasileiros a oportunidade de aprender com professores chineses altamente qualificados, utilizando os melhores materiais e técnicas de ensino. Estes docentes podem por sua vez aprender a língua portuguesa e conhecer a cultura brasileira, o que também é importante para a formação



profissional, dada a crescente demanda na China por profissionais que conheçam a língua portuguesa.

E AS VANTAGENS PARA EMPRESÁRIOS?

A vantagem para os empresários brasileiros é terem à disposição das suas empresas um número cada vez maior de profissionais com o conhecimento da língua e da cultura chinesa.

DO PONTO DE VISTA DO BRASIL, COMO SE LIDA COM OS IC NA PERSPECTIVA DA LUSOFONIA?

Na América Latina há IC em 13 países, mas o Brasil é o único de língua portuguesa, nos demais fala-se o espanhol. Em África, infelizmente, não há IC nos países que falam a língua portuguesa [Moçambique é a actual excepção, mas com uma Sala de Aula

Confúcio]. Em Portugal há na Universidade de Lisboa e na Universidade do Minho, mas estas instituições participam do grupo europeu dos IC. Não temos, assim, um fórum estritamente lusófono para discutir o ensino da língua chinesa na perspectiva da lusofonia, o que para nós é uma deficiência que deverá ser superada no futuro. Macau como ponte natural entre a China e os países de língua de portuguesa tem uma papel importante nessa tarefa.

COMO DEFINE O IC NO BRASIL, TENDO EM CONTA PASSADO, PRESENTE E FUTURO?

Trata-se de um projecto com grande potencial de crescimento. O Brasil e a China são dois grandes países, com papel importante nas suas respectivas regiões e no Mundo, com uma longa história de amizade e grande potencial de cooperação mútua.



“ Não temos um fórum estritamente lusófono para discutir o ensino da língua chinesa na perspectiva da lusofonia, o que para nós é uma deficiência que deverá ser superada no futuro. Macau como ponte natural entre a China e os países de língua de portuguesa tem uma papel importante nessa tarefa”

LUÍS PAULINO



LIGAÇÃO PROFUNDA À CHINA

Luis Paulino é professor de Economia Internacional no curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista (UNESP), coordenando também um grupo de pesquisa sobre os países dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Foi vice-ministro da Secretaria de Coordenação Política e Assuntos Institucionais da Presidência da República, entre 2003 e 2005. Nessa função, participou em negociações com a China, onde foi diversas vezes, por ocasião da primeira visita do Presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, ao país, em 2004, e da também primeira visita do presidente Hu Jintao ao Brasil, em 2005. Actualmente, é Chefe da Assessoria do Gabinete do Ministro dos Esportes, Aldo Rebelo, tendo chefiado uma delegação brasileira em visita ao Departamento de Administração do Desporto da República Popular da China, em Maio de 2012. A deslocação serviu para discutir programas de cooperação na área do desporto, tendo em vista a realização do campeonato Mundial de Futebol da FIFA, em 2014, e os Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, em 2016, no âmbito do Cosban (Comité de Alto Nível de Cooperação Brasil-China). ●



BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O Banco Nacional Ultramarino é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —

JARDIM DE INFÂNCIA D. JOSÉ COSTA NUNES

JARDIM DE INFÂNCIA "D. JOSÉ DA COSTA NUNES"

A FAZER HISTÓRIA HÁ 80 ANOS

Texto Cláudia Aranda | Fotos Gonçalo Lobo Pinheiro



O Anuário do Jardim de Infância D. José Costa Nunes, editado pela Associação de Pais da instituição, é o primeiro de uma série que pretende registar a história e a arquitectura da escola, que comemora 80 anos de existência em 2013

No auge da estética *arte-déco*, enquanto em Nova Iorque se erguia o edifício Chrysler, em 1930, e em Lisboa se construía o Cineteatro Eden, em 1932, em Macau inaugurava-se, em 1933, o Jardim de Infância, ao qual foi depois acrescentado o nome de D. José da Costa Nunes, também com traços da mesma estética arquitectónica. “Se atendermos que a estética arte déco ganhou identidade com a exposição de Artes Decorativas de Paris em 1925 (...) e se considerarmos que nesse tempo se viajava de barco para Macau, o edifício da Escola Infantil é uma obra que, para a sua época, deve ser contemplada como de vanguarda”, explica o arquitecto Mário Duque, que concebeu a versão actual do edifício da escola, em texto de sua autoria publicado no primeiro *Anuário do Jardim de Infância D. José Costa Nunes 2011–2012*, lançado em Maio.

A ideia de editar o anuário dos alunos integrando um conjunto de materiais documentais sobre este jardim-escola, que completa em 2013 o seu 80.º aniversário, partiu da Associação de Pais e Encarregados de Educação dos Alunos do Jardim de Infância D. José da Costa Nunes (APCN). O objectivo da edição deste primeiro anuário, cuja capa é uma ilustração da autoria de António Conceição Júnior, investigador, escritor e pintor de Macau, é “fazer a história de um dos mais antigos estabelecimentos de educação pré-escolar da RAEM e contribuir para a valorização do património histórico e cultural de Macau através da divulgação das suas instituições de matriz macaense e portuguesa”, aponta Lurdes de Sousa, membro da Associação de Pais e coordenadora executiva do Anuário.

JARDIM DE INFÂNCIA D. JOSÉ COSTA NUNES



O Jardim de Infância D. José Costa Nunes é actualmente a única instituição pré-escolar privada de língua veicular portuguesa, com um papel importante na divulgação não só da língua, mas também da cultura portuguesa, como refere Cristina Ferreira, presidente da Associação de Pais. Isso sem perder de vista “a multiculturalidade, respeito e inclusão de outros saberes e experiências, características singulares do contexto social de Macau”, escreve Cristina Ferreira no prefácio do anuário.

Esta será uma entre muitas características que distinguem o jardim infantil de outros estabelecimentos escolares, já que o ensino pré-escolar em português se encontra também disponível na rede oficial de escolaridade gratuita da RAEM. O novo projecto educativo do Costa Nunes, implementado em Setembro de 2009, diferencia-se pela

introdução da aprendizagem de línguas através das artes. “Trata-se de construir a partir da sua matriz portuguesa uma escola em que as crianças possam frequentar e descobrir outras linguagens, o mandarim e o inglês, tanto como essas outras linguagens fundamentais produzidas pelas artes e as matemáticas”, explica no texto histórico incluído no anuário Ivo Carneiro de Sousa, que foi também autor do projecto educativo para 2010–2020, ao abrigo de um protocolo entre a Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM), que tutela a instituição, e a Universidade de São José, da qual Carneiro de Sousa foi vice-reitor.

As infraestruturas singulares constituem outro elemento diferenciador do jardim de infância, já que integra equipamentos e desenho de interiores idealizados e adaptados a uma população escolar “de palmo e meio”.



O Jardim de Infância D. José Costa Nunes é actualmente a única instituição pré-escolar privada de língua veicular portuguesa, com um papel importante na divulgação não só da língua, mas também da cultura portuguesa

Tal como refere Cristina Ferreira, a instituição tem como acervo um património histórico-cultural e um “valioso património arquitectónico”, composto pelo edifício de 1933 e pelo prédio novo, concluído em 1997, que exhibe “uma estética contemporânea” ajustada à actualidade e responde “a um contexto urbano mais complexo e exigente”.

LIVRO COM HISTÓRIA

Com a edição do anuário dos alunos - que teve o apoio financeiro do Consulado de Angola e do Consulado Honorário da Guiné-Bissau na RAEM, da Santa Casa da Misericórdia, da CESL-Asia e da Geocapital, e o apoio institucional do Consulado de Portugal na RAEM - a Associação de Pais pretende “oferecer um livro que possa ser uma recordação para os alunos da sua passagem no Jardim de Infância D. José Costa Nunes”, diz Lurdes de Sousa. Mas, sobretudo, que esse livro possa também incorporar “as raízes históricas e culturais macaenses e portuguesas da instituição, e por extensão, também de toda a comunidade lusófona de Macau que tem os seus filhos nesta escola”, sublinha a coordenadora executiva do Anuário. Foi assim que a Associação de Pais decidiu convidar um conjunto de personalidades de Macau que, com as suas contribuições e testemunhos, “mostrassem a multiculturalidade do jardim de infância e vincassem a matriz portuguesa e macaense da instituição”.

JARDIM DE INFÂNCIA D. JOSÉ COSTA NUNES



Durante mais de 70 anos o jardim foi um estabelecimento público sob a direcção dos diferentes serviços educativos, transformando-se no ano lectivo de 1998/99 em instituição de educação pré-escolar privada sob a tutela da APIM. A escola hoje acolhe 110 crianças de diversas origens e culturas

Durante mais de 70 anos o jardim foi um estabelecimento público sob a direcção dos diferentes serviços educativos, transformando-se no ano lectivo de 1998/99 em instituição de educação pré-escolar privada sob a tutela da APIM. A escola hoje acolhe 110 crianças de diversas origens e culturas, como dos países lusófonos, indonésias, filipinas, tailandesas, russas, italianas, japonesas e outras. “Antes não tínhamos crianças chinesas, mas de há três anos para cá, com a implementação do novo projecto educativo, e na sequência da divulgação que foi feita, o jardim de infância começou a ser procurado por famílias chinesas e agora também temos crianças de pai e mãe chineses”, constata Vera Gonçalves, directora da escola. Lurdes de Sousa acredita que esta é uma tendência nova que se vai acentuar nos próximos anos. “Tem havido uma procura e interesse por parte das famílias chinesas de Macau sem qualquer ligação a Portugal que começam a querer inscrever as crianças neste jardim de infância, justamente por perceberem que a aprendizagem da língua portuguesa pode ser uma grande vantagem a nível profissional, devido ao papel que Macau assume como plataforma de relacionamento entre a China e os países de língua portuguesa.”



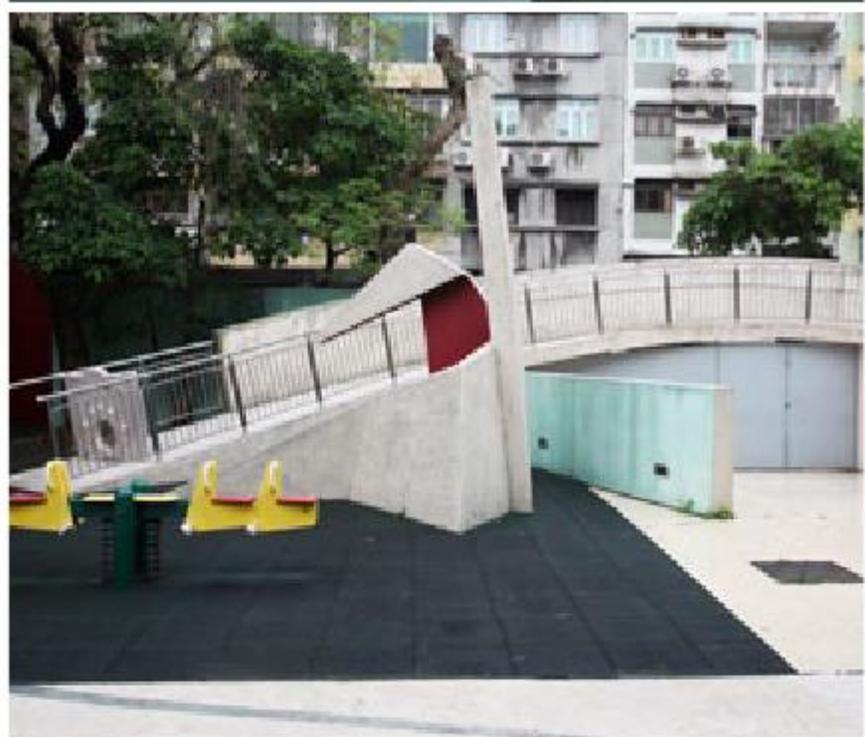
As diversas acções dirigidas a pais e crianças em geral, que começaram por ser promovidas pela Associação de Pais a partir de 2009, incluindo actividades de férias de Verão e da Páscoa, contribuíram para divulgar o jardim de infância e o seu projecto educativo. “A abertura da escola à comunidade, com a realização do Dia Aberto, permitiu que muitos pais viessem conhecer e visitar as salas de aula e, a partir daí, tomarem uma decisão”, explica Sara Araújo, vice-presidente da Associação de Pais. Neste momento, a escola faz visitas em português, inglês e mandarim, contando para o efeito com o apoio de pais, educadoras e auxiliares.

GUARDAR MEMÓRIA

Para o arquitecto Francisco Vizeu Pinheiro, o actual conjunto arquitectónico do Jardim de Infância D. José da Costa Nunes é um caso bem conseguido de preservação de património e da memória histórica da cidade. O projecto de arquitectura de 1997, da autoria de Mário Duque, conseguiu recuperar e manter o contorno primitivo do Jardim de Infância de 1933 e ampliar as instalações, encontrando uma solução para a articulação com o complexo nó rodoviário, que na altura já se adivinhava com as obras de construção do viaduto de acesso ao túnel da Guia, no cruzamento entre as avenidas Horta e Costa e Sidónio Pais.

O importante “é preservarmos a memória e não só a fachada, como infelizmente acontece em muitos outros casos”, aponta Vizeu Pinheiro. Manter toda a estrutura do edifício “é a solução de preservação de património mais autêntica e integral. Neste caso do Jardim de Infância, conseguiu-se: manteve-se o edifício antigo que permanece isolado e autónomo das duas novas estruturas, uma delas separada da antiga pelo viaduto e estrada de acesso ao túnel da Guia. No exterior os edifícios estão separados, mas no interior unidos, permitindo uma circulação segura para os utentes”, aponta o arquitecto. A Associação de Pais prevê editar ainda em 2013 o livro comemorativo dos 80 anos do Jardim de Infância D. José da Costa Nunes, por forma a continuar a fazer a história da instituição e contribuir para a memória institucional e patrimonial da RAEM. O Anuário é uma iniciativa que a Associação de Pais vai repetir já no próximo ano lectivo, estando o anuário a ser pensado. Pretende-se que o de 2013/14 conte com mais testemunhos de antigos alunos. ●

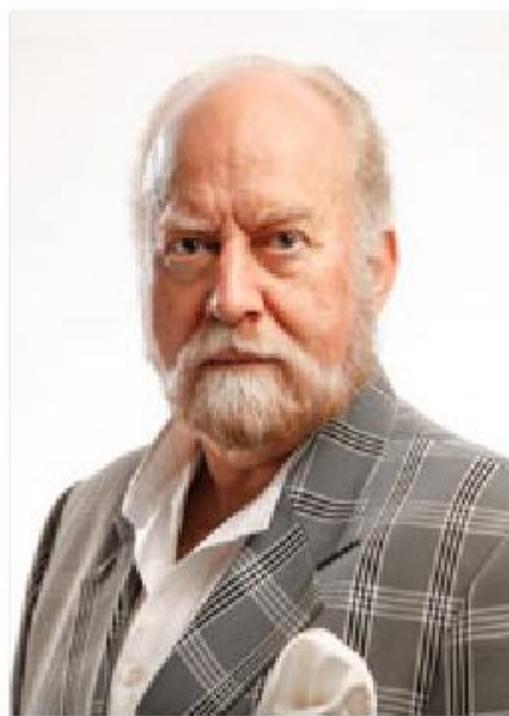
O projecto de arquitectura de 1997, da autoria de Mário Duque, conseguiu recuperar e manter o contorno primitivo do Jardim de Infância de 1933 e ampliar as instalações, encontrando uma solução para a articulação com o complexo nó rodoviário de acesso ao túnel da Guia





LUCAS JOSÉ DE ALVARENGA (1809-1810)

JOVEM
BRASILEIRO
GOVERNADOR
DE MACAU



LUÍS SÁ CUNHA

Jornalista da área cultural

Lucas José de Alvarenga não foi o único brasileiro a assumir funções de governador de Macau, no contexto da política de rodízio de funcionários político-administrativos no espaço do império. “Indo eu só para Macau, o primeiro que foi governar ali portugueses tão ricos e poderosos, alguns dos quais eram membros do Senado”, escreveu no seu diário. São bem compreensíveis os seus sentimentos de desamparo ante uma missão tão espinhosa, densa de condições objectivas tão adversas. Portugal estava na iminência de desaparecer do mapa, esquarterjado às mãos do poder napoleónico. A corte estava foragida e longe no Brasil. A Inglaterra aproveitava a sua forte presença político-militar intramuros para ambicionar gordas vantagens.

Pretextando a ameaça real de uma conquista de Goa pelas armadas francesas, a Inglaterra, pela mão da poderosa Companhia das Índias, já lá se estabelecera e, sob o mesmo pretexto, acabara de acampar em Macau, quatro dias antes da chegada de Alvarenga. Por outro lado, o jovem governador vinha no auge do braço de ferro entre Coroa/Governador e Senado pela supremacia do poder real em Macau, romanticamente munido das Providências da Rainha D. Maria I de 1783, que passando a dar instrumentos de centralização dos poderes aos governadores, ameaçavam fazer derruir a permanente supremacia do Senado nos precedentes dois séculos. E mais, escaqueirar o sistema de poder local/regional, geometrizado no triângulo Senado/comerciantes dominantes/mandarins provinciais cantoneses.



A toda esta trama acrescentam ainda dois poderosos factores: as incontroláveis forças navais das organizações piratas que enxameavam o Delta, e da Boca do Tigre controlavam os labirintos dos canais, e o domínio do carismático Ouvidor Miguel de Arriaga Brum da Silveira (“de cujas ideias era o Senado apenas o catavento”), o verdadeiro vértice do triangular sistema que hauria sustentação das operações ilegais do comércio do ópio. Terrível cenário o da Macau da primeira década do século XIX para um jovem governador inclinado às letras e cuja chegada era oportuníssima dádiva aos interesses dos seus adversários e detractores. É que Alvarenga chegou a Macau no navio britânico Elphinston depois de ter sido escoltado por tropas britânicas na travessia da Índia até Bombaim, e sendo

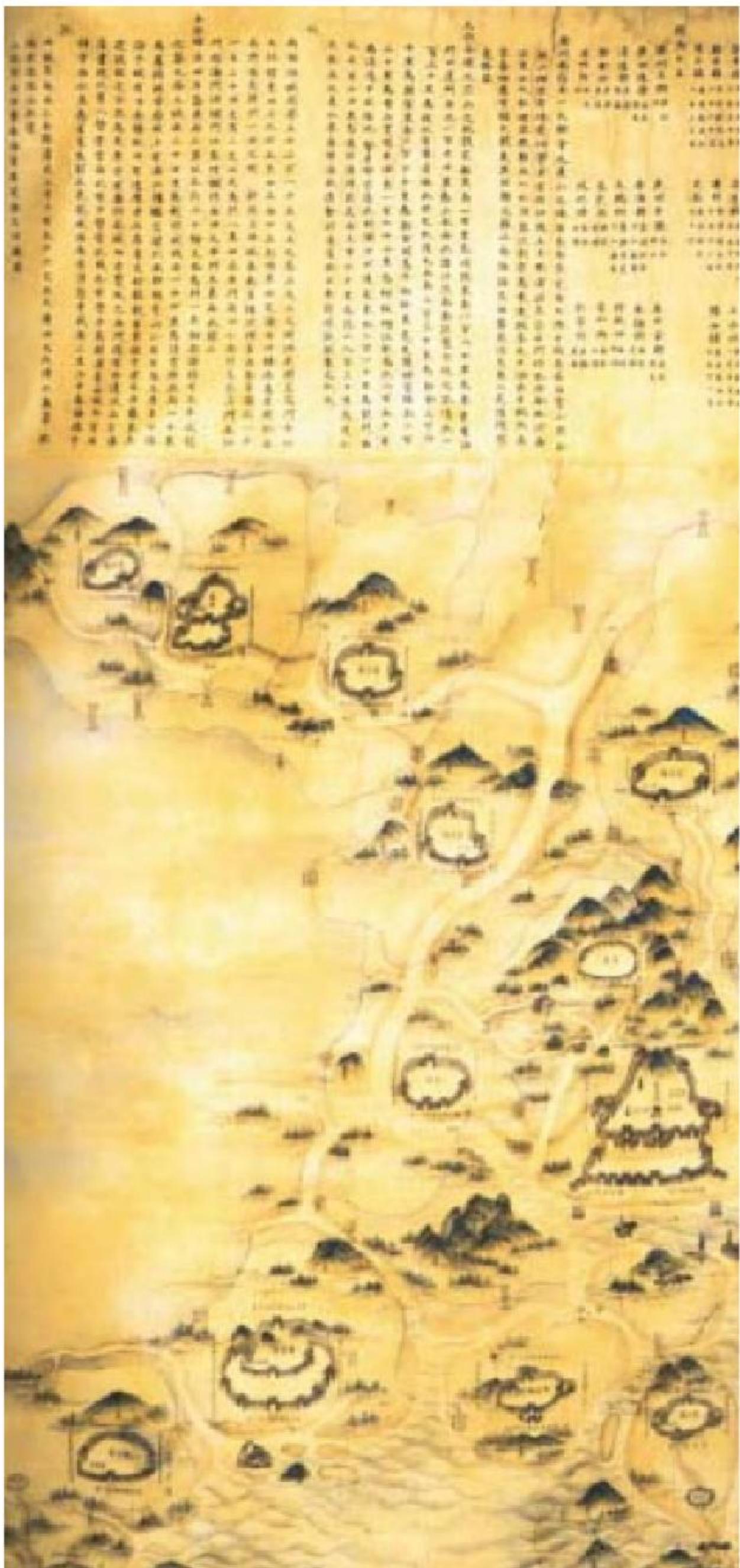
* Vista da Baía da Praia Grande no século XIX

Nascido em 1768 na Vila de Sabará, Minas Gerais, não tendo de nascimento “coisa de que se vanglorie, nem de que se envergonhe”, conheciam porém os seus pais “as vantagens de uma boa educação”

HISTÓRIA

* Organização da cidade de Macau em finais do século XVIII

de imediato procurado pelo comandante da armada ocupante, Almirante Drury. Isto mesmo foi invocado pelo mandarim de Heongshan para desaconselhar a tomada de posse do novo governador, decisão já tomada antes pelo Senado de Macau por inconveniência de alterações nos agentes da soberania em momento tão delicado. Assim, a primeira coisa que acolheu Lucas Alvarenga foi o ser impedido de exercer funções e esperar até melhor oportunidade, num cenário onde se denuncia o manobrisimo do génio maquiavélico de Miguel de Arriaga. No resto e sequente, foi vê-lo entre intrigas e disputas com o Senado e Ouvidor, num combate desigual, onde o seu desempenho nas operações da famosa derrota de *Kam Pau Sai* e das numerosas forças piratas foi desmerecido e clandestinizado pelos agentes do sistema imperante e dos testemunhos politicamente mais correctos. Daí a necessidade que o moveu a escrever, já no Rio de Janeiro e quase 20 anos depois, as obras *Memória e Observações à Memória*, e outras notas biográficas, em desagravo à injustiça que recaía na sua imagem daqueles tempos.





Alvarenga tinha um espírito inclinado às coisas da cultura e, como o confessou nas suas notas biográficas, tinha a obsessão da leitura e do conhecimento

Do Brasil a Macau

Como chega Alvarenga a Governador de Macau e em condições tão adversas?

Ele confessa em sua *Memória* o quanto questionou o

governador da Índia, Conde de Sarzedas, quando este o chamou “à sua Câmara” para

lhe comunicar a decisão de o enviar para Macau, porque

“apesar das aparências de talento com que *elle* me

suppunha, eu me julgava sem a experiência necessária

para o desempenho destas tão árduas Comissões [sobre o desembarque dos ingleses, e sobre os piratas]”, e também

por ir enfrentar o Senado e o Ouvidor “mortais inimigos de todos os governadores”.

Argumentava Alvarenga que a decisão do governador da Índia não combinava com a promessa feita sobre o tê-lo

na Secretaria de Estado e com o estarem “sempre juntos”.

Manteve o governador a decisão e a convicção de ser a melhor escolha, em conversa

que, diz, “eu não posso nem devo proferi-la toda”.

Nesta curta e corrente evocação da figura de Lucas José de Alvarenga - longe

de ser análise do contexto e factos históricos em que se moveu - parece-nos clara

a razão da nomeação: em cenário tão gelatinoso e tão

prestável a “deserções”, D.

Bernardo José de Lorena

pretendia, sobretudo,

salvaguardar a fidelidade, e

conhecendo o forte carácter

do amigo e protegido e a sua

inquebrantável formação

moral, tinha na sua nomeação a melhor solução.

Alvarenga conhecera

Bernardo José de Lorena

em Minas Gerais, depois

de regressar dos estudos na

Universidade de Coimbra.

Lorena era o governador da Capitania, depois de o ter sido

já de São. Paulo, e chamou-o para o seu serviço. Facilmente

se imagina o agrado com que Bernardo Lorena conheceu e

acolheu Alvarenga, depois de uma época em Coimbra onde

nutriu o espírito na aturada leitura de todos os autores

clássicos e no convívio dos grandes de França e

Inglaterra, “os dois olhos do mundo”.

Alvarenga era sem dúvida naquela época o exemplo

vivo e fascinante de um espírito culto animado

do ideal iluminista e do sonho romântico de deixar

marca pessoal na grande história, alma empregada

nos exemplos dos mais notáveis heróis da história.

A sua conversa, denso jorro de citações e sentenças dos

mais notáveis pensadores,

HISTÓRIA

de parrelhas com o realismo e sensatez dos seus juízos pessoais, encaminhavam-no a brilhante êxito diplomático. Não é difícil concluir o porquê da atracção de Alvarenga às moradas mais discretas de Bernardo Lorena, irmão da Marquesa de Alorna, em cujo palácio de Lisboa acolhia a tertúlia de “francesistas”, dispersa pela perseguição de Pina Manique. Assim terá sido desmantelada uma misteriosa “Sociedade da Rosa”, irmandade discreta polarizada nos ideais libertários e fraternalistas de que teria sido também frequentador o poeta Bocage, que igualmente andou por Cantão e Macau. Mas da “rosa” em Macau Lucas José parece ter colhido apenas os espinhos...

Cultura, uma obsessão

Alvarenga tinha um espírito inclinado às coisas da cultura e, como o confessou nas suas notas biográficas, tinha a obsessão da leitura e do conhecimento. O seu enciclopedismo era reflexo da atmosfera da sua época, mas era um enciclopedismo onde procurava haurir as traves-mestras de sólida arquitectura moral e de pensamento próprio. Entendia que “o hábil diplomata deve ter (além do carácter) a triplicada vantagem de ser homem de letras, homem do mundo, e homem de Estado”. De todas as enunciadas, ele foi sobretudo um homem de cultura vocacionado às letras, campo onde mais acabou por afirmar as suas potencialidades, em parte frustradas numa carreira política estanhada, e até claudicante, se cotejada com

os ideais grandiosos que o animavam nos inícios do seu currículo de vida.

Nascido em 1768 na Vila de Sabará, Minas Gerais, não tendo de nascimento “coisa de que se vanglorie, nem de que se envergonhe”, conheciam porém os seus pais “as vantagens de uma boa educação”. Depois da escola, entre os 16 e 17 anos, estava apto em Gramática Portuguesa, Latina e Francesa, em Lógica, Matemática, Ética, e ainda, em Retórica, Poética e Geometria, além de dois graus de aulas de Dança. Contemporâneo da abertura à nobreza de mérito, aplicase disciplinadamente aos estudos por natural inclinação e também por crer que “é a educação e não o nascimento, ou a ilustre genealogia dos homens, que os faz distinguir entre os mais”.

O poeta no seu paraíso

O grande Alexandre era das figuras que mais idolatrava, porque “devia mais a Aristóteles seu Mestre do que a Philippe seu pai” e reservara o cofre de Dário, o mais rico e fulgente de gemas, para escrínio do mais precioso tesouro: o seu divino *Homero*. O jovem Alvarenga sensibiliza-se com a arte da música e evoca Shakespeare para apreciar o homem “que tem música em si mesmo”, ilustrando com os exemplos de D. Pedro I (“o heróico fundador do império do Brasil que não só compôs a música do Hino Nacional, mas até os divinos versos em que com as ideias mais liberais e as mais sublimes inspira aos seus súbditos sentimentos patrióticos e o amor da

glória”) e do Senhor D. João IV. Pela vida dispersa, foi versejando poemas posteriormente reunidos em livro. Com cândida ingenuidade, confessa-nos um momento lírico ao gravar no tronco forte de uma árvore de pagode em frente de um templo uma quadra, a deixar um “gosto europeu” esculpido nas partes da Ásia. Era 1815, ano então de regresso ao Brasil. Já no Brasil, sua “pátria natural” que amava, é vê-lo mais dedicado às musas dos labores literários, brilhando nos salões, nas elegantes competições das glosas a dados motes. Em Junho de



1822, principiou e concluiu “logo facilmente *Inima* bem extensa Peça Intitulada *A Revolução*”, que nos diz ter sido “mutilada em mais de três partes por motivos imperiosos [ou Imperiais]”. Entra no prelo em 1826, já “sob a forma de *novella* com o título de *Statira e Zoroates*”. E eis aqui a obra que deixou fama a Lucas José de Alvarenga, merecendo-lhe a distinção de pai do romance brasileiro por ter marcado o início do romance-folhetim, um género mais prestável à intervenção política e moralizante, que Alvarenga pretendia para uma sociedade

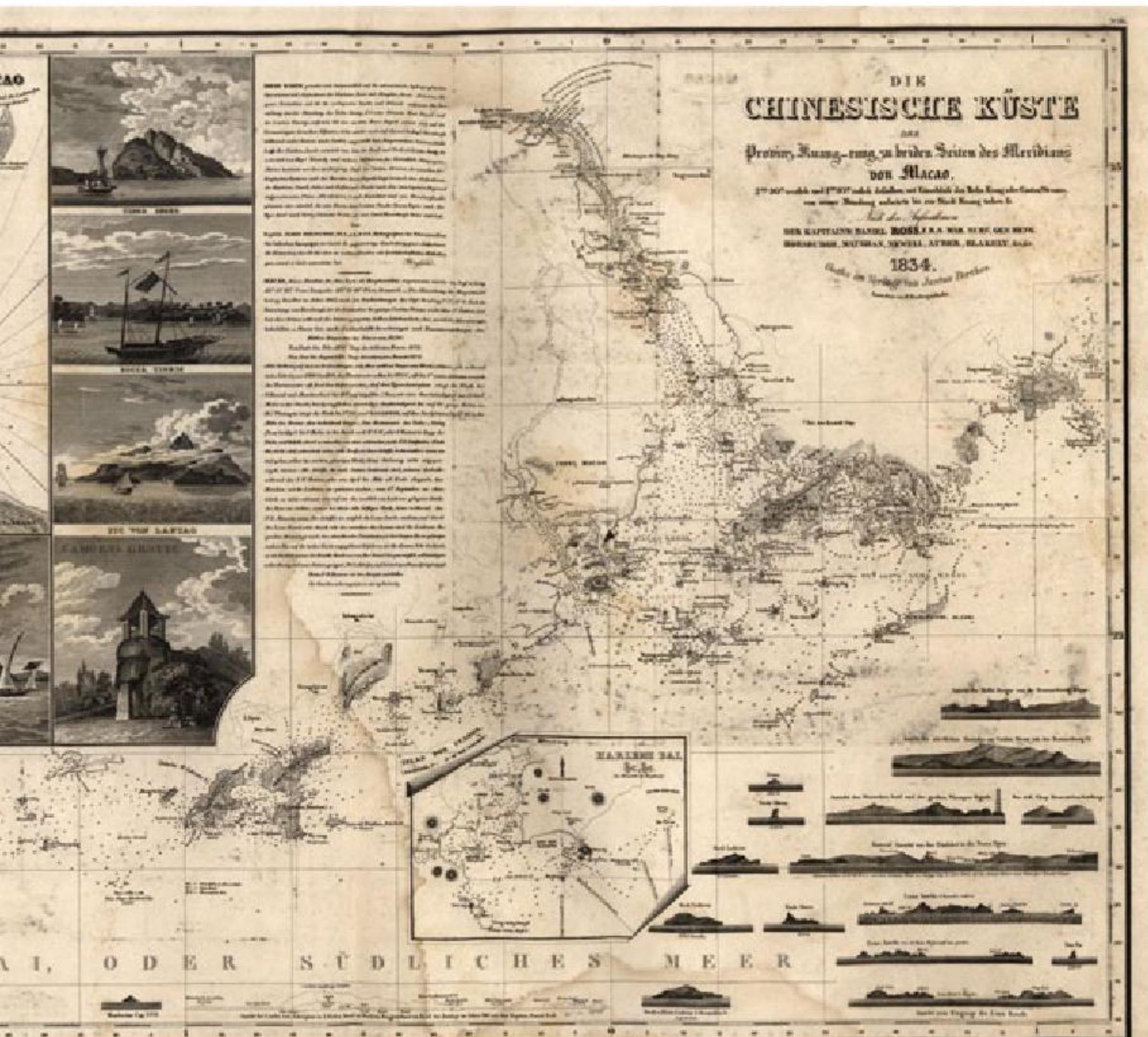
brasileira em busca de identidade e enfrentada à evolução urbano-industrial soprada da Europa - o modelo eleito pela classe controladora para destino do Brasil na história.

Para rematar esta curta evocação de um governador de Macau que foi poeta, deixamos agora à apreciação do leitor um extracto de poema com sabor da época, talvez aquele que Alvarenga elegeu para o recordar, um exercício de glosa a mote, onde transpira o vento triunfal do Brasil nascente, e que um amigo mandou dar à estampa em Paris.

Mote: O mundo há-de ver um dia/ neste céu sereno e azul/ prostra-se a Ursa do norte/ ante o Cruzeiro do Sul.

Glosa: Em vários giro rodando/ Sempre o Universo inteiro/ Vai de Janeiro em Janeiro/ Mil novas cenas mostrando./ A velha Europa ditando/ Por força as Leis ao Meio-dia/ Perdeu essa regalia./ E o Brasil rico e fecundo/ Dando também leis ao mundo/ O mundo há-de ver um dia.

Vate é o que vaticina... ●





Há pauzinhos de bambu, de osso, de prata ou de jade, mas a maioria é de plástico ou de madeira de faia. Uns são decorados a ouro e outros pintados com caracteres. Mas há 3000 anos, altura em que se acredita que os pauzinhos tenham sido inventados na China da dinastia Shang (1766-1122 a.C.), não passavam de meros galhos de árvore que levavam à boca a comida quente, ainda que o último imperador desta era já tenha mandado fazer os pauzinhos em marfim

FAI CHI (PAUZINHOS)

Uma lenda do *Livro dos Ritos* diz que o rei Shang Zhouang (14 - 11 AC) e a sua concubina Daji foram os inventores dos pauzinhos. Segundo conta a história, o rei tinha mau temperamento e reclamava por tudo e por nada no que dizia respeito à comida. Ora era o peixe que não estava fresco ou a comida estava fria e por estas e outras razões mandava matar os cozinheiros. Mesmo a mais amada concubina Daji sabia que era muito difícil satisfazer os caprichos do rei. Um dia ela apercebeu-se que os pratos do banquete estavam muito

quentes e como o rei já estava na mesa era muito tarde para remediar a situação. Teve então a ideia de puxar um pino de jade do seu cabelo, apanhar a comida da tigela e começar a soprar para esfriá-la e colocá-la na boca do rei. Ele gostou do gesto da concubina, e passou a pedir-lhe que assim fizesse todos os dias. Daji pediu aos artesãos para fabricarem dois pinos compridos de jade para apanhar a comida e assim surgiram os pauzinhos, esta nova forma de comer que se generalizou entre a população.

ÍCONES CHINESES

Curtos ou compridos, quadrados ou redondos, de ponta mais redonda ou afiada, os pauzinhos são primeiro conhecidos dos portugueses logo no século XVI. Hoje são usados aos milhões na Ásia e agora no resto do mundo. E já há alguns *made in USA* a chegar em contentores ao Extremo Oriente. Segundo números recentes, são produzidos por ano 80 mil milhões de pauzinhos, o que implica o abate de, pelo menos, 20 milhões de árvores ou, segundo organizações ambientalistas, quase 25 milhões de árvores.

Conhecidos no Japão por *hashi* (箸, em cantonês pronuncia-se *chu*), os pauzinhos em Macau ganharam fama nos restaurantes como *fai chi* e no resto da China chamam-lhes *kuaizi*, o que indica que alguém vai ter filhos e muito em breve. Isto porque os chineses, que tanto gostam de trocadilhos, costumam brincar com as semelhanças entre a pronúncia de *kuai-tzu* e “filho e breve”. É por isso que os recém-casados ficam satisfeitos por receber este utensílio como presente de casamento.

ETIQUETA

A etiqueta dos pauzinhos é coisa séria na China. Enquanto cruzá-los é incorrecto, pô-los sobre as bordas da tigela ou no suporte é sinal de que se acabou a refeição, enfiá-los no meio da tigela de arroz lembra os pivetes para os mortos ou é uma refeição para alimentar as almas dos mortos. E livre-se de apontar os pauzinhos ao vizinho, espetá-los na comida ou bater com o mesmo na tigela, pois é uma tremenda falta de educação.



TÉCNICA

Para segurar os pauzinhos é comum "empurrar" um deles contra o dedo anular, ficando assim mais ou menos fixo. O outro pauzinho agarra-se como se fosse um lápis e é ele que se move, actuando o par como uma pinça.



SUPERSTIÇÃO

Há pauzinhos que não são bom agouro. Se um par desigual for dar ao prato é sinal de morte. Deixar caí-los ao chão dá azar. Se os fai chi de castanheiro geram riqueza, os de madeira preta de diospireiro dão mais anos de vida.



ÁTRIO

ATIVIDADE MACAU 创意空间

CREATIVE MACAU

UMA DÉCADA A DIVULGAR TALENTOS

O Centro de Indústrias Criativas - Creative Macau assinala o 10.º aniversário com uma exposição e um livro comemorativo. Artistas de diversas áreas criativas foram desafiados a “pedirem um desejo” e a realizá-lo através do seu talento. Cerca de 22 criativos locais responderam ao repto criando um conjunto de obras que vai integrar a exposição de aniversário intitulada *Make a Wish*, que inaugura a 28 de Agosto, no edifício do Centro Cultural de Macau.

Texto **Cláudia Aranda** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

C REATIV E MACAU 创意

São já dez anos a divulgar o talento dos criativos de Macau e ao lançar o tema da exposição do 10.º aniversário, *Make a Wish*, o objectivo foi “desejar boa sorte, um futuro risonho, para continuarmos a fazer mais e melhor”, explica Lúcia Lemos, coordenadora do Centro de Indústrias Criativas - Creative Macau (CCI, na sigla inglesa). A exposição vai ser inaugurada dia 28 de Agosto na galeria do CCI, situada no edifício do Centro Cultural de Macau. Está também previsto o lançamento na mesma ocasião de um livro comemorativo dos dez anos, contendo o historial de exposições e eventos.

Agora que passou-se uma década a acreditar na criatividade local e a divulgá-la, o CCI aproveita

a exposição do 10.º aniversário para também “olhar para trás numa retrospectiva e avaliar se vale a pena continuar nestes moldes, ou em moldes mais arrojados”. Também, “no sentido de desejar o melhor para as indústrias criativas, para que saiam desta letargia e para que passem da letargia à acção”, acrescenta Lúcia Lemos.

O CCI é uma organização sem fins lucrativos criada e gerida pelo Instituto de Estudos Europeus de Macau (IEEM) para promover o desenvolvimento das indústrias criativas da RAEM, incentivar a mão-de-obra criativa local, apoiar o seu reconhecimento internacional e facilitar o desenvolvimento cultural. O projecto começou a desenhar-se em 2002, ano da liberalização da indústria do jogo em Macau e

ÁTRIO

do início do *boom* da construção dos casinos. A ideia era aproveitar o “momentum” económico e criar uma plataforma de ligações para gerar contactos entre criativos, agentes, investidores e empresários, explica Lúcia Lemos. Nestes dez anos, mais de 560 criativos residentes de Macau e inscritos no CCI participaram em exposições colectivas e individuais, aproveitando a “plataforma de lançamento e de reconhecimento” que a organização oferece. A instituição continua a promover e divulgar

o trabalho dos criativos locais, residentes permanentes ou temporários ou que tenham uma base permanente em Macau e que estejam empenhados em entrar no mercado das artes e indústrias criativas. “Encorajamos os nossos participantes a criarem trabalho novo, convidando-os a participar em exposições, seminários, concursos, *workshops* ou em feiras de indústrias criativas e culturais fora de Macau”, realça a coordenadora do projecto. O CCI organiza pelo menos uma exposição



individual por mês e duas a três colectivas por ano. Lúcia Lemos explica que as mostras de grupo constituem boas oportunidades para artistas emergentes desenvolverem e mostrarem capacidade artística, lado a lado com artistas de renome. Depois de participarem com uma ou duas peças numa mostra colectiva, o CCI incentiva os artistas a desenvolverem “um corpo de trabalho” mais extenso e a participarem em mostras individuais, de modo a exibirem a sua capacidade e potencial artístico.

* Lúcia Lemos, Menn Chow e Sónia Viseu são as caras que dinamizam o Centro de Indústrias Criativas



O CCI é uma organização sem fins lucrativos criada e gerida pelo Instituto de Estudos Europeus de Macau (IEEM) para promover o desenvolvimento das indústrias criativas da RAEM, incentivar a mão-de-obra criativa local, apoiar o seu reconhecimento internacional e facilitar o desenvolvimento cultural

VER E SER VISTO

A coordenadora do CCI refere que, no entanto, faz ainda falta em Macau estruturas destinadas ao ensino de Belas Artes e de *design* “que ponha artistas a trabalhar e que ofereça espaços” para que se idealizassem projectos. “Não é só ter estúdios individuais, a pessoa também precisa de fazer trabalho colectivo, precisa de estar sempre a aprender e é necessário esse convívio, essa confrontação. O artista emergente tem receio de mostrar o seu trabalho, é preciso ganhar coragem para se expor”, diz Lúcia Lemos. Portanto, o CCI acaba por funcionar como “um motor de confiança” para os artistas.

Para Gonçalo Oom Saldanha, arquitecto, regressado recentemente a Macau, o CCI constituiu uma oportunidade “para aparecer” e para “criar laços com outros artistas”. Mas, sobretudo, ofereceu-lhe oportunidades para expor a sua criatividade na área do *design* de objectos - “fui criando obras em *part-time*”, que foram já expostas no CCI em diferentes ocasiões. João Magalhães, português, filho de pais macaenses, conta já com um percurso bastante internacionalizado, apesar de ainda breve. Na obra que vai expor no CCI expressa o desejo de que “a arte em Macau ganhe mais reconhecimento” e que haja mais oportunidades de “expor e estudar fora” para os jovens artistas estabelecidos no território. Para a portuguesa, Sofia Arez a exposição *Make a Wish* será a primeira oportunidade de expor no CCI. A artista reúne já um extenso currículo construído em Portugal. No entanto, recém-chegada a Macau, tenciona usar todas as oportunidades para conhecer e dar-se a conhecer localmente e na região.

ÁTRIO

Make a Wish promete assim reunir um conjunto bastante heterogéneo de obras e artistas nas diversas áreas criativas. Inclui trabalhos de artistas emergentes, como é o caso do jovem fotógrafo nascido em Macau, Tang Kuok Hou. E de artistas com um trabalho consistente, apesar de muito recente, como é o caso da parisiense Armelle, que expôs em 2012 no CCI uma série de bem-humoradas fotomontagens de Macau. Também participam na exposição artistas já com grandes níveis de reconhecimento no território, como é o caso do australiano Denis Murrell, a residir na cidade há 25 anos e cujas obras integram colecções públicas e privadas em Macau e no estrangeiro.

DAR O SALTO

"Este é um projecto que tem uma visibilidade notável a nível internacional. Eu diria que é talvez a marca mais relevante das indústrias criativas para quem está de fora", refere Álvaro Barbosa, director da Faculdade de Indústrias Criativas da Universidade de São José, em Macau, e com um percurso profissional e académico bastante sólido na área do *design* e do audiovisual. Álvaro Barbosa, que também participa na exposição colectiva *Make a Wish* com uma obra que antecipa uma mostra individual prevista para Janeiro de 2014, acredita que o CCI e Macau têm um grande potencial internacional. Falta ainda dar o salto para o exterior.

O especialista em design enaltece o trabalho do CCI do ponto de vista da imagem externa, resultado de uma "boa presença online", e da sua boa capacidade de estabelecer um "networking" e gerar contactos, sendo por isso uma organização que é "central no panorama das indústrias criativas". Álvaro Barbosa chama a atenção, no entanto, para a necessidade de haver uma maior abertura ao exterior e para um maior intercâmbio com artistas de fora. Estas medidas poderiam ser contrabalançadas com apoios à internacionalização dos artistas locais, por forma a assegurar um crescimento sustentável da cultura local a médio e longo prazo. Entretanto, da parte do CCI, "começa a haver alguma abertura no sentido de potencializar o seu capital de internacionalização", refere o artista, dando como exemplo o concurso *Sound & Image Challenge Worldwide*, destinado a profissionais e amadores locais ou estrangeiros com competências no domínio da imagem animada.



* Gonçalo Oom Saldanha



* Tang Kuok Hou

O arquitecto Adalberto Tenreiro, que já participou em sete exposições colectivas e uma individual no CCI e marca agora presença com uma obra, sublinhou também a importância do intercâmbio entre artistas locais e não locais. O artista, que reside e trabalha em Macau desde 1973, refere ainda a necessidade de se criarem espaços de trabalho para os criativos e novas formas de canalizar as obras para os mercados de arte.

A promoção e o desenvolvimento das indústrias



A exposição *Make a Wish* promete reunir um conjunto bastante heterogéneo de obras e artistas nas diversas áreas criativas. Inclui trabalhos de artistas emergentes e com um trabalho consistente



* Álvaro Barbosa



* Denis Murrell



* Sofia Arez

culturais e criativas é uma das prioridades políticas de interesse estratégico para a diversificação adequada da economia local do Governo da RAEM. O Executivo atribuiu competências ao Instituto Cultural através do departamento de promoção das indústrias culturais e criativas, para a formulação de políticas e estratégias de desenvolvimento do sector. Neste contexto, tanto Lúcia Lemos como Álvaro Barbosa sugerem a criação de uma estrutura governamental dedicada à

promoção activa da imagem externa de Macau e à potencialização do seu capital criativo a nível internacional. “É preciso inovar a imagem de Macau e todos nós trabalhamos para isso, para que Macau seja mais do que um lugar conhecido apenas pela indústria do jogo”, afirma a coordenadora do CCI. Mas tem que ser um trabalho realizado “de forma consistente” e “em grandes quantidades”, para mostrar que há talentos em Macau e, para isso, é necessário “o apoio do governo”, conclui Lúcia Lemos. ●

O ENSAIO, GODOT ART ASSOCIATION

Centro Cultural de Macau
6 e 7 de Setembro

É o regresso da associação artística local aos palcos de Macau, depois de *O Homem Almofada* em 2011. O novo espectáculo da companhia é uma adaptação de um argumento “negro e controverso” escrito nos anos 1970, encenado por Philip Chan. É uma peça que faz parte de uma trilogia que coloca em cheque o sistema educativo russo e pretende revelar uma face obscura da sociedade humana, confrontando as pessoas com defeitos que não querem ver, questionando o público sobre o quão difícil pode ser a busca da verdade. O espectáculo já foi apresentado em Pequim, onde arrecadou o prémio de Melhor Teatro Experimental.

JOE BURGSTALLER

Teatro Dom Pedro V, Macau 14 de Agosto, 20h00

Já tocou em mais de quatro dezenas de orquestras nos Estados Unidos, fez parte dos *Canadian Brass* e do colectivo *avant-garde Meridian Arts Ensemble*. Foi um dos solistas mais populares de sempre dos Concertos da Comunidade de Artistas de Columbia, onde deu mais de meia centena de concertos, e também faz parte do quarteto jazz BM4 (*Burgstaller Martignon4*), de Nova Iorque. A discografia do trompetista virtuoso Joe Burgstaller inclui o disco a *solo License to Thrill e The Virtuoso Trumpet*. Burgstaller é um dos convidados de honra internacionais da Macau Band Fair deste ano, organizada pela Macau Band Directors Association (MBDA), e vai fazer as honras de encerramento do evento, um dos vários que assinalam o 8.º aniversário da inclusão do Centro Histórico de Macau na Lista do Património Mundial da UNESCO. Além do concerto, o músico vai dar uma *masterclass* no dia 13, às 14h30, no Centro MBDA (Avenida do Almirante Lacerda, 139-145, Edifício Industrial Nam Yic, 1C, Macau).



FRANZ HARARY MASTER OF MAGIC WORLD TOUR

City of Dreams, Cotai
9 e 10 de Agosto

Magia de topo, como aliás já se vem tornando tradição em Macau. Franz Harary, mágico reconhecido internacionalmente, vai fazer-se acompanhar por outros talentos como Joaquin Ayala do México, Rocco Silano dos Estados Unidos e o duo MagicWave da Holanda, num espectáculo que pretende desafiar os sentidos e surpreender o público de Macau. Vencedor do prémio de *Best Escape Artist*, Franz Harary já espalhou da sua magia um pouco por todo o mundo, inclusive em vários programas da especialidade no pequeno ecrã. Harary é pioneiro da magia em grande escala. Duas das criações mais famosas são as ilusões do desaparecimento do Taj Mahal, na Índia, e do vaivém espacial da NASA no Centro Espacial Kennedy. Também colaborou com Michael Jackson na sua *Victory Tour*, em 1984, e tem colaborado com outras estrelas como Janet Jackson, Usher, Justin Bieber e Ayumi Hamasaki. Depois de quebrar recordes com espectáculos esgotados na Índia e na China, chega a Macau este Verão.



TRAVIS
PASTRANA'S
NITRO
CIRCUS LIVE
Venetian Macao, Cotai
Arena
17 e 18 de Agosto

O universo dos Nitro Circus gira em torno de um dos maiores pilotos de *freestyle* motocrosse do mundo, Travis Pastrana. Ele e a equipa de cerca de 40 atletas têm como

mínimo fazer coisas como piruetas com motos sobre ravinas ou saltar de aviões sem pára-quedas. São um colectivo de desportos radicais, ou de acção, que viaja pelo mundo a mostrar acrobacias com muito sucesso. Os espectáculos já deram uma série de televisão e vários filmes, inclusive um em 3D. Motocrosse, BMX, skates, patins, carrinhos de compras e uma série de engenhocas, algumas inventadas pelo grupo, são alguns dos instrumentos que fazem parte do espectáculo que promete levar emoções fortes e boa disposição ao Cotai.

THE ADDAMS
FAMILY,
BROADWAY
Centro Cultural de Macau
De 23 de Agosto a 5 de
Setembro

São personagens que fazem parte da memória de muita gente, mas talvez menos reconhecíveis para as gerações mais novas que agora têm a oportunidade

de os conhecer em versão musical, com o selo da célebre Broadway. E não vai haver apenas uma oportunidade, mas 12. O musical *A Família Addams*, produzido pela Phoenix Entertainment com base nas personagens de banda desenhada criadas por Charles Addams em 1964, vai subir uma dúzia de vezes ao palco do Centro Cultural. O espectáculo envolve os autores Marshall Brickman e Rick Elice, o coreógrafo Sergio Trujillo e os designers Phelim McDermott e Julian Crouch, com música assinada por Andrew Lippa e dirigida por Jerry Zaks, vencedor de quatro prémios Tony. O enredo passa-se na mansão dos Addams e tem como ponto de partida a primeira paixão da jovem Wednesday por um rapaz fora dos padrões da mórbida família. O espectáculo, que esteve em cena durante quase dois anos na Broadway, já passou por toda a América do Norte, Brasil, Austrália e termina agora a digressão asiática em Macau. Personagens como Morticia, Fester e Gomez ganham nova vida, depois do sucesso do filme de Barry Sonnenfeld em 1991, com Angelica Houston, Raul Julia, Christopher Lloyd e a então pequena Christina Ricci.



PLANÈTE FEMMES

Até 20 de Outubro

Sofitel Macau, Ponte 16

Organizado pela Alliance Française de Macau em parceria com as revistas *Courrier International* e *Marie Claire*, trata-se da exposição de 42 trabalhos fotográficos de 21 autores, todos eles vencedores da segunda edição do Concurso de Fotografia Internacional da Alliance. Este ano a competição foi subordinada ao tema “Planeta Mulheres”. As fotografias retratam mulheres de vários lugares do mundo e revelam hábitos, modos de vida, atitudes e sentimentos como o afecto, a coragem e a ousadia captados por fotógrafos amadores. Os trabalhos expostos concorreram com cerca de mil pessoas de 80 países e um milhar de fotógrafos amadores, que já passaram por várias galerias de França e do Brasil. A mostra inclui duas participações chinesas, Xiao Qian Liang de Shandong Jinan, e Bona Liu de Hong Kong.



DENIS MURRELL

Até 30 de Setembro

Signum Living Store
(Rua do Almirante Sérgio, 285, Macau)

Mais de uma dezena de pinturas do artista australiano para ver na galeria junto ao Templo de A-Má. Depois de autores como José Dorés, Carol Kwok, Tong Chung e Lai Sio Kit, o espaço Signum expõe novas criações do artista multi-premiado residente em Macau há 25 anos, algumas feitas propositadamente para o evento. Denis Murrell faz pintura abstracta, com recurso à colagem de vidro e materiais insólitos como papel higiénico. Já expôs em vários países como Portugal, Estados Unidos, Japão, Suécia e Singapura. As obras nesta exposição vão ser integradas num livro-catálogo com publicação prevista para final do ano dos trabalhos de todos os artistas que passaram pelo espaço Signum durante 2013.



THE MOST PRECIOUS - WASTE

Objects Exhibition
Armazém do Boi
Até 18 de Agosto

A ERA GLORIOSA DE JÚLIO CÉSAR,

CIÊNCIA MILITAR E TECNOLOGIA NA REPÚBLICA ROMANA

Até 31 de Agosto
Centro de Ciência de Macau

São mais de uma centena de modelos e réplicas interactivas das invenções e máquinas reconstruídas por artesões especialistas da cidade de Florença, em Itália. O visitante pode explorar as conquistas militares, tecnologias e diferentes estilos de vida dos antigos romanos, célebres pelas campanhas militares e armas bem concebidas, que acabaram por ser factores decisivos nas inúmeras vitórias do exército que conquistou os povos mediterrânicos, e expandiu o território romano pela África, Europa e Ásia. Entre os artefactos está um testudo romano, também conhecido como a formação tartaruga, símbolo da formação táctica romana; um elmo de Maximus, utilizado durante a filmagem do filme *O Gladiador* (2000); máquinas de transporte marítimo e terrestre, medição de distâncias e do tempo e construção de estradas com tecnologias que ainda hoje são utilizadas; uma Tabula Peutingeriana, que é um mapa que reflecte o mundo como era conhecido no século III d.C. e outros utensílios do dia-a-dia.

Repartido em vários momentos, o evento combina palestras, oficinas, mostras e actividades criativas. O objectivo é mostrar que objectos que num momento são considerados desperdício, noutro podem ter algum valor e utilidade. A mostra serve de plataforma para a utilização criativa de materiais pouco ou nada convencionais e conta com a participação de Chan Su Weng, historiador, director do jornal em língua chinesa *Macao Daily* e da Fundação Sun Yat Sen (entre vários outros cargos), natural de Bo'an (Hainão) mas envolvido na política, economia, cultura e questões sociais locais há mais de três décadas. Chan foi ainda responsável pela palestra principal *The Most Precious-Waste Objects* no arranque da iniciativa, em Junho. A exposição está patente no Armazém do Boi até dia 18.



LULU CANTA
& TOCA
ROBERTO E
ERASMO

Lulu Santos
Sony Music, 2013

É o 24.º disco de Luiz Maurício Pragana dos Santos, conhecido como Lulu Santos. Desde o primogénito *Tempos Modernos* (1982) que o músico e intérprete carioca já vendeu mais de sete milhões de discos. É um dos maiores *hitmakers* da música pop do Brasil e reencontra-se agora com o grande público com este trabalho lançado no Brasil e em Portugal, em que dá uma nova roupagem a clássicos compostos pela dupla ícone de irmãos Roberto e Erasmo Carlos. Temas como *Você Pensa* e *O Calhambeque*, entre outras baladas que marcaram (sobretudo) a carreira do chamado “Rei” no Brasil, fazem parte do álbum que tem direcção e produção musical do próprio Lulu, e conta com as participações especiais dos músicos Jorge Aílton, Késia Estácio e Marquinho, O Sócio.



IN RIO

Bebel Gilberto
Biscoito Fino, 2013

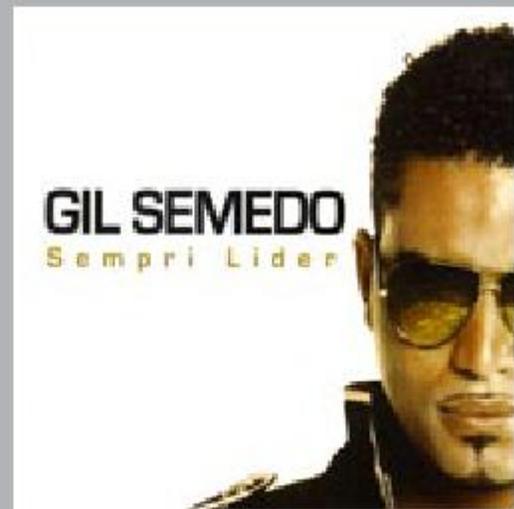
Ela diz que é um “cartão-postal” do Rio de Janeiro. Esta é a primeira produção com o próprio selo da filha de João Gilberto e Miúcha, nascida em Nova Iorque mas criada no Brasil. Ela voltou às raízes que deixou para se tornar referência da música moderna brasileira fora do Brasil com um repertório do qual fazem parte algumas canções dos discos que lhe deram a fama internacional, como *Tanto Tempo* (2000), *Bebel Gilberto*, *Momento* (2007) e *All in One* (2009). Todos foram gravados ao vivo excepto dois, gravados em estúdio, *Samba e Amor* – que canta com o autor, o tio Chico Buarque -, e *Sun is Shining*, de Bob Marley. Como o próprio título sugere, a cantora divide a vida entre os Estados Unidos e o Brasil, participou em projetos como Red Hot + Rio ao lado de estrelas como Everything But the Girl e George Michael, e colaborou com o produtor japonês Towa Tei e o músico Mike Patton.



SEMPRI LIDER

Gil Semedo
Giva, 2011

Foi lançado em Roterdão, na Holanda, e é um marco na carreira do cantor cabo-verdiano radicado na Holanda porque representa o início de um novo capítulo da carreira de Gil Semedo. Aos 39 anos, o cantor celebra as raízes e o regresso à parceria com o irmão Vado Semedo com quem recupera o *Caboswing*, um estilo musical criado pelos dois, espécie de música pop dançante de Cabo Verde. O disco traz novos sons, fusões e ritmos dançáveis, mas o título é um tributo ao ídolo Michael Jackson. O músico canta em dueto com o rapper luso-caboverdiano Boss AC, a angolana Yola Semedo e a brasileira Loalwa “Kaoma” Braz, que nos anos 1980 celebrou a lambada *Chorando Se Foi*. O disco foi lançado em Cabo Verde onde Gil Semedo arrancou com a digressão que levou *Sempri Lider* a diferentes países de África, Europa e América. Desde 1991, Semedo lançou vários álbuns, vários conquistaram a platina e o ouro, como *Sweet Honey*, *Maria Julia* ou *Nos lider*.

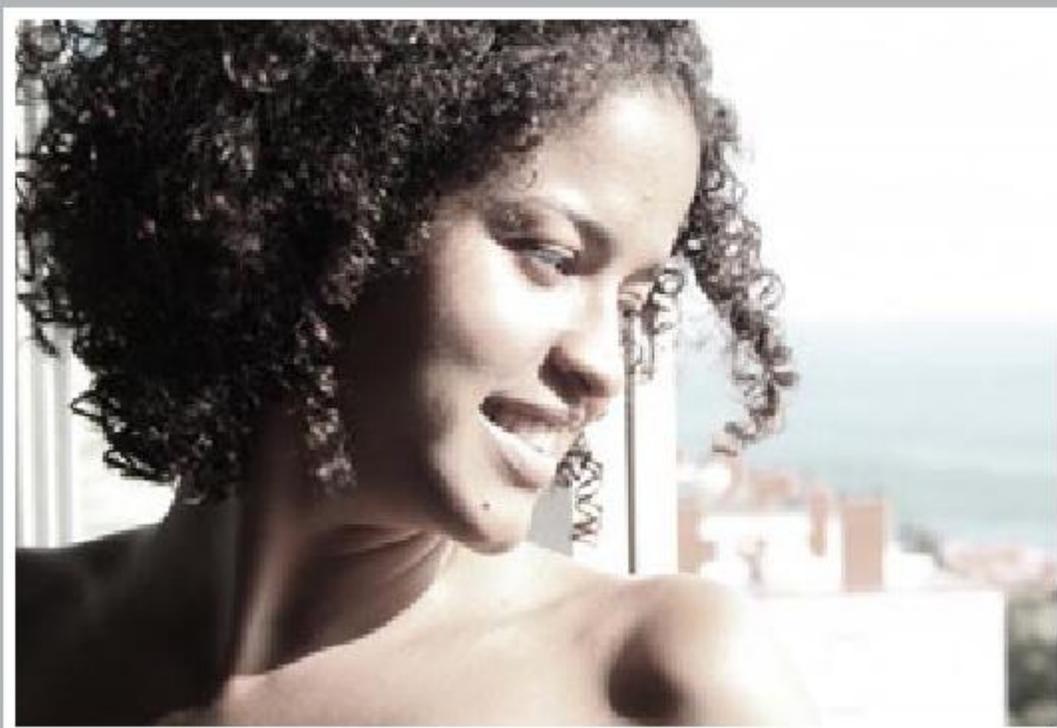


MOVIMENTO

Aline Frazão
Ponto Zurca/Coast to Coast, 2013

É uma revelação da nova geração de músicos angolanos que mistura as raízes com influências da bossa nova e do jazz. O novo disco inclui 12 temas que viajam do Brasil a Cabo Verde passando por várias outras estações, como aliás a vida de Aline Frazão. A jovem nasceu em Luanda, estudou em

Lisboa, viveu em Barcelona e Madrid e mora actualmente em Santiago de Compostela. Gravou o primeiro disco *Clave Bantu* de forma independente com o contrabaixista cubano José Manuel Diaz, o percussionista galego Carlos Freire e dois convidados especiais - o trombonista português Rúben da Luz e o guitarrista brasileiro Sérgio Tannus. A cantora e compositora já cantou de tudo um pouco, do fado à música popular brasileira, passando pelo jazz e as tradições de Angola e Cabo Verde. Começou a escrever as primeiras canções na adolescência e hoje canta letras inéditas saídas da pena de escritores como José Eduardo Agualusa e Ondjaki. Com composição da própria Aline Frazão, *Movimento* conta com a colaboração do poeta angolano Carlos Ferreira “Cassé” e inclui um poema de Alda Lara musicado pela artista. Foi editado em Portugal e em vários outros países da Europa, e foi lançado em Maio na terra Natal da artista.



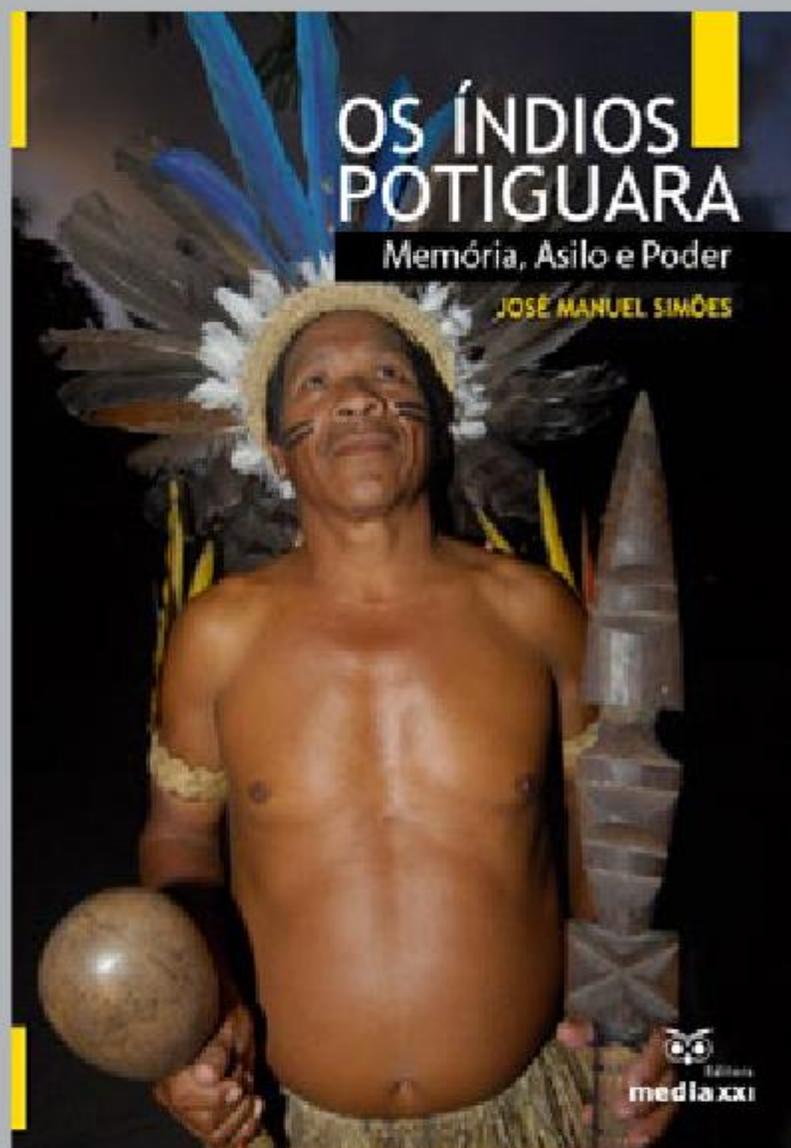
MEL AZUL

Norberto Lobo
Mbari, 2012

Foi nomeado para o prémio de Melhor Álbum Europeu Independente de 2012 atribuído pela Impala, a organização que reúne várias editoras discográficas independentes da Europa, ao lado de nomes como The XX, Alt-J e El Perro Del Mar. É o terceiro disco do guitarrista português com a chancela da editora independente Mbari e, como os antecessores *Pata Lenta* (2009) e *Falsa Mansa* (2011), mostra de que matéria

é feita a nova geração de guitarristas lusos, na linha de Filho da Mãe, Cipriano Mesquita, Luís Varatojo dos Naifa e Tó Trips dos Dead Combo (os dois últimos que tocaram recentemente em Macau). *Mel Azul* é emoção transferida para as seis cordas da guitarra do músico lisboeta que tem feito um percurso em crescendo desde *Mudar de Bina* (2007), mantendo o resgito bucólico que o caracteriza e quase sempre sem voz a acompanhar. Norberto Lobo é versado em várias guitarras, com particular dedicação à acústica, mas também à eléctrica.





OS ÍNDIOS POTIGUARA - MEMÓRIA, ASILO E PODER

José Manuel Simões

Editoria Media XXI, 2013

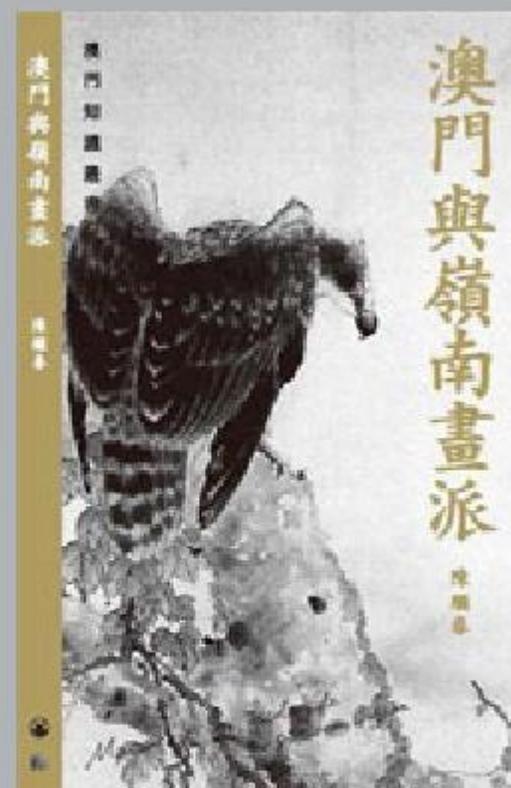
José Manuel Simões partiu à descoberta e voltou com uma tese de doutoramento, um documentário e muitas histórias para contar. Este livro é o resultado da tese de doutoramento do jornalista e coordenador dos Estudos de Comunicação e Media da Universidade de São José, em Macau, que engloba os campos da História, da Antropologia Cultural e das Teorias da Comunicação. O estudo acompanha e reflecte sobre a comunidade de 5000 índios que habita 32 aldeias na região da Baía da Traição, no Brasil; um grupo cultural que se abriu ao exterior mas manteve traços, manifestações e representações culturais ancestrais e singulares. O autor cruza a documentação histórica, cronística, cartográfica com um enorme arquivo de entrevistas a caciques, pajés e curandeiros e a percepção das próprias origens, meio social e manifestações e práticas culturais. A par do livro, José Manuel Simões fez e lançou em Junho deste ano um documentário cinematográfico sobre o tema no Instituto Português do Oriente, em Macau.

MACAU E A ESCOLA DE PINTURA LINGNAN

Chan Kai Chon

**Fundação Macau e Joint
Publishing HK, 2013**

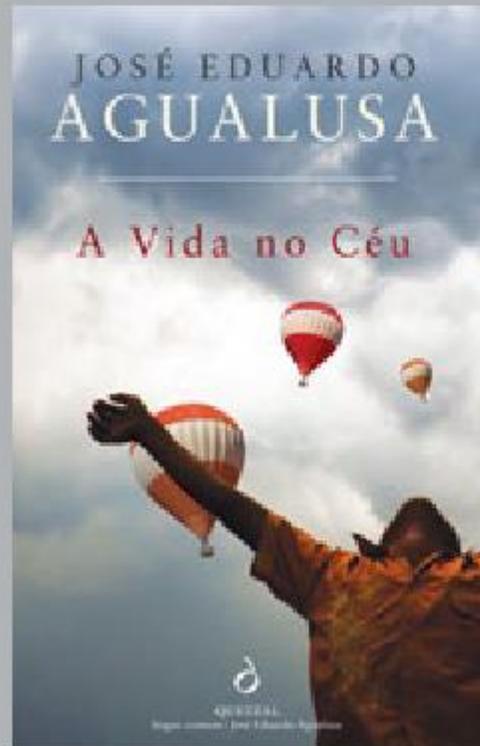
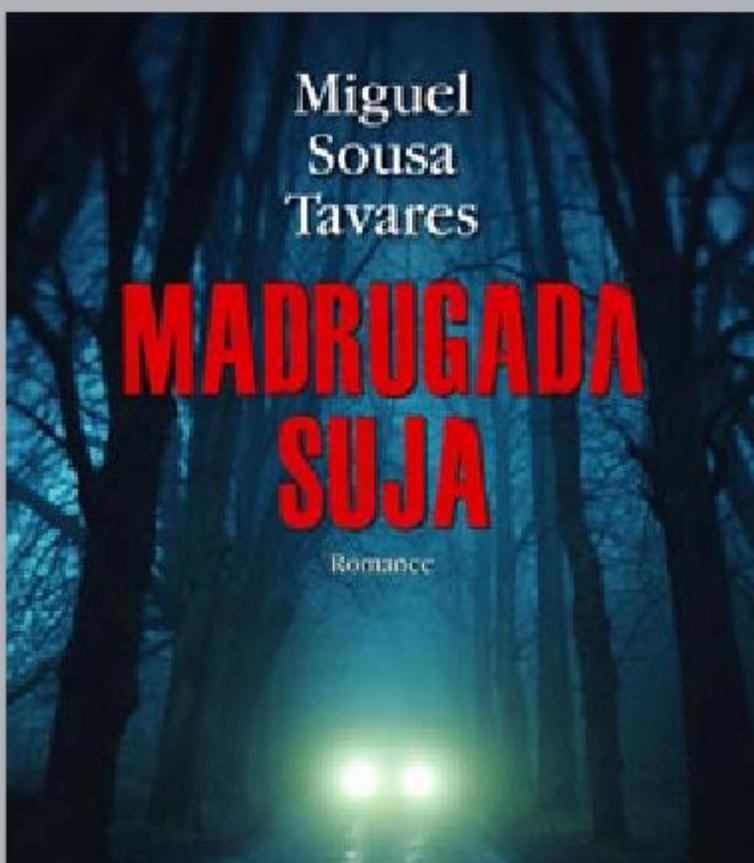
Faz parte da Colecção de Conhecimentos de Macau. O objectivo da obra é “dar a conhecer Macau de um modo mais profundo”, uma vez que reúne resultados relevantes de estudos e investigações periódicas do autor na área de História de Belas Artes de Macau, tal como expõe uma centena de ilustrações, algumas nunca publicadas. Chan Kai Chon é doutorado em História de Belas Artes, pela *China Central Academy of Fine Arts* e publicou, por convite, muitas dissertações feitas em conferências internacionais sobre a matéria. Tem como obras mais representativas *George Chinnery e Macau*, *Crónica de Pintores de Macau* e *Crónica de Pintores de Macau (continuação)*.



MADRUGADA SUJA

Miguel Sousa Tavares
Clube do Autor, 2013

O jornalista e autor de obras como *Rio das Flores* (2007) e *Equador* (2003) está de volta aos escaparates. O novo romance foi lançado no Palácio Galveias, em Lisboa. São 352 páginas onde é relatada, a várias vozes, a saga de uma família alentejana desde os avós até ao neto, com a realidade social portuguesa das últimas décadas como pano de fundo. Não é um romance histórico, mas tem como cenário memórias do Estado Novo, do 25 de Abril, do conturbado 1975 e temas que o autor conhece bem, tal como a corrupção na justiça e no ambiente. “No princípio, há uma madrugada suja: uma noite de álcool de estudantes que acaba num pesadelo que vai perseguir os seus protagonistas durante anos”, refere a nota de apresentação do livro. “Intercaladamente, e através de várias vozes narrativas, seguimos o destino dessa aldeia e em simultâneo o dos protagonistas daquela madrugada suja e daquela intriga política. Até que o final do dia e o raio verde venham pôr em ordem o caos aparente.” É o 13.º livro do autor, vencedor do Prémio Clube Literário do Porto e Prémio Grinzane Cavour em 2007, e o Prémio Branquinho da Fonseca em 2008.



A VIDA NO CÉU

José Eduardo Agualusa
Quetzal, 2013

Acaba de ser lançado, pouco tempo depois de o autor angolano ter passado pelo Festival Literário de Macau – Rota das Letras. O novo romance de Agualusa, primeiro com a chancela da editora portuguesa Quetzal, chega acompanhado da reedição de *Um Estranho em Goa*, quase três décadas depois da publicação da primeira obra *A Conjura* (Editorial Caminho) que recebeu o Prémio Revelação Sonangol. O primeiro também de muitos galardões, como o Grande Prémio de Literatura RTP pelo romance *Nação Crioula* (1998), o Grande Prémio de Conto da Associação Portuguesa de Escritores pelo livro de contos *Fronteiras Perdidas* (1999) e o *The Independent Foreign Fiction Prize* com *O Vendedor de Passados* (2004). Este novo trabalho é um registo diferente do escritor, dedicado aos filhos e ao público mais jovem. Tem como ponto de partida um dilúvio que faz com que a Terra se torne inabitável e o homem suba aos céus para habitar aldeias suspensas e cidades flutuantes. O narrador é um jovem de 16 anos, Carlos Benjamim Moco, da aldeia de Luanda, que parte em busca do pai desaparecido numa tempestade.



* Arquivo Histórico de Macau

ILHA VERDE, DÉCADA DE 1950

Hoje é difícil de perceber o porquê do nome “Ilha Verde” desta localidade na zona noroeste de Macau. Mas antigamente a Ilha Verde era uma pequena ilha granítica com bosques verdejantes que originaram o nome atribuído pelos jesuítas que aí viveram no século XVII. Os jesuítas, liderados por Alessandro Valignano, ocuparam em 1603-1604 esta ilha, que naquela altura também se chamava “Ilha dos Diabos”, para garantir que os chineses não a ocupassem. Em 1624, com a autorização das autoridades chinesas, os jesuítas começaram a construir capelas, conventos e casas de lazer e retiro nesta ilha, tornando-a num local de retiro e descanso para os missionários e estudantes do Colégio de S. Paulo. Na década de 1950, várias famílias de pescadores povoaram a localidade e aí estabeleceram um conjunto de barracas. Actualmente, a Colina da Ilha Verde, que ainda hoje mantém a sua vegetação luxuriante, está incluída na lista dos sítios classificados pelo Governo de Macau.

MACAU 2012

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2012** – Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2012** – Livro do Ano é uma publicação que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2012** – Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios) ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.



收藏

澳門郵票

Colección Selos de Macau

Collect Macao's Stamps



漢江東逝水
浪淘盡英雄
故壘成秋草
空
青山依舊在
幾度夕陽紅
白髮漁樵江渚上
慣看秋月春風
一壺濁酒喜相逢
古今多少事
都付笑談中
湖亭望江山

文學與人物 I
Literatura e Personagens Literárias
O Fontaie do T'ao Ma'ao II



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau

• 電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491
• 傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603

• 電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo
• 網址 Website : www.macaupost.gov.mo



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas. Facilitamos Negócios